

REVISTA RIEC

REVISTA INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS



CHATGPT, PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

A FANS
FACULDADE DE NOVA SERRANA

VOLUME 01 - 13ª EDIÇÃO
MAIO 2024



CONSELHO EDITORIAL

Presidente da Fund. Educ. Fausto Pinto da Fonseca

Adm. Roney Pedro Soares da Silva

Diretor da FANS – A Faculdade de Nova Serrana

Prof. Helder Mendonça Duarte

Gestora Administrativa da FANS

Profa. Vanusa Aparecida de Azevedo

Coordenadora de Pesquisa e Extensão

Profa. Franciane Machado Lamóia

Coordenadores dos Cursos de Ciências Contábeis e Administração

Prof. Ciro Antônio Pereira Lemos

Prof. Hilton Wayner Júnior

Coordenador do Curso de Direito

Prof. Harley Christian do Valle Silva

Coordenador do Curso de Psicologia

Prof. Ozéas da Silva Lopes Júnior

Coordenador do Curso de Pedagogia

Prof. Gilson Geraldo de Bessas

Editorial da RIEC

Franciane Machado Lamóia – Editora Chefe

Hélder Mendonça Duarte

Gilson Geraldo de Bessas

Revisão de periódico

Franciane Machado Lamóia

Nália Aparecida de Lacerda Viana

Obs.: A editoração da RIEC é uma das atividades executadas entre os entes já elencados em parceria com os Núcleos docentes Estruturantes dos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Psicologia, Pedagogia e Direito da Faculdade de Nova Serrana. A autenticidade dos textos é de responsabilidade de seus autores, conforme critérios assumidos no momento da submissão.

Sumário

A APLICABILIDADE DOS MAPAS MENTAIS COMO FORMA DE ESTÍMULO A APRENDIZAGEM E MEMORIZAÇÃO NOS ESTUDOS

Gilson Geraldo de Bessas, Hélder Mendonça Duarte.....05

AFROEMPREENDEDORISMO FEMININO:

Um estudo sobre o empreendedorismo feminino de afrodescendentes no mercado de Nova Serrana

Bruna Rayane de Barros Silva Soares, Ciro Antônio Pereira Lemos, Kaliane Karla de Carvalho Paixão.....15

A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Helena Saldanha do Bonfim, Marinalva Aparecida Pereira da Silva, Nália Aparecida de Lacerda Viana...32

A PSICOMOTRICIDADE COMO CAMPO DE ATUAÇÃO PEDAGÓGICO NO CENÁRIO PÓS-PANDEMIA

Júlia Gabriela Figueiredo Santos, Larissa Fernanda Teixeira, Geraldo Fernandes Fonte Boa.....50

A BUSCA DA FELICIDADE, FATORES QUE A INFLUENCIAM.

Franciane Machado Lamóia , Gilson Geraldo de Bessas, Nália Aparecida de Lacerda Viana.....68

INTERFACES DO CUIDADO

Carlos Corrêa de Lacerda Júnior, Denise Sanches Lopes, Karina de Souza Dias, Nália Aparecida de Lacerda Viana.....78

Neopragmatismo e seus impactos na prática pedagógica e na Educação Brasileira

Ana Júlia Moreno Duarte Silva, Geraldo Fernandes Fonte Boa.....84

UM TAL PADRE CATURRA E O PROBLEMA DAS "FONTES" HISTORIOGRÁFICAS

Geraldo Fernandes Fonte Boa.....102

APRESENTAÇÃO

Por **Franciane Lamóia e Hélder Mendonça**, Editores da RIEC.

A educação e a pedagogia são campos dinâmicos e essenciais para o desenvolvimento social e individual. A **13ª edição** da **REVISTA INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS – RIEC – “ChatGPT, Pedagogia e Educação”**, aborda temas relevantes e atuais e visam contribuir para a prática pedagógica e a reflexão teórica.

Neste volume, apresentamos artigos que exploram novas metodologias de ensino, o uso da tecnologia na educação, como a aplicação dos mapas mentais como forma de aprendizagem, a importância das brincadeiras etc...

O objetivo desta edição é a socialização desta vivência que cumpre o importante espaço de disseminar e de compartilhar saberes e interação entre a FANS e toda a sociedade acadêmica.

Através da Pesquisa e Extensão, uma das funções sociais da FANS, é que acontece a comunicação e os aprendizados com a sociedade para que seja reafirmado que as políticas públicas devem-se centrar nas pessoas e na vida em sua perfeição.

A Revista Científica ChatGPT, Pedagogia e Educação, reafirma seu compromisso em promover o avanço do conhecimento na área educacional, oferecendo um espaço para a divulgação de pesquisas que impactam diretamente a prática docente e a teoria pedagógica. Esperamos que os artigos aqui apresentados inspirem educadores e pesquisadores a continuar inovando e buscando novas formas de transformar a educação.

Boa leitura!

A APLICABILIDADE DOS MAPAS MENTAIS COMO FORMA DE ESTÍMULO A APRENDIZAGEM E MEMORIZAÇÃO NOS ESTUDOS

DOI: 10.29327/2405920.1.13-1

Prof. Me. Hélder Mendonça Duarte¹
Prof. Esp. Gilson Geraldo de Bessas²

RESUMO

Um mapa mental é uma ferramenta visual que ajuda a organizar informações de maneira clara e concisa. Ele pode ser utilizado para estudos, organização de tarefas ou estruturação de um planejamento. No centro de um mapa mental coloca-se o objetivo ou a ideia central, de onde partem outras informações a ela relacionadas. É possível fazer diversas ramificações a partir de cada palavra-chave. Os mapas mentais foram sistematizados no final dos anos 60 pelo britânico Tony Buzan, um estudioso dos processos de aprendizagem e memorização. Organizadas de maneira visual, as informações são compreendidas e memorizadas de maneira mais fácil. Isso porque, ao associar uma palavra a outra, estruturam-se as ideias de forma semelhante ao funcionamento do cérebro. Outro recurso que contribui para a memorização são as cores, imagens e símbolos, que podem ser usados juntamente com as palavras-chave. A associação das informações a imagens ativa diferentes regiões do cérebro e facilita a memória. Ao elaborar um mapa mental, é importante utilizar palavras-chave curtas e evitar textos longos. Para criar um mapa mental é preciso de uma folha em branco, lápis e canetas, de preferência coloridas. Você também pode usar outros recursos, como adesivos e fotos.

ABSTRACT

A mind map is a visual tool that helps organize information in a clear and concise way. It can be used for studying, organizing tasks or structuring a plan. In the center of a mental map, the objective or central idea is placed, from which other information related to it departs. You can make multiple branches from each keyword. Mental maps were systematized in the late 1960s by the British Tony Buzan, a scholar of learning and memorization processes. Organized in a visual way, the information is understood and memorized in an easier way. This is because, by associating one word with another, ideas are structured in a similar way to how the brain works. Another resource that contributes to memorization is colors, images and symbols, which can be used along with keywords. The association of information to images activates different regions of the brain and facilitates memory. When creating a mind map, it is important to use short keywords and avoid long texts. To create a mind map you need a blank sheet of paper, pencils and pens, preferably in color. You can also use other features like stickers and photos.

¹ Professor e Diretor da FANS – A Faculdade de Nova Serrana

² Professor e Coordenador do Curso de Pedagogia da FANS – A Faculdade de Nova Serrana

I – INTRODUÇÃO

Os mapas mentais são uma poderosa ferramenta cognitiva que tem ganhado destaque como uma forma eficaz de estimular a aprendizagem e a memorização nos estudos. Eles representam uma abordagem visual e estruturada para organizar informações complexas, facilitando a compreensão e a retenção de conceitos. Os mapas mentais permitem que os estudantes explorem tópicos de forma mais aprofundada, conectando informações de maneira lógica e intuitiva. Neste contexto, este texto discutirá a aplicabilidade dos mapas mentais como uma ferramenta valiosa no processo de aprendizagem, destacando como eles podem melhorar a retenção de informações, o entendimento de conceitos e a eficácia do estudo. Além disso, exploraremos técnicas para criar mapas mentais eficazes e como incorporá-los com sucesso na rotina de estudos. É fundamental compreender como essa abordagem inovadora pode ser um catalisador para o sucesso acadêmico e profissional.

Os mapas mentais foram popularizados e formalizados como uma técnica específica na década de 1970 pelo autor e consultor inglês Tony Buzan. Ele desenvolveu e promoveu essa técnica como uma forma de organizar informações de maneira mais eficaz, utilizando uma estrutura não linear para representar ideias e conceitos. A ideia de utilizar diagramas e representações visuais para auxiliar na compreensão e na organização do pensamento, no entanto, tem raízes que remontam a muitos séculos atrás. A contribuição de Buzan foi tornar essa abordagem mais amplamente reconhecida e adotada.

II – VANTAGENS DOS MAPAS MENTAIS

Mapas mentais são ferramentas poderosas que oferecem diversos benefícios. Com mais vantagens, esta ferramenta pode facilitar até os mais complexos raciocínios e lógicas, tais como:

1. **Aprendizagem Relevante:** Os mapas mentais permitem uma aprendizagem mais significativa. Ao conectar novos conhecimentos com o que já sabemos, criamos uma estrutura de conhecimento relevante. Isso ocorre porque os mapas

mentais forçam os alunos a encontrar conexões entre diferentes partes de um tópico central. Assim, a aprendizagem se torna mais profunda e integrada.

2. **Memorização e Retenção:** Os mapas mentais têm semelhanças com a técnica antiga chamada “loci”. Na época dos gregos e romanos, eles usavam visualizações mentais para memorizar informações. Da mesma forma, os mapas mentais nos ajudam a criar elementos visuais e conexões, facilitando a retenção de grandes quantidades de dados.
3. **Visão Global e Foco:** Utilizar mapas mentais desenvolve nossa capacidade de enxergar o todo. Eles estimulam ambos os lados do cérebro, combinando criatividade e racionalidade. Essa abordagem torna as informações mais compreensíveis e fáceis de memorizar.
4. **Estímulo à Criatividade:** Ao organizar ideias em categorias e hierarquias, os mapas mentais estimulam a geração de novas ideias. A visualização gráfica ajuda a explorar diferentes perspectivas e solucionar problemas.

Em resumo, os mapas mentais são uma ferramenta versátil que melhora o aprendizado, a memória, a produtividade e a criatividade.

III – DESVANTAGENS DOS MAPAS MENTAIS

Os mapas mentais, apesar de suas vantagens, também apresentam algumas desvantagens. Vamos explorá-las:

1. **Complexidade Visual:** Em alguns casos, os mapas mentais podem se tornar **visualmente sobrecarregados** ou confusos, especialmente quando usados para explorar conceitos extremamente complexos. A abundância de informações e conexões pode dificultar a compreensão.
2. **Limitação de Palavras-Chave:** Os mapas mentais geralmente dependem de **palavras-chave** para representar ideias. Isso pode resultar em **mapas conceituais vagos**, pois nem sempre conseguem capturar nuances ou detalhes completos.
3. **Tempo de Compreensão:** Comparados a outras formas de visualização, os mapas mentais podem **demorar mais tempo para serem entendidos**. A interpretação das relações entre os elementos requer um esforço cognitivo adicional.

4. **Dificuldade na Elaboração:** Criar mapas mentais pode ser mais **trabalhoso e elaborado** do que simplesmente fazer anotações regulares. A organização das informações e a escolha das palavras-chave certas exigem atenção e esforço.
5. **Limitações de Compartilhamento:** Às vezes, os mapas mentais não são facilmente compartilháveis com outras pessoas. Isso pode ser uma desvantagem quando se trabalha em equipe ou precisa colaborar com colegas.

Embora os mapas mentais sejam uma ferramenta poderosa, é importante estar ciente dessas desvantagens e usá-los de maneira adequada, considerando o contexto e os objetivos específicos.

IV – APLICABILIDADES DOS MAPAS MENTAIS

Os mapas mentais são incrivelmente versáteis e podem ser aplicados em uma ampla gama de situações, desde o ambiente acadêmico até o profissional e pessoal. Formas de aplicação:

1. **Organização de ideias:** São ótimos para organizar conceitos e informações complexas. Podem ser usados para esboçar um plano, um projeto ou para resumir informações.
2. **Tomada de notas eficiente:** Permitem capturar informações de maneira mais concisa e visual, facilitando a revisão e compreensão posterior.
3. **Estímulo à criatividade:** Por sua estrutura não linear, os mapas mentais incentivam conexões criativas entre conceitos e ideias.
4. **Gestão do tempo e tarefas:** Podem ser usados para criar listas de afazeres, estabelecer prioridades e acompanhar o progresso em projetos.
5. **Apresentações visuais:** São uma ótima maneira de apresentar informações de forma visual e lógica.
6. **Apoio ao estudo:** Auxiliam na revisão de conteúdos, na compreensão de tópicos complexos e no estímulo à memorização.
7. **Brainstorming e resolução de problemas:** Excelentes para reunir ideias durante sessões de brainstorming e para analisar problemas de maneira mais abrangente.
8. **Planejamento estratégico:** Podem ajudar na definição de metas, estratégias e no planejamento de longo prazo.

A versatilidade dos mapas mentais está na sua capacidade de representar visualmente ideias complexas de forma simples e organizada, tornando-os uma ferramenta poderosa em diversas áreas da vida.

V – EXEMPLOS DE MAPAS MENTAIS

Existem muitos tipos de mapas mentais, dependendo do propósito e do contexto em que são utilizados. A abordagem padrão para mapas mentais é começar no centro com a **ideia principal** e ramificar a partir daí, criando conexões interessantes ou notáveis à medida que você explora o assunto.



Figura 1 – Exemplo de mapa mental contendo somente palavras

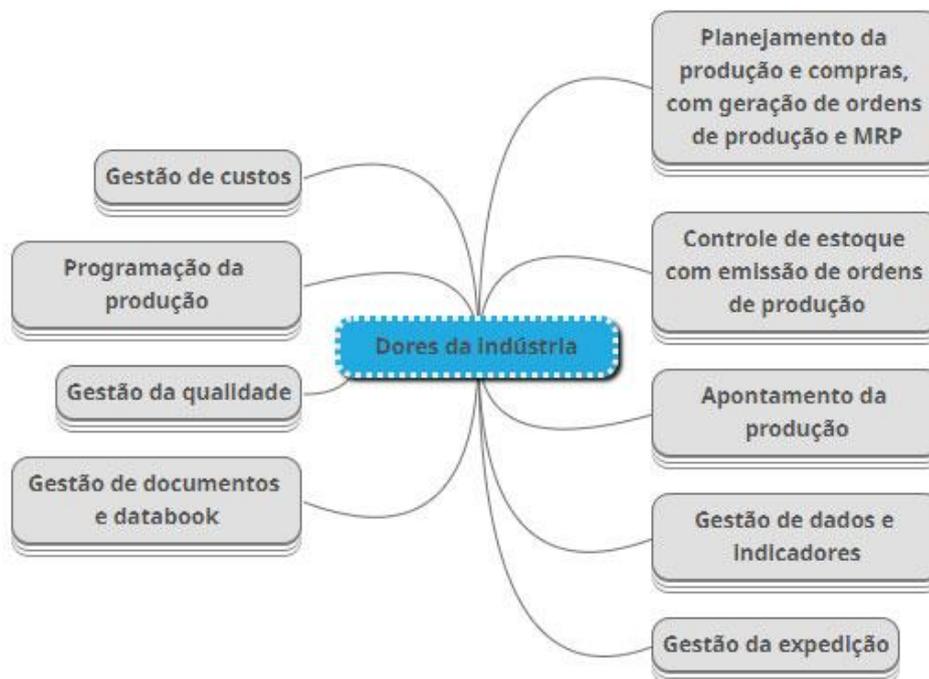


Figura 2 – Exemplo de mapa mental contendo ramificações de gestão na Indústria

Acima, na figura 1, temos um exemplo de mapa mental construído sobre o tema realismo, fazendo divisões organizadas por fases, situações, autores e locução temporal. Neste caso espera-se que o aluno entenda o assunto e crie subdivisões para responder questões propostas.

Na figura 2, temos como base o tema “Dores da Indústria, onde são criadas ramificações, conectadas – ou não – entre si, se equiparando ao desenvolvimento de conexões neurais no cérebro.

Podemos utilizar os mapas mentais em diversos contextos e para fins variados. No livro *The Mind Map Book* (Buzan & Buzan, 1994), os autores indicam possíveis usos de mapas para fins pessoais, familiares, educacionais, profissionais e para negócios:

Baseando-se em Buzan & Buzan (1996), Buzan et al. (1999), North (1999a, 1999b), Uhlfelder (2000) e Murkejea (2003b), Chicarino (2005, p.45) assinala as seguintes aplicações:

- Aprendizado;
- Organização e planejamento (de reuniões, palestras, projetos etc.);

- Comunicação: comunicar-se com alguém através de um mapa depende do preestabelecimento de códigos com esta pessoa para que não ocorram equívocos de interpretação.
- Tomada de decisão: o mapa aponta as implicações de cada caminho;
- Negociação: por razões semelhantes às de tomada de decisão;
- Desenvolvimento (de ideias e produtos);
- Reunião: pode ser usado antes e durante como uma forma de registrar a ata;
- Apresentação: por proporcionar uma visão global da mesma, ele dá maior liberdade ao apresentador no sentido de decidir como conduzir sua apresentação de acordo com as necessidades e reações de seus ouvintes;
- Brainstorming: especialmente útil para a técnica de brainstorming em grupo; o mapa colabora para que nenhuma ideia seja desperdiçada.
- Análise de casos;
- Preparação de aula, seminário ou similares: organização e ordenamento dos conteúdos para facilitar a execução prática.

Correia & Sá (2010, p.40), por sua vez, utilizaram mapas mentais para estudar a cartografia cognitiva, isto é, o estudo de “como se dá o raciocínio espacial do indivíduo quando usa o mapa”. As autoras observaram a construção do conhecimento via mapas mentais para a geração de bases de dados espaciais. Belluzo (2006) ressalta o potencial dos mapas como tecnologia de apoio à gestão da informação e da comunicação.

Chicarino (2005) cita experiências bem sucedidas de uso de mapas como ferramenta de gestão de projetos em empresas. Budd (2003) trata dos mapas como exercícios de sala de aula em curso de graduação em economia

Essas são apenas algumas das aplicações dos mapas mentais. A versatilidade dessa ferramenta permite que ela seja utilizada em muitas outras áreas, como organização pessoal, resolução de problemas, tomada de decisões e muito mais.

VI – SOFTWARES PARA CRIAÇÃO DE MAPAS MENTAIS

Para criar mapas mentais, existem várias opções de software, cada um com suas próprias características e vantagens. Dentre eles, seguem os que mais destacam-se:

(É possível perceber na figura 2 abaixo, o modo neutro para se iniciar um mapa mental).



Figura 2 – Exemplo neutro de mapa mental para desenvolvimento de diversos assuntos

1. **MindMeister**: Considerado um dos melhores softwares de mapeamento mental em geral. Ele oferece uma versão gratuita. O MindMeister é ótimo para colaboração em tempo real e permite criar mapas mentais visualmente atraentes.
2. **MindManager**: Se você precisa de colaboração em tempo real, o MindManager é uma excelente escolha. Não tem versão gratuita. Ele oferece recursos avançados para gerenciar projetos e ideias.
3. **Ayoa**: Este software possui recursos alimentados por inteligência artificial (IA). Ele oferece uma **versão gratuita**. O Ayoa é ideal para quem busca uma abordagem moderna para mapeamento mental.
4. **Coggle**: Se você está começando, o Coggle é uma opção amigável para iniciantes. Ele tem uma versão gratuita. O Coggle é simples e eficaz para criar mapas mentais básicos.
5. **XMind**: Este software é popular e oferece versões para **Windows, macOS, Linux, Android e iOS**. Não tem versão gratuita. O XMind é versátil e adequado para brainstorming pessoal.
6. **MindNode**: Para usuário da Apple, o MindNode é uma excelente escolha. Ele tem uma **versão gratuita**. O MindNode é otimizado para dispositivos Mac.
7. **Lucidchart**: Este software oferece uma biblioteca de modelos e diagramas. Ele tem uma **versão gratuita**. O Lucidchart é útil para criar mapas mentais e outros tipos de diagramas.

8. **Miro**: Se você trabalha remotamente, o Miro é uma excelente escolha. Ele oferece colaboração para equipes remotas e tem uma **versão gratuita**.
9. **Mindomo**: Este software tem uma versão para **Android**. Ele oferece uma **versão gratuita**. O Mindomo é útil para criar mapas mentais em dispositivos móveis.
10. **MindGenius**: Se você usa Windows, o MindGenius é uma opção sólida. Não existe versão gratuita. Ele é especialmente útil para planejamento e gerenciamento de projetos.

VI - CONCLUSÃO

Este artigo teve o intuito de dissertar sobre os mapas mentais, seu objetivo, características e aplicações. O estudo proporciona uma visão aumentada de sua importância em contextos de ensino onde há comprovadamente a necessidade do desenvolvimento de letramentos que envolvem diferentes tipos de linguagem, conhecidas como multissemióticos (Rojo, 2009). Um dos intentos dessa pesquisa é analisar a importância dos mapas mentais e como esses mapas mentais contribuem para o desenvolvimento desses tipos de letramento.

A utilização de mapas mentais pode ser uma ferramenta valiosa para o aprendizado e a memorização de informações. Segundo uma revisão bibliográfica, os mapas mentais e os mapas conceituais são ferramentas pedagógicas preciosas que podem contribuir para uma melhor estrutura cognitiva dos estudantes, com o consequente aumento de eficácia nos seus resultados escolares. Além disso, estudos indicam que os mapas mentais são mais eficientes para a memória de longo prazo quando comparados a outros sistemas de anotação. No entanto, é importante lembrar que a motivação é um fator importante para aumentar os resultados positivos na memorização e aprendizado do conteúdo.

Mapas conceituais e outras formas visuais de registro de informação são também discutidos. O texto se encerra propondo mais discussão sobre o tema, com o objetivo claro de trazer para o estudante mais um a forma de estudo ou linguagem, que possa agregar na forma de estudar um determinado assunto.

Sendo assim, o grande objetivo deste capítulo foi contribuir para a construção de um maior entendimento sobre o que são os mapas mentais e sobre o enorme

potencial que possuem para pesquisadores das mais diversas áreas. Tal entendimento é fundamental para esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Arnheim, R. (1969) *Pensamento Visual*. Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press.
- BELUZZO, Luiz Gonzaga, O capital e suas metamorfoses, Editora UNESP, 2006
- Braden, RA (1996) 'Alfabetização Visual', *Journal of Visual Literacy* 16 (2): 9-83.
- BUZAN, Tony, The Mind Map Book: 9How to Use Radiant Thinking to Maximize Your Brain's Untapped Potential, editora Dutton Adult, 1994.
- Chicarino, Gustavo Zanardi, O uso do mind map como ferramenta de gestão de projetos em áreas de consultoria e desenvolvimento de negócios e produtos, USP, 2020
- DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M. GAYDECZKA, B. BRITO, K.S.(org.) Gêneros textuais: Reflexões e Ensino. Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2005.
- ____ Gêneros discursivos: contribuições teóricas e aplicadas. In: PETRONI, M.R. Gêneros do discurso, leitura e escrita: experiências de sala de aula. São Carlos: Pedro & João Editores/ Cuiabá: EdUFMT, 2008.
- KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Kress, G. e Van Leeuwen, T. (1996) *Lendo Imagens: A Gramática do Design Visual*. Londres: Routledge.
- Mitchell, WJT (1986) *Iconologia: Imagem, Texto, Ideologia*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Mukherjee, S.and Benson, T.(2003) 'The determinantsof poverty in Malawi, 1998', World Development, .

AFROEMPREENDEDORISMO FEMININO:

Um estudo sobre o empreendedorismo feminino de afrodescendentes no mercado de Nova Serrana

DOI: 10.29327/2405920.1.13-2

Bruna Rayane de Barros Silva Soares³
Ciro Antônio Pereira Lemos⁴
Kaliane Karla de Carvalho Paixão⁵

RESUMO

Este trabalho visa analisar alguns pontos acerca da maneira como as mulheres afrodescendentes enfrentam os desafios ao ocuparem o mercado empreendedor, considerando sua vida pessoal, profissional e social, hereditariedade, do ponto de vista das desigualdades de gênero. A partir da observação das dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho, verificou-se a necessidade de analisar a trajetória delas no mercado em que atuam, considerando a sobreposição da vida profissional, pessoal e social. Para tanto, empregou-se um método qualitativo, com finalidade descritiva e levantamento de dados por meio de entrevistas envolvendo mulheres empreendedoras de três diferentes setores do empreendedorismo. O aspecto principal a ser destacado a partir das entrevistas relaciona-se às questões de aceitação, tanto raciais quanto de gênero. Além disso, verificou-se que dependendo do setor em que elas desejam empreender, podem não sofrer nenhum tipo de preconceito, considerando que o país tem deixado de lado algumas questões sociais recorrentes no passado. Sem dúvida, houve avanços, mas o caminho da cidadania e da igualdade para grande parte das trabalhadoras brasileiras, especialmente as afrodescendentes, configura-se ainda como uma longa jornada a ser vencida.

Palavras-chave: afroempreendedorismo feminino; gênero; empreendedorismo; carreira; trabalho.

³ Graduada em Administração pela Faculdade de Nova Serrana (MG).

⁴ Mestre em Administração. Professor da Faculdade de Nova Serrana (MG) e da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

⁵ Graduada em Administração pela Faculdade de Nova Serrana (MG).

ABSTRACT

This paper aims to analyze some points about the way in which Afro-descendant women face challenges when occupying the entrepreneurial market, considering their personal, professional and social life, heredity, from the point of view of gender inequalities. From the observation of the difficulties faced in the labor market, there was a need to analyze the trajectory of these women in the market in which they operate, considering the overlapping of professional, personal, and social life. To this end, a qualitative method was used, with descriptive purposes and data survey by means of interviews involving women entrepreneurs from three different sectors of entrepreneurship. The main aspect to be highlighted from the interviews is related to issues of acceptance, both racial and gender. In addition, it was verified that depending on the sector in which the woman wants to become an entrepreneur, she may not have suffered any type of prejudice, considering that the country has left aside some recurring social issues in the past. Undoubtedly, there have been advances, but the path to citizenship and equality for a large part of the Brazilian women workers, especially those of African descent, is still a long journey to be overcome.

Key words: afroentrepreneurship female; gender; entrepreneurship; career; work.

1 INTRODUÇÃO

Diante das consequências, especialmente as de ordem financeira, o desemprego em massa e a instabilidade trazida, entre outros, pela Covid-19, tornar-se empreendedor pode ser algo da casualidade ou até uma saída diante das necessidades.

O cenário atual demonstra que compreender e se arriscar em um novo negócio, tem sido um grande desafio da sociedade atual. Nesse rompante, empreender pode significar também uma realização profissional, autonomia financeira, idealização de um sonho, aprendizado e até mesmo atender as opções disponíveis no mercado e os nichos escolhidos para ter sucesso. Afinal, empreender é percepção, direção, dedicação e muito trabalho.

O empreendedorismo é compreendido como uma atividade de cidadania e participação social. Ao longo da história, foi configurado como uma atividade voltada principalmente para homens brancos, com algum recurso financeiro, excluindo, em boa medida, a população afrodescendente, juntamente com a feminina, nesse contexto.

A mulher afrodescendente, destaca-se como exemplo de luta e resistência. Conforme Pereira (1998), no Brasil, onde a população preta é a

maior fora da África, elas estão na base da pirâmide social, condicionadas às piores condições de trabalho, menores salários, ocupando postos mais precarizados e vivendo em lugares sem condições básicas de moradia saudável. As estatísticas do IBGE (2020) apontam que 94,1% são responsáveis pelos afazeres domésticos ou em domicílios em busca de renda.

Elas estão entre os piores índices de indicadores sociais e econômicos do país. Estas diferenças se materializam ao se constatar que recebem menos da metade do salário dos homens brancos, e vivem todos os dias em preocupantes condições de vulnerabilidade, em que o risco da violência é constante.

Ao longo da jornada histórica, as mulheres pretas são consideradas diferentes do padrão proposto pela sociedade. A exclusão social e a desigualdade, sempre influenciaram para o não crescimento delas. Assim sendo, foram excluídas dos direitos propostos a uma mulher branca, como educação, mercado de trabalho e possibilidade de gestão do seu próprio negócio.

A pesquisa em questão tem como fundamento investigar as possíveis dificuldades enfrentadas pelas afrodescendentes em um contexto de empreendedorismo no mercado de Nova Serrana (MG), que se constitui em um polo calçadista relevante. Além disso, espera-se mostrar que elas, com a capacitação e a determinação na busca por seu próprio negócio, podem gerar, inclusive, liberdade emocional e financeira.

O objeto da pesquisa, portanto, pode ser sintetizado na busca de possíveis respostas para a questão: quais os possíveis obstáculos e dificuldades enfrentadas pelas afrodescendentes ao empreender no mercado de Nova Serrana (MG)? Diante disso, tem-se o objetivo geral que é o de identificar e analisar as possíveis dificuldades encontradas pelas afrodescendentes para empreenderem na cidade de Nova Serrana, como forma de realização pessoal, ampliação de ganhos financeiros e qualidade de vida, bem como possíveis formas de minimizar tais obstáculos.

Na sequência serão apresentadas: a fundamentação teórica do trabalho, metodologia utilizada, análise dos dados e considerações finais, além de sugestões para novos estudos e referências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O significado da palavra Empreendedorismo vem do francês *entrepreneur* que significa “aquele que está entre” ou “intermediário” (HISRICH; PETERS, 2004, p. 26). Segundo Chiavenato (2012, p. 13), “empreendedor é aquele que aprende a transformar sonhos em realidade, oportunidades em ações decisivas, metas e objetivos em resultados concretos e boas ideias em ofertas de produtos e serviços inovadores”. Pode-se entender, então, que empreendedores são pessoas comuns com pontos de vistas diferentes, que têm suas metas e objetivos bem traçados, para que mais rápidos possam ser realizados.

Para ser bem-sucedido, o empreendedor não deve apenas saber criar seu próprio negócio, ou mesmo inovar apenas no começo e uma vez somente, ele deve gerir o seu negócio e mantê-lo firme em um ciclo de vida prolongado, de forma a obter um retorno significativo de seus objetivos. Segundo palavras de Degen (2009) o empreendedor, além de dono e criador do seu próprio negócio, é gestor da organização, ou seja, visa o lucro pessoal e arca com os passivos da empresa.

Os primeiros empreendedores no Brasil surgiram devido a uma abertura maior da economia na década de 90. Porém esses novos empreendedores não detinham suficiente conhecimento para administrar seus negócios. Foi a partir da necessidade de capacitação do pequeno empreendedor, que o SEBRAE começou a dar um suporte técnico para esses novos negócios que começavam a crescer.

O movimento do empreendedorismo no Brasil começou a tomar forma na década de 1990, quando entidades como SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e Softex (Sociedade Brasileira para Exportação de Software) foram criadas. Antes disso, praticamente não se falava em empreendedorismo e em criação de pequenas empresas. (DORNELAS, 2005, p.26).

Além do SEBRAE, existem outros programas que auxiliam o empreendedor. São eles o SOFTEX e GENESIS, criados com o intuito de auxiliar as empresas de informática que exportavam *software*. Foi por meio desse programa que o plano de negócios (*business plan*) começou a se popularizar no Brasil. O programa Brasil empreendedor, do governo federal, é também para desenvolver a melhor capacitação do profissional empreendedor.

Para Dornelas (2005) são dois tipos de empreendedorismo. No primeiro deles o empreendedor é visionário, cria uma empresa de forma planejada, tem conhecimento de onde quer chegar e busca a geração de renda, empregos e lucro. Existe também o empreendedor por necessidade. Nesse caso, o empreendedor se arrisca muito mais por falta de opção do que por vocação, em função de estar desempregado ou por falta de alternativas no mercado tradicional de trabalho. Atualmente no Brasil é possível perceber um aumento expressivo de jovens empreendedores, principalmente no que diz respeito à utilização de novas tecnologias.

Desde as últimas décadas do século passado ocorreu um aumento significativo do empreendedorismo feminino. As mulheres estão buscando realizar os seus objetivos, gerenciando empresas dos mais variados portes e setores.

Segundo o IBGE (2020), as mulheres empreendedoras já somam mais de 30 milhões no Brasil, o que representa 48,7% do mercado empreendedor. Ligando esse crescimento à dupla jornada enfrentada por elas, que é lidar com os afazeres domésticos, cuidados com filhos e, agora, com seus empreendimentos, muitas vezes empreendem não por oportunidade e sim por necessidade.

Esse aumento pode estar relacionado às demissões em massa, uma vez que as mulheres são as primeiras a serem demitidas e as últimas a saírem do desemprego. Outra agravante do papel delas no mercado são as remunerações mais baixas que a dos homens, ocupando o mesmo cargo.

A participação crescente de mulheres brasileiras no mercado de trabalho é uma das mudanças sociais mais notáveis no país desde os anos 60. Padrões e valores relacionados ao papel social da mulher têm passado por mudanças, ou seja, reformulação de conceitos e atribuições tradicionalmente instituídos pela sociedade. O trabalho feminino permite que a mulher possa alcançar sua independência econômica, além de contribuir para o orçamento familiar, complementando a renda familiar e aumentando suas expectativas de consumo (ROSSINI 2002 p. 93).

Para Moura e Araújo (2004), nos dias de hoje configurou-se uma outra imagem da relação da mulher, tanto no que se refere à maternidade, que perdurou e permanece até a atualidade, como na vontade e disposição para

empreender, levar em frente seus projetos traduzidos em negócios. Com relação à afirmam que na modernidade atual se desenhou uma nova imagem da relação da mulher, tanto na maternidade, que perdurou durante vários séculos, o que de certa forma, continua presente até os nossos dias, como na garra por empreender. É muito comum entender a devoção e o dedicação feminina a favor dos filhos e da família, como uma presença constante e vigilante, que surgem no discurso social como valores essenciais e inerentes à natureza feminina.

De acordo com Rocha-Coutinho (2003), as mulheres buscam autorrealização através do gostar do que fazem, tendo autonomia e poder de decisão. Usam ambição, muita criatividade para conquistar o que querem e têm talentos para fazerem e pensar várias coisas simultaneamente. Com isso, exigindo de si um alto nível de excelência, o que resulta em desgaste.

Com o fim das grandes guerras, muitos chefes de família não retornaram para casa; outros que conseguiram retornar ficaram impossibilitados de exercer as tarefas e responsabilidades de antes. Assim, foi necessário que a mulher fosse à luta para conseguir renda. Deixou de ser tão somente dona de casa, embora tais funções tenham permanecido e continuam fazendo parte de sua rotina diária. Isso provoca profundas mudanças sociais e coloca em destaque a própria competência da mulher.

O trabalho feminino passa a integrar crescentemente a estrutura econômica a sociedade capitalista, sempre sob a determinação mencionada, ou seja, submetida ao capital e a sua necessidade de valorização, no entanto nas primeiras décadas do século passado era ainda muito superior a proporção do trabalho masculino em relação ao feminino na esfera produtiva (TOITIO, R. D. 2008.p. 28).

D'Alonso, registra o seguinte, em relação ao mesmo assunto:

As mulheres deixaram de ser apenas meras donas-de-casa e passaram a ser não somente mãe, esposa e também operária, enfermeira, professora e mais tarde, arquiteta, juíza, motorista de ônibus, bancária entre outras das mais diversificadas profissões, ocupando um cenário que antes era masculino. (D'ALONSO, G.L. 2008, p.15)

Mesmo com habilidades e agora responsáveis pela gestão dos negócios, o espírito empreendedor para ampliar o negócio não existia, pois ainda eram limitadas aos padrões machistas impostos na época, fazendo com que colher os resultados dos empreendimentos não fosse algo almejado, uma vez que tudo seria empregado apenas a sua sobrevivência.

Segundo Teixeira (2005, p.65) nos últimos cinquenta anos o contínuo crescimento da participação feminina é explicado por uma combinação de fatores econômicos e culturais. “Primeiro, o avanço da industrialização transformou a estrutura produtiva e a continuidade do processo de urbanização, proporcionando um aumento das possibilidades para as mulheres encontrarem postos de trabalho na sociedade”.

Provavelmente, num futuro próximo, o perfil etário da população feminina ativa economicamente será igualado ao masculino, devido ao crescimento da taxa de atividade para as mulheres em todas as faixas etárias (PROBST, 2005).

Ao longo do tempo, a mulher vem ocupando um espaço significativo no mercado de trabalho. A função de dona de casa para elas já não tem sido a única opção, a luta por seu espaço e o bom posicionamento em cargo de gestão é a realidade encontrada no feminismo atual. Cada dia elas buscam e demonstram desejos de criar empreendimentos, responsabilidades em cargos de liderança, que antes eram direcionados somente ao público masculino. Falar sobre cargos ou negócios, visando somente o gênero, tornou-se irrelevante uma vez que ambos têm conhecimento abrangente e capacidade de trabalhar em qualquer nicho do mercado.

Mais especificamente, a mulher afrodescendente tem tido um papel fundamental no cotidiano brasileiro. Ocupa cada vez mais um papel de destaque, e tem se posicionado frente a padrões antes impostos apenas aos homens, tais como: no jornalismo, nas novelas (como papel de destaque e não só como domésticas e afins), ao lado de grandes governantes, nas passarelas, como CEO de grandes empresas, como fundadoras de grandes negócios. Não há limite para elas, estão crescendo e sendo destaque em tudo que almejam.

No empreendedorismo, como no mercado, em geral questões de raça e de gênero não devem ser critério de diferenciação de renda e de oportunidades, mas sim um conjunto de competências incluindo capacitação contínua para ter maiores chances de se sobressair em meio a um mercado de concorrência acirrada. A qualificação dos empreendedores representa condição básica para aumentar a competitividade da empresa. Abrir e gerir uma empresa exige um conjunto de habilidades e conhecimentos e é extremamente necessária a capacitação do empreendedor, uma vez que irá ajudá-lo a entender o mercado, o público que se deseja atingir, e planejar bem o negócio. (FERRARI Junior. p. 34, 2018).

Quando se fala em afroempreendedores, conta-se com uma vasta rede de pessoas que buscam crescer e se especializar em seu ramo de atividade, inclusive tendo acesso a mais informações e conhecimentos, o que irá certamente ajudar a alavancar seus próprios negócios.

Faz-se necessário enfatizar que o fortalecimento da cultura afrodescendente, a busca de independência criativa, o crescimento do afroempreendedorismo, dentre outros fatores, os estimulam para entrar no mercado de trabalho e ter seu papel firmado a frente da direção dos cargos de grandes empresas. Os dois fatores, afroempreendedorismo e ascensão no mercado de trabalho, devem ser vistos como ferramentas na busca de uma nova perspectiva de igualdade racial.

As mulheres pretas são resistência. Colocadas às piores condições de trabalho, tendo menor remuneração, e sobrevivendo em lugares sem estruturas de moradia, puderam encontrar nas dificuldades a esperança de uma vida melhor e a oportunidade de mudar a sua história.

Quando se fala das condições de afrodescendentes na economia e na sociedade brasileira, apesar da relevância de seu trabalho para construção e desenvolvimento do país desde o período da escravidão, pode-se observar que o nome delas não estava escrito nas páginas da história oficial; conviveram com preconceito duplo: tanto o de gênero, por serem mulheres, quanto racial. A vida e os feitos delas no Brasil ficaram à sombra dos homens heróis brancos, um passado largado nos fundos de baús, acervos e bibliotecas, praticamente esquecidos.

Em quase quatro séculos, em que a escravidão se constituiu e se refez em conexão com as determinações diretas e indiretas dos vários 'ciclos econômicos', não foi só a história que se alterou. Com ela se alteraram as relações de produção, a estratificação da sociedade e a articulação das raças contidas nos vários polos da dominação escravagista. (FERNANDES, 1979, p. 12.).

Segundo Kalil (2012), devido ao fim da escravidão com decreto da Lei Áurea em 1888 e o Brasil tornando-se uma República, devido aos estereótipos racistas da época, a imigração punha à disposição dos altos poderes e do crescimento econômico urbano a mão de obra de custos baixos, inclusive usando mão de obra feminina e infantil, muitos acreditavam que imigrantes eram trabalhadores melhores, principalmente por serem mais submissos.

Toda essa exploração se deu na lavoura, nos serviços domésticos e depois em uma indústria primitiva que fez usufruir da mão de obra feminina em serviços manuais, entre eles, nos setores de fiação, vestuário e alimentação e, como compensação pelos serviços desenvolvidos, elas recebiam os piores tratamentos e salários. A jornada de trabalho era excessiva e por vezes desumana. O processo de industrialização estimulou migração de famílias inteiras para capitais e seus centros, e lá homens, mulheres e crianças foram trabalhar (AZEVEDO, 1987; MONSMA, 2005).

A jornada a ser percorrida pelas mulheres afro na busca de maior participação na atividade econômica ainda se mostra longa e árdua. Embora as estatísticas apontem na direção do crescimento feminino, nota-se ainda a desigualdade social no Brasil que, para muitos estudiosos do assunto, tem cor e sexo determinados. Parecem continuar desde os dias da escravidão, a mascarar esses problemas, mesmo sabendo que nada vai fazer com que tais deixem de existir.

Dados do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020) mostram que 54% da população brasileira é afrodescendente, e, mesmo diante disso, é possível conviver com problemas como a desigualdade. Diante desses pontos negativos é necessário reconhecimento e dados quantificados para que os mesmos possam ser resolvidos através de metas e ações públicas, fazendo com que haja igualdade de direitos, objetivos e oportunidades, sem distinções de qualquer nível, sejam elas de cor, raça ou gênero.

3 METODOLOGIA

A abordagem predominante neste estudo é a qualitativa. Gibbs (2009) afirma que a abordagem qualitativa visa apresentar as características e particularidades de determinado grupo através de uma abordagem mais completa.

O trabalho, no geral, tem seu estudo fundamentado em livros, artigos, monografias e publicações de revistas, caracterizando-se, quanto aos fins como uma pesquisa bibliográfica. Ainda quanto aos fins o trabalho se constitui numa pesquisa descritiva. Entende-se que a pesquisa descritiva tem como foco descrever as características de certa população e para isso é utilizada a

padronização na coleta de dados, ou seja, foram descritas as dificuldades de mulheres afrodescendentes a empreender no mercado de Nova Serrana.

A coleta de dados visando confirmar as hipóteses, atingirem objetivos e apresentar possível solução para o problema da pesquisa, se deram a partir da realização de entrevistas com dez afroempreendedoras, por meio de um roteiro pré-estabelecido.

Após a coleta, os dados foram analisados e comparados, no que foi possível, com a teoria pesquisada. Vergara (2005) ressalta que a análise dos dados pretende demonstrar ao leitor de forma clara e objetiva o que foi obtido com a pesquisa para concluir os objetivos e responder ao problema.

Pode-se observar que por falta de autores afro na literatura e a representação dos corpos afrodescendentes em obras populares, há uma escassez de autores especializados em literatura afro-brasileira e feminista em busca de representatividade.

O público-alvo foi constituído de mulheres, especificamente as afroempreendedoras. A análise qualitativa realizada ressalta dificuldades, objeções e habilidades adquiridas enfrentadas por esse público de acordo com o problema de pesquisa. Os dados quantitativos também foram analisados, estabelecidos percentuais, e apresentados em forma de texto para melhor compreensão por parte dos leitores.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A pesquisa foi realizada com mulheres afrodescendentes atuantes na cidade de Nova Serrana. Os dados foram analisados, e, comparados com a teoria pesquisada sempre que possível. De acordo com Vergara (2006) a análise de dados refere-se ao momento mencionado ao leitor como analisar os dados coletados e o porquê esse modelo é mais adequado aos objetivos da pesquisa.

O objetivo foi identificar e analisar as possíveis dificuldades encontradas pelas afrodescendentes serem empreendedoras em Nova Serrana, como forma de realização pessoal, qualidade de vida e independência financeira, além de se buscar possíveis formas de minimizar obstáculos.

Para registro de algumas das impressões e relatos das entrevistadas, mantendo sigilo em relação a nomes, as mulheres ouvidas serão identificadas

por E1, E2.... E10. Logo de início, anotam-se os setores mais representativos onde atuam as respondentes neste estudo: confecção/ventas (50%), beleza (30%) e prestação de serviços (20%).

A entrevistada E1, empreende por necessidade e oportunidade, na forma como descreve:

“A confecção veio como forma de escape, pois sou uma mulher gorda, em lojas sempre tive dificuldades em encontrar roupas íntimas que não me agradava e nem me serviam, foi quando decidi costurar para mim e deu certo, vi na minha necessidade e de outras mulheres que passava por essa vergonha em lojas uma oportunidade, foi costurando para outras mulheres mostrando a elas que nós podemos sim ser lindas e encontrar lingerie que nos servem e ainda nos sentimos emponderadas com as peças confeccionadas”.

Já a Entrevistada E5 relata onde viu a oportunidade no setor de beleza:

“Escolhi a dedo esse mercado por ver as dificuldades que mulheres enfrentavam para cuidar de cabelos afro, encontrei nesse negócio solução aos nossos cabelos e crescimento na minha carreira profissional”.

As necessidades de terceiros (serviços) foi a oportunidade de E6:

“A ideia do meu próprio negócio veio através das dificuldades encontradas por pessoas carentes em querer fazer uma festa de casamento elegante, foi aí que pensei na possibilidade de transformar a necessidade dessas noivinhas em realidade, trazendo a elas um custo menor, mas com a decoração toda bonita e do jeito que elas sonhavam”.

É notório que a mente visionária dessas empreendedoras, mesmo com pouco conhecimento sobre o mercado e técnicas de persuasão, encontraram nas necessidades, oportunidades de crescimento nos nichos escolhidos.

De acordo com a pesquisa GEM realizada em 2012, a maioria dessas empreendedoras é guiada, atualmente, por uma oportunidade de mercado (73,9%) e não por necessidade, como vinha acontecendo com as mulheres de uma forma geral.

Quando perguntadas sobre se já sofreram algum preconceito, elas responderam: 70% que sim e 30% que não. Ser afroempreendedora é a conquista pelo espaço que pertence também às mulheres pretas, pois o racismo e atos vandálicos não devem permanecer no dia a dia e até mesmo no mundo

digital, ser preta e empreendedora é buscar todos os dias em ser reconhecida pelo nicho que escolheu e não pela raça.

As entrevistadas foram questionadas ainda em relação aos preconceitos enfrentados no mercado de afroempreendedorismo. Pontualmente procurou-se conhecer quais dos preconceitos se sobressaíram no mercado de trabalho, se foram o racial ou por gênero. Obteve-se que o racial teve um peso maior. Segue o depoimento de duas delas.

“Enfrentei preconceito pela textura do meu cabelo, inclusive em uma vaga de emprego antes de sair da CLT, me fizeram a pergunta se eu não poderia abaixar o volume do meu cabelo, para não chamar muito atenção dos clientes (E3).

Um dia em um evento o contratante do meu serviço, entrou e perguntou quem era a dona do buffet, ele me olhou de cima embaixo, repetindo a pergunta e duvidando que eu seria a dona” (E6).

Em seguida, as entrevistadas foram perguntadas sobre o que as fizeram optar pelo empreendedorismo. Em resumo, percebeu-se um equilíbrio entre os fatores: 30% flexibilidade de tempo, os mesmos 30% aumento de renda e 40% as duas coisas.

Diante das dificuldades e objeções enfrentadas as habilidades adquiridas no processo de construção são nítidas, as características dessas empreendedoras como resiliência e persistência chamou atenção. A empreendedora E9 mostrou realmente o significado de sonhar e acreditar no que almeja.

“O meu sonho em ter o meu próprio negócio originou-se diante das dificuldades enfrentadas por mim e minha família, esse sonho veio como solução para melhor poder ajudá-los financeiramente. Através dos despejos sofridos da casa onde morávamos e dificuldades econômicas enfrentadas, foram combustível para ultrapassar cada obstáculos que apareciam em meu caminho e me fortaleceram para acreditar em mim e nos meus sonhos, preconceitos e desigualdades ficam pequenos perto dos meus sonhos em estar construindo e alavancando o meu próprio negócio e buscar minha liberdade financeira”.

A importância de ser afroempreendedora se dá a cada pergunta respondida com palavras distintas, mas com sentidos iguais: representatividade, gestão do tempo e liberdade financeira. E5 relata a importância da representatividade no mercado afroempreendedor para encorajar outras mulheres a ingressarem no nicho que sempre sonharam.

“Para mim a melhor parte em ser empreendedora é ser alguém que inspira, pelo fato de outras mulheres olharem e se verem representadas, sabendo que tudo é possível. Não sei se existe isso, eu invento umas palavras as vezes, mas acredito no autopreconceito onde as mulheres não se veem capazes de fazer algo apenas por serem mulheres negras e isso me deixa bem chateada” (E5).

Para E4 engloba a gestão do tempo e a liberdade financeira.

“O empreendedorismo me trouxe um leque de benefícios como o meu gerenciamento de tempo, poder escolher os dias que irei trabalhar e quando irei ficar com a família, com o empreendedorismo através de muito trabalho e dedicação está sendo possível conquistar minha liberdade financeira” (E4).

As afroempreendedoras entrevistadas mostraram, para outras mulheres pretas, aspectos que as motivaram e que serviram para prosperarem em seus negócios. A empreendedora E10 relata a autoconfiança em si e no seu trabalho:

“Nunca desista dos seus sonhos, se você tem alguma coisa em que é boa e você sabe que o que quer é empreender então siga firme, se concentre no seu nicho e tente ser excelente em tudo que fizer, nunca faça nada mais ou menos, dê o seu melhor todos os dias. Você não tem que provar que é boa em algo, jamais, mas se você quer ser vista, você precisa crescer, porque existem várias mulheres afro que querem o mesmo que você. Seja persistente, porque existem dias péssimos, mas isso não faz com que o próximo dia também seja ruim”.

Por sua vez, a entrevistada E8 faz uma reflexão sobre a importância do espaço para falar do preconceito existente:

“Estamos abrindo espaço para debates, mas há um gasto maior de energia, porque precisamos nos reafirmar como potências executoras do que estamos nos propondo a fazer, o seu convite para fazer parte do TCC de vocês foi um exemplo. Ainda estou longe de ser respeitada admirada pelo o que faço, só pelo fato de ser mulher atravessada pelo machismo, mas ter que lidar diariamente com essa estrutura machista e racista não é opção, mas lutar ou desistir é uma escolha e eu escolhi ter o meu espaço e o meu lugar” (X8 2021).

Já a entrevistada E2, orienta as novas empreendedoras a terem autoconhecimento do seguimento a se profissionalizar:

“A primeira coisa em mente dever ser o foco no que quer e não pensar nos obstáculos e nem tão pouco se alguém vai apoiar ou não. É importante que cada um, primeiro acredite em sua capacidade, o resto não importa. Desafios sempre terá, mesmo com as maiores oportunidades a favor, tudo depende de onde quer chegar”.

E5 mostra a importância de conhecimento adquirido:

“Só vai, só faz, só busca, a vida é um processo e aprenda a amar o processo. Aflição você terá, mas nada disso irá te parar, preconceito infelizmente sempre terá, mas usa essa força dentro

de você para conquistar os objetivos, estuda, trabalha e tenha foco. Lembre-se tudo que irá viver daqui a 5 anos será fruto do hoje então viva o seu sonho, chegue aonde quiser chegar. Se tem ou obteve outras profissões que elas sirvam de degraus para chegarem aonde querem chegar, porque tudo que você quer você terá, só vai foguete não dá ré”.

Para finalizar esta análise, registra-se, como reflexão, a fala de Ângela Davis: “quando a mulher negra se movimenta seja na vida profissional ou pessoal, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, trazendo a importância da representatividade de assuntos poucos estudados, mas muito questionados” (SANTOS et. al., 2018)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de campo realizada teve por objetivo identificar as principais dificuldades enfrentadas pelas afrodescendentes em atuar no mercado empreendedor de Nova Serrana.

Muitas descendentes de africanos não investem, por não terem conhecimento específico necessários para a gestão de um negócio próprio. Notou-se que, nas entrevistas, apesar das classes das dificuldades, as afroempreendedoras buscaram se aprofundar no nicho escolhido, observando seus familiares (quando foi hereditário o nicho escolhido), perguntando a quem já atuava na área e aprendendo também com os erros que cometiam no caminho; tornaram o que era uma renda extra em sua principal.

Foi possível observar que praticamente todas as entrevistadas pertenciam a classes sociais menos favorecidas, não estavam financeiramente estabilizadas, mas, aos poucos, estão ocupando seus espaços, de forma sustentável. Demonstraram que estão perto de conquistarem a liberdade financeira e em luta todos os dias pelo reconhecimento.

Diante do problema de pesquisa foi possível identificar os obstáculos e conquistas como: prejulgamentos ofensivos, falta de recursos financeiros, porém muita luta por espaço como mulher afro para ser o que quiser, ocupação de cargo de liderança e encanto por ser dona do seu próprio tempo e negócio.

Por fim, sugerem-se publicações de artigos e livros, relatando a vida dessas mulheres, como elas lidam com os problemas psicológicos causados por

todos esses testes, tendo que provar ao mundo, todos os dias, a que vieram e a razão pela qual não vão desistir. É preciso mostrar à sociedade que estas mulheres estão desgastadas em ter que ficar provando o tempo todo que são capazes. Elas esperam da sociedade mais empatia e oportunidades.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. (1987), **Onda Negra Medo Branco: O Negro no Imaginário das Elites**. Século XIX Rio de Janeiro, Paz e Terra.

CHIAVENATO, Idalberto; **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor**. 4º ed. – Barueri- SP. Manole 2012, p.13.

DA SILVA BAYLÃO, André Luis; SCHETTINO, Elisa Mara Oliveira. **A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho Brasileiro**.

D' ALONSO, G.L. **Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho: trajetórias e travessias**. PsicolAm Lat. México. N.15, dez. 2008. Disponível em <[http:// www.inesc.org.br](http://www.inesc.org.br)> Acesso em 21.03.2021

DEGEN, Ronald Jean. **O Empreendedor: empreender como opção de Carreira**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009, p.14.

DORNELAS, C. A. Empreendedorismo: **Transformando ideias em negócios**. 2a ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. p.26,28.

FERNANDES, Florestan. **Circuito Fechado: quatro ensaios sobre o “poder institucional”**. São Paulo: Hucitec, 1979. p.12.

FERRARI Junior. **O poder do afro empreendedor: conhecimentos indispensáveis para você construir & crescer o seu negócio**. pag. 34. Rio de Janeiro, 2018.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos Tradução Roberto Cataldo Costa; consultoria**, supervisão e revisão técnica desta edição Loríviali. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

Hisrich, R. D., & Peter, M. P. (2004). **Empreendedorismo**. Porto Alegre: Bookman. Pág. 26.

IBGE, **Estatísticas apontam que mulheres pretas são as mais responsáveis por afazeres domésticos**. São Paulo: Luana Massuella, Marcelo Sakate e Carla Bridi, do CNN Brasil Business, 04 de junho de 2020.

<https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/06/04/mulheres-pretas-sao-as-mais-responsaveis-por-afazeres-domesticos-segundo-ibge>. Acesso em 28 de Maio, 2021.

IBGE, **Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra**. 31 de julho de 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra>. Acesso em 08 de outubro, 2021.

IBGE: DÓREA Priscila, **Número de mulheres que empreendem cresce 40% durante a pandemia**. 07 de março de 2021. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/economia/noticias/2160189-numero-de-mulheres-que-empreendem-cresce-40-durante-a-pandemia>. Acesso em 31 Mar. 2021.

KALIL, Mariana Alves da Cunha. **O fim da escravidão africana na historiografia brasileira: pressão externa, valores e poder brasileiros no Segundo Reinado**. 2012. 86 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

LAGES, Sônia Regina Corrêa. Desafios do empreendedorismo feminino: uma reflexão sobre as dificuldades das mulheres pobres na condução de projetos geradores de renda. **Revista Estação Científica**, v. 1, p. 1-7, 2005.

MACHADO, A. F.; OLIVEIRA, A. M. H. C. DE; WAJNMAN, S. **Sexo frágil? Evidências sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro**. São Paulo: Gelre, Organização, 2005.

MONSMA, Karl. (2005), "**Desrespeito e Violência: Fazendeiros de Café e Trabalhadores Negros no Oeste paulista, 1887-1914**". Anos 90, vol.12, ns21/22, pp. 103-149.

Moura, S. M. S. R. & Araújo, M. F. (2004). **A maternidade na história e a história dos cuidados maternos**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(1), 44-55.

NASCIMENTO, Rafaela Helena do. **A valorização do Negro: Um olhar sobre o Afro empreendedorismo em São Carlos**. 2021.

PEREIRA, Dulce Maria. **A face negra do Brasil multicultural. Textos do Brasil. Brasília: Ministério das Relações Exteriores**, v. 2, n. 6, 1998.

PROBST, E.R. **A Evolução da mulher no mercado de Trabalho**. 2005. Disponível em: <<http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf>> Acesso em: 05.04.2021.

ROCHA Coutinho, M. L. **Quando o Executivo é uma Dama: A Mulher, a Carreira e as Relações Familiares. In Família e Casal: Arranjos e Demandas Contemporâneas**. ed. T.F. Carneiro, 57-77. Rio de Janeiro. 2003 Editora PUC-Rio/Loyola.

Rocha-Coutinho, M. L. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco. 1994. p. 07

ROSSINI, R. E. **Women, migration, environment and rural development policy in Brazil**. Disponível em: <http://www.fao.org/DOCREP/x0210e00.htm>. Acesso em 19.03.2021

SANTOS, Gislaíne da Silva et al. "Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela": a importância da teoria e militância de Angela Davis para (re) pensar os feminismos no Brasil. 2018.

SEBRAE, **Painel empreendedorismo feminino, Donas de Negócio**. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/painel-empendedorismo-feminino/>. Acesso em: 19.05.21.

TEIXEIRA, Luciane Alves et al. **A mulher e sua posição na sociedade -da antiguidade aos dias atuais**. Rev. SBPH. vol.8, n.2, p.65-76, dez. 2005.

TOITIO, R. D. **O trabalho feminino frente ao domínio do capital**. In: III Simpósio Lutas Sociais na América Latina, 2008, Londrina. Anais do III Simpósio, 2008. p.28.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2006.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

DOI: 10.29327/2405920.1.13-3

Helena Saldanha do Bonfim⁶
Marinalva Aparecida Pereira da Silva⁷
Nália Aparecida de Lacerda Viana⁸

RESUMO

As brincadeiras vêm ganhando espaço e importância em todas as abordagens educacionais referentes à infância. Dessa forma, a proposta deste trabalho é discutir as principais perspectivas teóricas que abordam o uso de brincadeiras na educação infantil, bem como a sua importância para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança. Pretende-se com a pesquisa estimular o profissional docente a refletir e compreender a brincadeira como elemento fundamental do trabalho pedagógico e educacional. Quando a criança frequenta a Educação Infantil, muitas vezes ela tem seu primeiro contato com um espaço diferente de seu ambiente familiar e como outras crianças. E na brincadeira, é que muitas crianças vão encontrar a melhor forma de comunicação com o outro e com meio. A brincadeira possibilita a criança a construção do seu conhecimento, relacionando o concreto com a imaginação expressando suas vivências cotidianas. O professor precisa ser o mediador durante as brincadeiras, transformando o brincar, além de um momento de satisfação e alegria, mas que possa através dele estimular a curiosidades e impulsionar na busca de novas descobertas. Assim, as brincadeiras são ferramentas importantes e indispensáveis para o desenvolvimento integral da criança.

Palavras chaves: Brincadeira. Educação Infantil. Construção de conhecimento

ABSTRAT

Games and play have earned their place and importance in all childhood educational approaches. Thus, the purpose of this research is to discuss the foremost theoretical perspectives that address the use of games and play during early childhood education, as well as its importance for a child's cognitive, social and emotional development. The intention of this research is to encourage educational professionals to reflect and understand the use of play and games as a fundamental element of pedagogical and educational work. When a child attends early childhood education, they very often encounter a space different to that of their family environment and with other children. It is through play that many children will find the best way to communicate with others and their surroundings. Games and play make it possible for children to build knowledge,

⁶ Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Nova Serrana

⁷ Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Nova Serrana

⁸ Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade de Nova Serrana

relating concrete things with their imaginations, expressing their daily experiences. Teachers need to be the mediator during games, to transform play into more than a moment of joy and satisfaction, but a means to stimulate curiosity and drive children in search of new discoveries. Thus, games are important and indispensable tools for a child's full development.

Key words: Games and play. Child education. Knowledge Building

INTRODUÇÃO

A infância é uma das etapas mais importantes do desenvolvimento humano. É nesta fase que a criança começa a construir sua identidade, sua autoestima, suas habilidades sociais e cognitivas. Por isso, é fundamental que sejam vistas como centro na educação e que lhe sejam proporcionadas ações que a ajudem desenvolver todo o seu potencial (WALLON, 1979).

O brincar é uma atividade que contribui para o desenvolvimento da criança, é algo que está presente no seu cotidiano. Por meio da brincadeira, ela experimenta e aprende novos desafios desenvolve suas habilidades motoras, cognitivas, afetivas e sociais. Para Kishimoto:

Brincar é a fase mais importante da infância do desenvolvimento humano, neste período por ser auto – ativa representação do interno a representação de necessidades e impulsos internos (KISHIMOTO, 1996 p.52)

Brincar é tão importante na fase da infância que existem leis que estabelecem a criação de brinquedotecas dentro dos ambientes escolares, hospitais, hotéis e outros ambientes que recebem crianças. As brincadeiras educativas são importantes para o desenvolvimento integral do indivíduo, e para que ela se torne uma ferramenta educacional é importante que a criança escolha a brincadeira e o brinquedo e que ela mesma os tenha sob seu domínio sem ser coagido pelas regras ou pelo professor.

O brincar é fonte de desenvolvimento e de aprendizagem, constituindo uma atividade que impulsiona o desenvolvimento, pois a criança se comporta de forma mais avançada do que na vida cotidiana, exercendo papéis e desenvolvendo ações que mobilizam novos conhecimentos, habilidades e processos de desenvolvimento e de aprendizagem (VYGOTSKY 1998, p. 81).

O currículo da Educação Infantil possui eixos norteadores entre as atividades e brincadeiras, pois brincar faz parte de todo o processo da aprendizagem da criança principalmente na Educação Infantil, a criança é o sujeito de direitos, brincando ela imagina, fantasia e constrói a sua identidade. E o professor. Sendo o mediador durante as atividades pedagógicas, deve ter o conhecimento da importância da brincadeira na aprendizagem, para possibilitar ao aluno a sua capacidade estimulando suas curiosidades levando-o a buscar novas descobertas. (BRASIL, 1998)

De acordo com Fantin (2001), uma criança vai descobrir muito sobre o mundo e sobre si quando brinca. Brincando aprenderá a estabelecer contato com o mundo ao seu redor. FANTIN afirma ainda que o brincar é:

De fundamental importância para a aprendizagem da criança por que é através dela que a criança aprende, gradualmente desenvolve conceitos de relacionamento casuais ou sociais, o poder de discriminar, de fazer julgamentos, de analisar e sintetizar, de imaginar e formular e inventar ou recriar suas próprias brincadeiras (FANTIN, 2001, p. 523).

Segundo a mesma autora brincar também é:

Divertir-se e entreter-se infinitamente em jogos de criança” Lúdico – “que tem caráter de jogos, de aprender brinquedo e divertimento; é uma necessidade básica da personalidade, do corpo e da mente, faz parte das atividades essenciais da dinâmica humana (FANTINI p. 539).

Há quem acredite que, na Educação Infantil as brincadeiras tenham muita importância no processo de aprendizagem, valorizam muito o conteúdo na prática pedagógica em detrimento ao ato de brincar, mas cabe ao professor oferecer um ambiente adequado, agradável e ser o mediador nas atividades, para que a brincadeira pedagógica, promova a interação social, o desenvolvimento intelectual e emocional da criança, atingindo os objetivos na construção do conhecimento, relacionando o conteúdo didático ao ensino-aprendizagem. Uma abordagem pedagógica baseada em brincadeiras torna o ambiente escolar mais atrativo, deixando a criança livre para criar, recriar, desenvolver sua imaginação e deixa o aprendizado mais divertido e prazeroso.

A criança é, antes de tudo, um ser feito para brincar. O jogo, eis aí um artifício que a natureza encontrou para levar a criança a empregar uma atividade útil ao seu desenvolvimento físico e mental. Usemos um

pouco mais esse artifício, coloquemos o ensino mais ao nível da criança, fazendo de seus instintos naturais, aliados e não inimigos. (ROSAMILHA, 1979, p. 77)

Através da brincadeira a criança adquire conhecimento do mundo real, através de imitações do mundo dos adultos, do faz de conta, assim a criança vai criando maneiras próprias de ser e estar no mundo.

O brincar na educação infantil faz com que a criança estabeleça regras constituídas por si e em grupo, e contribui na integração do indivíduo na sociedade. Desta maneira, a criança estará resolvendo conflitos e hipóteses de conhecimento e, ao mesmo tempo, podendo desenvolver a capacidade de compreensão sobre muitos pontos de vista diferentes, e ainda, fazendo-se entender e demonstrar sua opinião em relação aos outros. Também, é importante perceber e incentivar a capacidade criadora das crianças, pois esta se constitui numa das formas de relacionamento e recreação do mundo, na perspectiva da lógica infantil. (COLCHESQUI 2015, p. 3)

CONCEITOS E TEORIAS SOBRE A BRINCADEIRA

A brincadeira é uma forma de comunicação que a criança usa no seu cotidiano, facilitando a construção da sua autonomia e da criatividade, mantendo assim, uma relação entre o brincar e a aprendizagem. Ao consultar a palavra brincar no dicionário notam-se várias definições como: “uma ação de brincar, de entreter, se distrair”, “atividade livre, que não pode ser delimitada”, mas de acordo com alguns autores, a definição de brincadeiras é algo difícil, por isso é mais fácil descrevê-lo como “uma atividade lúdica” Bontempo e Cols (1986). Para os mesmos autores “a brincadeira é uma atividade espontânea e que proporciona para a criança condições saudáveis para o seu desenvolvimento biopsicossocial”. segundo Friedmann (1996) “a brincadeira tem características de uma situação não estruturada”. Para Kishimoto (1999) " brincar tem a prioridade das crianças que possuem flexibilidade para ensaiar novas combinações de ideias e de comportamentos”. Alves (2001) afirma que “a brincadeira é qualquer desafio que é aceito pelo simples prazer de desafiar, ou seja, confirma a teoria de que o brincar não possui um objetivo próprio”.

Para Colchesqui (2015, p. 3):

A brincadeira infantil pode ser definida como a importância do brincar para o desenvolvimento integral do ser humano nos aspectos físico, social, cultural, afetivo, emocional e cognitivo. Tudo isso se faz necessário ainda sobre a conscientização dos pais, educadores e sociedade em geral quanto à ludicidade que deve ser vivenciada na

infância, ou seja, da extrema importância que o brincar tem em uma aprendizagem prazerosa não sendo somente lazer, mas sim, um ato com um fim em si mesmo.

O brincar é característico da criança, traz-lhe inúmeras vantagens para sua formação, proporcionando aquisição de uma série de experiências e habilidades contribuem para a formação de sua identidade. Brincar de ‘faz de conta’, aguça a imaginação infantil e possibilita que a criança compreenda o mundo reproduzido através da imaginação, o que pode levá-la a aprender o respeito pelos outros e por si mesma.

Percebe-se que muitos são os autores relacionam a brincadeira ao desenvolvimento cognitivo, motor, emocional e social da criança, brincando ela se relaciona, interage com a natureza, aprofunda em um universo lúdico o que a auxiliaram nas atividades pedagógicas e sociais. A criança desenvolve e aprende com as brincadeiras transformando-se interna e externamente. Piaget (1971, p. 67) afirma que "Quando brinca, a criança assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois a sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que lhe atribui". A partir da brincadeira a criança expande a imaginação, cria fantasias para compreender a realidade e organizar conhecimentos que possibilitam a sua ação com o meio.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil- RCNEI (1998, p.27) “no ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa daquilo que aparentam ser. Ao brincar as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhes deram origem, mesmo sabendo que estão brincando”.

Muitas brincadeiras consistem em um jogo de imitação, nas quais os objetos e o faz de conta refletem o que é utilizado na realidade dos adultos. Uma das brincadeiras que mais se revela isso é o “brincar de casinha”, aí as crianças dão asas à imaginação e imitam os gestos dos adultos, os brinquedos representam ambientes e objetos reais com os quais estão acostumados a verem em suas casas. Brincar de casinha é um espelhamento da realidade, isso pode despertar nela o cuidado com o próximo e consigo mesma. Essa simples brincadeira pode refletir no futuro da criança, como exemplo nas escolhas da profissão, ou como se comportar na sociedade.

Manual de Orientação Pedagógico (2012, p.41) aponta que:

Uma criança que, por exemplo, observa o pai reformar o jardim de sua casa, na creche, reproduz a atividade a seu modo usando blocos de construção, fazendo um jardim similar ao construído por seu pai, está oferecendo o exemplo de vivência estética. Ela reproduz na brincadeira a mesma estética que o pai utiliza na organização dos blocos para construir o jardim de sua casa.

E na educação infantil, a brincadeira pode gerar aprendizado se o professor souber utilizá-las em suas atividades pedagógicas. É preciso também que o professor tenha conhecimento da importância da brincadeira para utilizá-la como sua aliada criando meios de aplicar atividades lúdicas com função educativa, mas isso só será possível se a criança sente prazer ao brincar

Para Vygotsky (2007), “a criança ao nascer já está imersa em um contexto social, e a brincadeira se torna importante para ela justamente na apropriação do mundo, na internalização dos conceitos desse ambiente externo”.

Para Denzin (1975), “a atividade lúdica é um meio de ensinar a criança a se colocar na perspectiva do outro. No brincar, interações face a face com uma ou mais pessoas são desenvolvidas, orientando os comportamentos cognitivos e simbólicos”.

Portanto, a brincadeira proporciona à criança a compreensão, por meio delas convive com sentimentos de frustrações e de vitórias, de ganhar ou perder. Assim pais, responsáveis e professores devem oportunizar muitos meios e formas de brincar encorajando-as a lidar com situações diversas a lidar para saberem lidar com a realidade do dia a dia.

A BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil vincula educar e cuidar, marca o momento de separação com vínculo familiar. Lá criança precisa socializar-se com um ambiente diferente, com outras pessoas e com objetos que, muitas vezes, não são comuns em seu cotidiano. Se esse momento for prazeroso muito irá contribuir para a aprendizagem. Brincar é um direito da criança, previsto na Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, no Estatuto da Criança e do Adolescente, no Capítulo II, Art. 16º, Inciso IV, que “toda criança tem o direito de brincar, praticar esportes e divertir-se” (ECA - 1990).

Também de acordo com as DCNEI, no Artigo 9º:

Os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização. (DCNEI, 2009, p.37)

O brincar traz vários benefícios e pode ser ponte entre o real e o imaginário, possibilitando uma educação transformadora. Quando a criança está em um ambiente divertido e as atividades são prazerosas, ela desenvolverá o convívio social e a interação com o seu meio, fortalecendo a relação entre o ser que ensina e o ser que aprende.

Para Vygotsky (1991, p. 52) “[...] a brincadeira cria as zonas de desenvolvimento proximal e que estas proporcionam saltos qualitativos no desenvolvimento e na aprendizagem infantil”. Ainda de acordo com esse autor aprendizagem acontece pelas três zonas de desenvolvimento: Zona de Desenvolvimento Real, conhecimento que a criança traz consigo, Zona de Desenvolvimento Proximal conhecimento adquirido com o auxílio de um adulto e a Zona de Desenvolvimento potencial, conhecimento que a criança poderá alcançar se for estimulada convenientemente,

Os autores Bomtempo e Cols (1986), Goldhaber (1994) e Schneider (2004) propõem questões sobre a importância das brincadeiras na Educação Infantil e as dificuldades encontradas pelos professores em utilizá-las dentro do ambiente escolar. Bomtempo e Cols (1986) “afirmam que, apesar de estudos já apontarem a grande importância da brincadeira na Educação Infantil, muitos acreditam que ela é apenas um entretenimento, uma distração” Goldhaber (1994) “traz relatos de professores da Educação Infantil e apontam que a brincadeira não é vista como um caminho para a aprendizagem”. Schneider (2004) “reflete sobre esta problemática e acrescenta que os interesses políticos em torno da brincadeira na educação devem visar uma formação docente mais especializada e a manutenção das condições para a existência da brincadeira na escola, como por exemplo a construção de brinquedotecas e outros espaços destinados a brincar”.

Os profissionais da educação reconhecem a importância da brincadeira no desenvolvimento da criança, mas muitas vezes, por falta de espaço e material encontram dificuldades em utilizá-la, ressaltam ainda que muitos pais e responsáveis questionam as brincadeiras como ferramentas de

ensino e acreditam ser mais importantes “os conteúdos” a serem ensinados, em detrimento as brincadeira que são somente formas de divertir.

Alves (2001, p.21) afirma que, “Professor bom não é aquele que dá uma aula perfeita, explicando a matéria. Professor bom é aquele que transforma a matéria em brinquedo e seduz o aluno a brincar”. Para que essa transformação ocorra o professor precisa saber ensinar, precisa ter a percepção de que ao entrar em uma sala de aula há várias crianças em busca do conhecimento, e Paulo Freire deixa isso bem claro “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1994, p.25).

BRINCADEIRAS E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Entre os povos primitivos, era costume, por meio de pinturas e desenhos com pedras, pedaços de madeira, entre outros objetos, registrar em cavernas seus modos de vida. As brincadeiras também eram registradas, eram o meio que eles encontravam para se entreterem. Muitos desses registros serviam como forma de aprendizagem para os mais jovens, que através da observação e imitação adquiriam conhecimento de papéis sociais, ou gestos dos mais velhos, muitos desses desenhos eram muito importantes para a sobrevivência.

Atualmente, esses desenhos, conhecidos como pintura rupestre, estão espalhados por diversas partes do mundo, resistiram à passagem do tempo, e podem ser vistos e estudados. Por não se ter muitas informações precisas sobre o surgimento e o desenvolvimento do ser humano na terra, a arte rupestre tornou-se peça fundamental na história. Por meio dessas figuras, pode-se ter uma ideia e refletir como eram as atividades humanas no passado, o que eles faziam para sobreviver e até mesmo, como eram os momentos de lazer e diversão. Elas retratam o cotidiano, a divisão social do trabalho, as tarefas, e até as formas de entretenimento “A arte rupestre foi considerada um aspecto importante de um grupo cultural que ocupou a região e deixou inúmeros traços da sua passagem”. (GASPAR, 2006, p. 30)

Dos tempos primitivos até aos tempos atuais houve uma enorme mudança, os estudos que se têm sobre o assunto, com certeza não mostram com precisão sobre todas as atividades que esses povos exerciam, e nem como

eram praticadas, mas tem-se uma ideia de como era a vida em comparação como é hoje e a brincadeira esteve e está sempre presente na história da humanidade.

A linguagem do brincar caracteriza-se pela sua universalidade: ela é tão antiga quanto a existência do ser humano, atravessando o tempo e as fronteiras. Uma linguagem que se tem perpetuado na sua forma, apesar de seus conteúdos se transformarem. (FRIEDMANN, 2005, p. 88).

Percebe-se que houve uma grande evolução em todos os sentidos com o decorrer dos anos, as variedades das brincadeiras também acompanharam essa evolução. Ligadas ao folclore e a cultura popular, muitas brincadeiras foram trazidas para o Brasil pelos portugueses, outras pelos negros, que retratam através do folclore africano, ainda os índios e outras diversas partes do mundo contribuíram com o vasto leque de brincadeiras que fazem parte da cultura brasileira,

Na Grécia antiga o arco por ser um brinquedo antigo é considerado terapêutico, seu movimento faz bem para o corpo para a alma.

O arco é um brinquedo muito antigo. Segundo alguns autores, deve ter sido, inicialmente, um objeto mágico e religioso que, pela sua forma redonda, representava o sol nas cerimônias de culto a este astro. Os gregos chamavam-lhe trochus (de trecho, mover-se graças a qualquer impulso) e os médicos desta época consideravam-no como um exercício higiênico e recomendável às pessoas de complexão fraca. Hipócrates (460-377 a.C.) aconselha-o no seu tratado sobre o "Regime" a todos quantos precisam usar para remédio dos seus males. Artemidoro diz, no seu tratado "Dos Sonhos" que "quando sonhamos que conduzimos um arco, isso significa que estamos no caminho de uma vida difícil, mas que será seguida de uma superabundância de felicidade. (AMADO, 2002, p.122-123 *apud* CREPALDI, 2010, p.12).

As brincadeiras, vem se transformando, evoluindo, modernizando a cada geração, mas muitas ainda conservam a sua essência. O avanço tecnológico vem transformando o modo de vida da população. Antigamente os povos tinham habilidades em transformar pedaços de ossos, pedras e madeiras em brinquedos, Com o desenvolvimento e a industrialização, os brinquedos passaram a ser fabricados em grande escala, perdendo sua singularidade, isto é, tornando-se cada vez mais estranhos aos sujeitos inseridos nesta lógica de mercantilização dos brinquedos. (PARANA – DCEs, 2008).

A tecnologia entra em ação com grandes exemplares de brinquedos, conquistando cada vez mais o público infantil, mas enganam-se quem pensa que as crianças do passado não se divertiam com seus brinquedos simples. Elas não precisavam de muita coisa para se divertir, uma simples boneca confeccionada com as palhas do milho, servia como forma de muita diversão. Para Carvalho (2003) brincar com bonecas é um fenômeno generalizado entre meninas das mais diversas culturas e momentos históricos. (CARVALHO, 2003, p. 59).

Ainda hoje tudo pode se transformar em brinquedo e brincadeiras. Uma folha de papel flutuando numa poça d'água, é para a criança um barquinho pronto para a diversão. Farrapos de meias se transformam em bola. São brinquedos simples, mas que trazem sensação de prazer, e garantem a diversão para muitas crianças. Segundo Crepaldi:

Os brinquedos podem ser produzidos com quaisquer materiais que se encontrar na natureza. [...] brinquedos construídos com pequenos pedaços de madeira, folhas e frutos para são instrumentos capazes de produzir sons e acompanhados de movimentos. (CREPALDI, 2010, p. 13).

Percebe-se que as brincadeiras são essenciais ao corpo e a mente, e que muitas delas estão sendo trocadas pelas telas dos celulares, tablets, computadores etc. Por não terem tempo o suficiente para se dedicarem aos filhos, pais, mães oferecem recursos tecnológicos os mais variados tentando suprir a sua ausência.

Por ter nascido em uma época imersa em uma cultura de tecnologia, é normal se ver crianças que mal aprenderam a andar, já viciadas em telas, acordam e logo já querem mexer no celular ou outro aparelho. No entanto muitos estudos, apontam que o uso em excesso de telas está deixando as crianças com problemas na aprendizagem, influenciando negativamente no desenvolvimento das crianças e causando o déficit de atenção, aumento das taxas de depressão e ansiedade infantil e entre outras complicações.

O fato de as crianças substituírem as brincadeiras clássicas tais como: pega-pega, esconde-esconde, jogar bola, isto é, atividades nas quais envolvem movimento físico por jogos eletrônicos, computadores, videogames, entre outros, podem comprometer a saúde física e psicológica da criança, provocando o isolamento social dela, pois, cada vez mais crianças são acometidas pelo fenômeno da obesidade em

função do sedentarismo causado pelos dispositivos eletrônicos. (PAIVA; COSTA, 2015, p. 5).

A tecnologia, a industrialização são fatores que contribuem para que as crianças deixem de brincar livremente, as brincadeiras manuais estão ficando para trás, mas, talvez não seja esse o único ou o motivo principal. O modelo de vida atual é outro, as moradias são outras, pessoas moram em casa ou apartamentos cada vez menores. Muitas das vezes, não possuem espaços adequados para crianças brincarem, não têm um quintal. A falta de segurança é outro complicador. Não se pode mais brincar livremente pelas ruas ou em lugares públicos sem a observação de um adulto. Em contrapartida, por causa da correria do dia a dia, os pais não têm tempo de brincar com seus filhos. Esse fato também contribui muito para que eles deem preferências para os brinquedos tecnológicos.

De acordo com a autora Wenez (2013) por causa da insegurança nas ruas estão ficando cada dia mais difícil de brincar nas praças, por isso acabam optando em ficar em casa. “Dentro dos principais sentidos, os familiares têm preocupações e medos na rua, em relação ao estranho e, principalmente, vivenciam uma sensação de insegurança na cidade”. (WENETZ, 2013, p. 347)

As pessoas, principalmente as crianças, precisam ter cautela com o uso de meios tecnológicos, impedir os exageros e ter o momento certo para o uso, senão cada dia mais, ter-se-á crianças que sabem dominar a tecnologia, mas, que não serão capazes de ter habilidades de mover seu próprio corpo. Cada dia ve-se menos crianças brincando com brincadeiras saudáveis, o corpo precisa estar em movimento. Correr, pular, favorece o bem-estar físico, psíquico e mental. Paiva e Costa (2015), afirmam que:

A tecnologia substitui silenciosamente os hábitos tradicionais que envolvem interação física com as pessoas e o meio ambiente...[...] com isso a comorbidade provocam o sedentarismo, diante essa realidade, as crianças adquirem muito cedo doenças psicológicas. (PAIVA; COSTA, 2015, p. 5-6).

As telas podem ser úteis em algumas circunstâncias, em que a criança precise de fato usar as tecnologias, mas no momento necessário, em casa ou no ambiente escolar, o importante é incentivar as atividades e brincadeiras que

levam a criança a movimentar-se, interagir com os seus pares, ter experiências ao ar livre,

Propor à criança brincadeiras antigas, como amarelinha, queimada, esconde-esconde, pular corda, telefone sem fio, jogo da velha, peteca e bolinha de gude, entre outros, são essenciais para o bem-estar e desenvolvimento das crianças. Também é importante permitir que as crianças escolham suas brincadeiras, aquelas que mais lhe agradar.

Toda situação pode trazer um pouco de tensão, o desconhecimento de brincadeiras pode levar a criança a se afastar do grupo, por isso, para uma boa interação, nada melhor do que iniciar com brincadeiras conhecidas por todas. Brincadeiras tradicionais como esconde-esconde, pique, pular corda, amarelinha, brincadeira de roda, facilita a integração no grupo. (BRASIL, 2012, p. 41).

A brincadeira pega-pega foi criada na Holanda por volta de 1830, mas não se sabe ao certo quem a criou.

A peteca é de origem indígena já existia antes do descobrimento do Brasil e era praticada pelos índios. Em 1920 durante as olimpíadas na Bélgica os brasileiros usavam a peteca como um esporte recreativo, apenas para aquecimento.

A queimada não se sabe ao certo de onde surgiu, de acordo com alguns relatos surgiu na Idade Média, naquela época os povos treinavam os soldados por causa da invasão dos bárbaros, através de arremesso de bolas de fogo, o treinamento obteve sucesso e acabou virando um jogo esportivo que é jogado por vários países, no Brasil tornou-se uma brincadeira infantil.

No caso do surgimento da bola queimada, a versão mais aceita é referente ao treinamento do exército do rei Pápus, que era preparado para lutar contra a invasão dos bárbaros na Papônia, que se localizava no norte da Europa Meridional. Uma das atividades desse treinamento era os arremessos de bolas de fogo. Seria esse reino o único que não foi tomado pelos bárbaros. A partir dessa conquista, iniciou-se uma comemoração anual, onde na programação acontecia um festival de queimada, onde os homens podiam relembrar seus feitos. (SANTOS, 2009, p. 8).

A bolinha de gude, pressupõe-se que tenha surgido nas civilizações grega e romana, ano 3000 a.c. Chegou ao Brasil pelos portugueses. Hoje as crianças brincam com bolinhas fabricadas com vidro denominado “gude” variação de

“gode” que significa pequenas pedras redondas. Um fato curioso é que em Gambia, país africano, na votação para eleger os candidatos, usam-se bolinhas de gude para escolherem os candidatos.

De acordo com a BBC BRASIL.COM (2006) os eleitores de Gâmbia substituíram as cédulas por bolinhas de gude. “Segundo o diretor da comissão eleitoral, Kawsu Ceesay, esse sistema foi introduzido desde 1965, por conta do alto índice de analfabetismo daquele lugar”. (BBC, 2006 *apud* SANTOS, 2011, p. 51)

A amarelinha é apontada como uma das brincadeiras mais antigas, conhecida entre as crianças, principalmente no Brasil. Pinturas de crianças brincando de amarelinhas nas vias de Roma Antiga evidenciam que a brincadeira possa ter surgido em Roma e Brasil trazida pelos portugueses. No entanto, Kishimoto (1997), afirma que não se sabe ao certo de onde veio, sabe-se, que provém de práticas abandonadas por adultos, e que os povos antigos da Grécia e do Oriente brincavam de amarelinha, e que uma brincadeira que faz com que a criança se movimente, possui vários benefícios, como a coordenação motora e criatividade, além de aprender noções de matemática.

Pode-se dizer que a amarelinha auxilia no desenvolvimento de noções de números, medidas e geometria. Contagem, sequência numérica, reconhecimento de algarismos, comparação de quantidades, avaliação de distância, avaliação de força, localização espacial, percepção espacial e discriminação visual são alguns conceitos e habilidades do pensamento matemático envolvidos nesse jogo, (SMOLE; DINIZ; CANDIDO, 2000, p. 22)

Com o avanço tecnológico as brincadeiras estão modificando de modo rápido e prático, as crianças não brincam mais como antigamente, hoje os videogames, tablets, computadores e os celulares tomaram conta, as brincadeiras de ruas estão caindo no esquecimento, as brincadeiras antigas ao ar livre estão dando espaço as bicicletas, patins, skates, patinetes etc. Os autores Paiva e Costa relatam como as tecnologias influenciam na vida das crianças e famílias.

[...] Os brinquedos tradicionais caracterizados pela criatividade, coordenação motora e reflexos através do contato físico direto tornaram-se obsoletos, pois, o avanço tecnológico é um fenômeno associado à qualidade no mundo virtual, dificultando assim, o desenvolvimento das experiências sinestésicas (audição, visão,

paladar, olfato, tato) nas quais são decorrentes da relação da criança com o mundo real. (PAIVA; COSTA, 2015, p.3).

Nas últimas décadas os dispositivos móveis cada vez mais acessíveis às crianças, trazem consigo benefícios e riscos. Por isso precisam ser usados de forma correta e com moderação. Certo é que as brincadeiras sempre existiram e existirão, e é importante saber que o seu uso, principalmente como ferramenta de ensino e aprendizagem sempre trará benefícios e auxiliaram nas instituições educacionais, principalmente na educação infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do que foi exposto, percebe-se que a brincadeira é essencial no processo de ensino-aprendizagem. Os brinquedos, o brincar, o contato com os pares, tornam-se ferramentas importantes para um desenvolvimento eficaz na socialização, na criatividade, imaginação, concentração e autonomia da criança. É brincando que a criança desenvolve habilidades motoras, cognitivas, físicas, afetivas, entre outras que são essenciais para sua formação como sujeito e cidadão. Através do brincar, a criança forma conceitos, compreende e respeita regras, produz e reproduz novos conhecimentos e descobertas.

Quando as crianças se divertem também aprendem, principalmente quando em ambiente livres, elas ficam mais entusiasmadas, demonstram mais interesse em fazer as atividades pedagógicas que o professor propõe em aula. Elas ficam mais felizes e conseqüentemente se interessam pelo processo da aprendizagem.

Nota-se, que sem dúvida o brincar é uma prática educativa, e que não é preciso que os brinquedos caros, pois existem brincadeiras bem elaboradas e de fáceis acessos, que promovem o aprendizado e a alegria das crianças.

É importante que o educador tenha criatividade, que seja mediador encorajando e estimulando as crianças durante as brincadeiras. Que promovam atitudes de interação, de confiança e principalmente de alegria para elas. Que seja capaz de propor brincadeiras que sejam prazerosas, fonte de aprendizagem e interação entre as crianças. Brincadeiras que promovam a criatividade, a criticidade, a imaginação. Que o brincar propicie momentos, não só de

aprendizagem, mas de felicidade e crescimento cognitivo, social, emocional, promovendo construção da identidade e autoestima das crianças.

Compreende-se que a brincadeira é essencial no processo de ensino-aprendizagem. Os brinquedos, o brincar, o contato com os pares, tornam-se ferramentas importantes para um desenvolvimento eficaz na socialização, na criatividade, imaginação, concentração e autonomia.

É brincando que a criança desenvolve habilidades motoras, cognitivas, físicas, afetivas, entre outras que são essenciais para sua formação como sujeito e cidadão. Através do brincar, a criança forma conceitos, compreende e respeita regras, produz e reproduz novos conhecimentos e descobertas.

Nota-se, que sem dúvida o brincar é uma prática educativa, e que não precisa de brinquedos caros, que existem brincadeiras bem elaboradas e de fáceis acessos, que promovem o aprendizado e a alegria das crianças.

É importante que o educador tenha criatividade, que seja mediador encorajando e estimulando as crianças durante as brincadeiras. Que promovam atitudes de interação, de confiança e principalmente de alegria para as crianças. Que seja capaz de propor brincadeiras que sejam prazerosas, fonte de aprendizagem e interação entre as crianças. Brincadeiras que promovam a criatividade, a criticidade, a imaginação. Que o brincar propicie momentos, não só de aprendizagem, mas de felicidade e crescimento cognitivo, social, emocional, promovendo construção da identidade, autoestima das crianças.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edvone de Souza de, OLIVEIRA, Mariane dos Santos de. **História da educação infantil no Brasil: as brincadeiras e os jogos. Perspectivas Diálogo:** Revista Educação e Sociedade, Naviraí, v. 4, n. 7, p. 51-63, jan. - jun. 2017.

ARIES, Philippe. **Livro História social da criança e da família.** Disponível em <file:///C:/Users/SISTEMAS/Desktop/ARI%C3%88S.%20Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia_text.pdf > acessado em 12 de maio de 2023.

BERNARTT, Roseane Mendes, **A infância a partir de um olhar sócio-histórico.** Disponível em <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/226.%20a%20inf%C2%ancia%20a%20partir%20de%20um%20olhar%20s%D3cio-hist%D3rico.pdf> acessado em 12 de maio de 2023

BOMTEMPO, Edda. **Brinquedo e Educação: na Escola e no Lar**. Disponível em <[https://www.scielo.br/j/pee/a/nNLSL7TdMvYjzmzdDbr4L8bL/?format=pdf & lang=pt](https://www.scielo.br/j/pee/a/nNLSL7TdMvYjzmzdDbr4L8bL/?format=pdf&lang=pt)> acessado em 01 de novembro de 2023.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei 8.069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). **LEI N 9394/96 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Editora do Brasil. Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Leis Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

BRASIL. Ministério da Educação, **BNCC- Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC EI EF 110518 versaofinal site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)> acessado em 10 de abril de 2023.

CATÔCO, Fernanda Cecília, SOUZA, Karina De Fátima De, XAVIER, Lilian Salvino e SILVA Márcio Antônio da. **A importância do brincar na educação infantil no processo de desenvolvimento e alfabetização**. Disponível em <<file:///C:/Users/SISTEMAS/Documents/trabalhos%20fans/A%20IMPORT%C3%82NCIA%20DO%20BRINCAR%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL%20NO%20PROCESSO%20DE%20DESENVOLVIMENTO%20E%20ALFABETIZA%C3%87%C3%83O.pdf>> acessado em 03 de outubro de 2023.

COLCHESQUI, M. N. C. **A importância do ato de brincar na educação infantil**. Revista Científica Eletrônica da Pedagogia, v. 25, p. 1-15, 2015.

CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte, VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100009#:~:text=A%20brincadeira%20%C3%A9%20definida%20como,e%20refor%C3%A7am%20a%20afirmativa%20anterior> acessado em 26 de abril de 2023

CREPALDI, Roselene. Livro Jogos, Brinquedos e Brincadeiras. Disponível em <[file:///C:/Users/SISTEMAS/Documents/trabalhos%20fans/LIVRO_jogos brinquedos _e_ brincadeiras.pdf](file:///C:/Users/SISTEMAS/Documents/trabalhos%20fans/LIVRO_jogos_brinquedos_e_brincadeiras.pdf)> acessado em 01 de maio de 2023

FANTIN, Monica. **No mundo da brincadeira**: jogo, brinquedo e cultura na educação infantil. Florianópolis: cidade futura, 2000.

FERREIRA, Iara Cristina **O RESGATE DE JOGOS E BRINCADEIRAS ANTIGAS**. Disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uepg_edfis_pdp_iara_cristina_ferreira.pdf acessado em 01 de maio de 2023

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia Saberes Necessários à Prática Educativa**. Disponível em <[file:///C:/Users/SISTEMAS/Documents/trabalhos%20 fans/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf](file:///C:/Users/SISTEMAS/Documents/trabalhos%20fans/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf)> acessado em 29 de abril 2023

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

LEMES, Raquel Karpinski, LOPES, Andreia dos Santos e NINA, Eduarda Klein Della. **A importância do brincar para a criança: educação infantil e anos iniciais**.

Disponível em < <

file:///C:/Users/SISTEMAS/Downloads/A%20IMPORTANCIA%20DO%20BRINCAR%20(2).pdf > acessado em 29 de março de 2023

LIMA, Rebeca Santos, TEIXEIRA, Juliana Fernandes. **Uso de Dispositivos Móveis na Infância: Problemáticas e Possibilidades da Utilização dessa Ferramenta**.

Disponível em < <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-1021-1.pdf> > acessado em 02 de maio de 2023

Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Referencial curricular nacional para a educação infantil. Disponível em

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf > acessado em 22 de abril de 2023

Ministério da Educação, BNCC- Base Nacional Comum Curricular. Disponível em <

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf> acessado em 03 de abril de 2023.

NAVARRO, Mariana Stoeterau. **O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**.

Disponível em <file:///C:/Users/SISTEMAS/Documents/trabalhos%20

fans/O'BRINCAR_NA_EDUCACAO_INFANTIL.pdf > acessado em 30 de março de 2023.

PASCHOAL Jaqueline Delgado, MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A história da educação infantil no brasil: Avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional**. Disponível em <

file:///C:/Users/SISTEMAS/Downloads/lcoutinho,+art05_33.pdf> acessado em 12 de maio de 2023.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO Maria Cristina Gomes. **A pedagogia de Maria Montessori para a educação na infância**. Disponível em <

file:///C:/Users/SISTEMAS/Documents/trabalhos%20fans/3193-Texto%20original-8587-9404-10-20190819%20(1).pdf> acessado em 12 de maio de 2023.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz da **História da infância: reflexões acerca de algumas concepções correntes**, Disponível em < [https://www.researchgate.net/profile/Rita-De-Cassia-Da-](https://www.researchgate.net/profile/Rita-De-Cassia-Da-Rocha/publication/292993991_HISTORIA_DA_INFANCIA_REFLEXOES_ACERCA_DE_ALGUMAS_CONCEPCOES_CORRENTES/links/56b4c9bd08ae3c1b79aaf32b/HISTORIA-DA-INFANCIA-REFLEXOES-ACERCA-DE-ALGUMAS-CONCEPCOES-CORRENTES.pdf)

[Rocha/publication/292993991_HISTORIA_DA_INFANCIA_REFLEXOES_ACERCA_DE_ALGUMAS_CONCEPCOES_CORRENTES/links/56b4c9bd08ae3c1b79aaf32b/HISTORIA-DA-INFANCIA-REFLEXOES-ACERCA-DE-ALGUMAS-CONCEPCOES-CORRENTES.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Rita-De-Cassia-Da-Rocha/publication/292993991_HISTORIA_DA_INFANCIA_REFLEXOES_ACERCA_DE_ALGUMAS_CONCEPCOES_CORRENTES/links/56b4c9bd08ae3c1b79aaf32b/HISTORIA-DA-INFANCIA-REFLEXOES-ACERCA-DE-ALGUMAS-CONCEPCOES-CORRENTES.pdf)> acessado em 12 de maio de 2023.

ROSAMILHA, N. **Psicologia do jogo e aprendizagem infantil**. São Paulo: Pioneira, 1979.

SARMENTO, M. J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003.

SILVESTRINI, Lucinéia Gesualdo, PEREIRA Vanildo Rodrigues. JOGOS E BRINCADEIRAS: BRINCAR HOJE E ONTEM. Disponível em < http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uem_edfis_artigo_lucineia_gesualdo_silvestrini.pdf> acessado em 01 de maio de 2023

SOUZA, Joseilda Sampaio de. **Brincar em tempos de tecnologias digitais móveis**. Disponível em < <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/28762/3/Joseilda.pdf>> acessado em 01 de maio de 2023

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 6.ed. São Paulo, SP. Martins Fontes Editora LTDA, 1998.

WALLON, Henry. A psicologia genética. Trad. Ana Ra. In. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa (coletânea). 1979.

A PSICOMOTRICIDADE COMO CAMPO DE ATUAÇÃO PEDAGÓGICO NO CENÁRIO PÓS-PANDEMIA

DOI: 10.29327/2405920.1.13-4

Júlia Gabriela Figueiredo Santos⁹
Larissa Fernanda Teixeira¹⁰
Geraldo Fernandes Fonte Boa¹¹

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de apresentar, ressaltar e discutir pontos importantes sobre a Psicomotricidade como campo de atuação pedagógica no cenário pós-pandemia, de forma a auxiliar pais, professores e sociedade em geral de como enxergar essa ferramenta como auxílio na aprendizagem. Além de contar com a apresentação de recentes estudos sobre a psicomotricidade, apresenta também contribuições de um Psicólogo e uma Fisioterapeuta, ambos psicomotricistas atuantes na área. A psicomotricidade se apresenta como uma grande aliada no enfrentamento dos problemas gerados no período da pandemia, de modo particular os problemas gerados na relação de aprendizagem social, afetiva, cognitiva e motora das crianças.

Palavras-Chave: Psicomotricidade. Pandemia. Educação. Aprendizagem

ABSTRACT

This research aims to present, highlight, and discuss important points about psychomotricity as a pedagogical playing field in the post-pandemic scenario, in order to assist parents, teachers, and society in general on how to see this tool as an aid in learning. Besides relying on recent studies about psychomotricity, it also presents the contribution of a psychologist and a physiotherapist who actively work in the area. Psychomotricity turns up to be a great ally in tackling the issues caused by the pandemic, especially in the social, affective, cognitive, and motor learning of children.

Keywords: Psychomotricity. Pandemic. Education. Learning.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo compreender a importância da psicomotricidade no ambiente escolar como apoio pedagógico de aprendizagem e, através do lúdico, a ser implementado. Para tanto, analisamos a importância

⁹ Graduanda do Curso de Pedagogia da FANS – Faculdade de Nova Serrana

¹⁰ Graduanda do Curso de Pedagogia da FANS – Faculdade de Nova Serrana

¹¹ Mestre em Educação, Graduado em Filosofia pela PUC-MG, Professor do Curso de Pedagogia da FANS – Faculdade de Nova Serrana.

do cognitivo, do social, do afetivo e do motor para o processo de desenvolvimento, e os estímulos durante a educação infantil. E, nesta etapa educacional o papel da psicomotricidade como apoio pedagógico, considerando que a psicomotricidade, ao trabalhar o corpo, promove o equilíbrio entre corpo e mente, de modo a auxiliar na aprendizagem. Partimos do pressuposto que, no cenário educacional, a interligação entre corpo, afetividade e mente é de fundamental importância na educação infantil e como esta interligação pode repercutir de modo direto e decisivo no processo de aprendizagem.

Partimos de alguns problemas básicos, como trabalhar e levar a psicomotricidade como um campo de atuação que irá contribuir de forma significativa para a correção dos atrasos causados pela pandemia do COVID-19 na educação infantil? Qual o grau de interferência do desenvolvimento psicomotor no processo educacional das crianças no cenário da pandemia? Que outros impactos – alimentares, convivência, tolerância, emocionais – foram comprometidos pelo isolamento social, e como estes impactos comprometem o processo educacional? De que maneira a psicomotricidade pode auxiliar na compreensão e na solução desses impactos?

Assim, em um primeiro momento, a temática desenvolvida no primeiro capítulo desta pesquisa, discutimos o que é a psicomotricidade, seu histórico – destacando seu surgimento – e o seu campo de atuação e como este campo de estudos – a psicomotricidade, se apresenta como possibilidade de análise dos processos e do desenvolvimento educacional das crianças. Já no segundo capítulo, analisamos os efeitos e os impactos da pandemia no desenvolvimento da criança de forma geral – afetivo, social, cognitivo e motor – na educação infantil. E, por fim, para vislumbrar possíveis soluções para determinados problemas de aprendizagem, destacando formas de trabalhar e levar a psicomotricidade como um auxílio no processo de correção de possíveis atrasos causados pela pandemia na educação infantil.

A metodologia de pesquisa utilizada foi a pesquisa bibliográfica, o que nos forneceu a base teórica da Psicomotricidade e, em seguida, a realização de entrevistas com profissionais que trabalham no atendimento junto a consultórios de psicologia, e terapias de família e casal. As entrevistas foram realizadas com o Psicólogo Bruno Andrade de Divinópolis-MG, pós-graduado

Psicomotricidade, e em Terapia de Família e Casal, especialista em Terapia Estratégica Breve, Formação em Análise Corporal da Relação e com a Fisioterapeuta Paloma de Paula Resende Severino de Perdigão-MG, pós-graduada em Fisioterapia Neonatal e Pediátrica, pós-graduada em Psicomotricidade e especialista em Reabilitação Neurofuncional. As entrevistas foram realizadas seguindo um roteiro na forma de um questionário – ver anexo I – onde procuramos compreender como as crianças estão chegando aos consultórios, e a partir daí, identificarmos os níveis de aprendizagens e também de estímulos, e como isso está sendo vivenciado pelos pais/professores/escolas.

PSICOMOTRICIDADE E EDUCAÇÃO

2.1 Conceituação da Psicomotricidade

A Associação Brasileira de Psicomotricidade, apresenta definição na qual diz que a psicomotricidade é

a ciência que tem por objetivo o estudo do homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo. Está relacionado ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas. É sustentada por três conhecimentos básicos: o movimento, o intelecto e o afeto. Psicomotricidade, portanto, é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização. (Associação Brasileira da Psicomotricidade, ABP¹²).

Como se pode observar, este conceito leva em consideração “três tipos de conhecimentos básicos: o movimento, o intelecto e o afeto” (ABP). Já Oliveira(1997) afirma que

O termo *psicomotricidade* apareceu pela primeira vez com Dupré em 1920, significando um entrelaçamento entre o movimento e o pensamento. Desde 1909, ele já chamava a atenção de seus alunos sobre o desequilíbrio motor, denominando o quadro de “*debilidade motriz*”. Verificou que existia uma estreita relação entre as anomalias psicológicas e as anomalias motrizes, o que levou a formular o termo psicomotricidade. (OLIVEIRA,1997, p. 28/29)

¹² A Associação Brasileira de Psicomotricidade, disponibiliza informações gerais sobre seu campo de atuação através de seu site <https://psicomotricidade.com.br/>

Além deste aspecto, BUENO (2013) afirma que a trajetória da psicomotricidade foi construída historicamente a partir de três fases: corpo hábil, corpo consciente e corpo significativo. Na primeira fase a psicomotricidade estava focada apenas para a habilidade motora e seus respectivos exercícios, ou seja, era basicamente voltada para se trabalhar o equilíbrio, o controle motor e a coordenação motora, ou seja, **CORPO HÁBIL**. A segunda fase as práticas começam a voltar-se para um olhar global do indivíduo, utilizando o exame psicomotor e a reeducação psicomotora, ou seja, o denominado **CORPO CONSCIENTE**. E por fim, a terceira fase, a psicomotricidade desperta para um olhar mais globalizado do corpo, de modo a expandir seus horizontes, passando a considerar os seus aspectos afetivos, motor, linguagem, emocional e cognitivo, o que fez desenvolver o conceito de **CORPO SIGNIFICANTE**. Estes trabalhos, experiências e tratamentos trouxeram significativos crescimento para a ciência da Psicomotricidade no Brasil.

2.2 Contribuições e papel da psicomotricidade

Como se observa, esse longo caminho da Psicomotricidade como ciência contribuiu significativamente na relação entre corpo e mente. Cabe analisar o papel da psicomotricidade para a formação de um adulto equilibrado e saudável. Nesse sentido, segundo BUENO (2013), nos seis primeiros anos de vida de uma criança são decisivos e de fundamental importância para a formação integral do indivíduo, pois se sabe que essa primeira fase é na qual a absorção dos estímulos acontece de forma mais significativa e com isso refletirá em toda a sua evolução posteriormente. OLIVEIRA (1997), destaca que

a educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de base na escola primária. Ela condiciona todos os aprendizados pré-escolares; leva a criança a tomar consciência do seu corpo, da lateralidade a situar-se no espaço, a dominar seu tempo, a adquirir habilmente a coordenação de seus gestos e movimentos. A educação psicomotora deve ser praticada desde a mais tenra idade; conduzida com perseverança, permite prevenir inaptações difíceis de corrigir quando já estruturadas... (OLIVEIRA, 1997, p. 35-36).

E mais, segundo OLIVEIRA (1997), em ambientes desprovidos de estímulos, pode acabar conseqüentemente atrapalhando o desenvolvimento integral da criança, e afirma que “crianças que residem em lugares desprovidos

de espaço para recreação e que acabam limitando as experiências motoras resultando em desvantagens em seu desenvolvimento global.” (OLIVEIRA,1997, p. 22/23). Nesse sentido, a psicomotricidade passa a ter um papel importante na primeira infância: o de entrelaçar corpo e mente, a fim de promover o desenvolvimento integral da criança, levando-a a obter maturação em suas atividades, e conseqüentemente, tornando-se um indivíduo íntegro na sociedade, ou no dizer de BUENO (2013, p.167) é nesta fase da vida (0 a 8 anos) que se desenvolve a “consciência dos movimentos corporais integrados com sua emoção e expressados através dos movimentos. [...] fase importante para trabalhar com todos os aspectos do desenvolvimento (Motor, intelectual e socioemocional)” e conclui que é nessa fase etária é que se instala “as principais dificuldades em todas as áreas de relação com o meio ao qual a criança está inserida e que, se não forem explorados e trabalhadas a tempo, certamente trarão prejuízos, como dificuldade na escrita, leitura, na fala, na sociabilização, entre outros. (BUENO, 2013, p.167). Nesse sentido, “a educação psicomotora se coloca no sentido de uma educação que não se restringe apenas ao saber escolar” (CARVALHO, 2003, p.85). Esta ampliação da noção de educação, promove a formação da personalidade” o que compreende “a educação do ser humano nos seus aspectos corporais, motores, emocionais, intelectuais e sociais.” (CARVALHO, 2003, p.85)

Como pode ser observado a psicomotricidade está diretamente relacionada à Educação Infantil, os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental. E para tanto, vale destacar que as “condutas psicomotoras” devem ser “subdivididas didaticamente” considerando os aspectos “funcionais e relacionais”. Nesse sentido torna-se necessário compreender o que isso significa. Para BUENO (2013),

“condutas psicomotoras funcionais referem-se àquelas cuja ação, qualidade e mensuração são possíveis de serem percebidas e que conjuntamente formam a integralização motora do ser humano num espaço e num tempo enquadrado. Já os conceitos relacionais são entendidos como a forma na qual o sujeito em seu corpo estabelece os parâmetros para interagir com o meio e com as pessoas, a partir das relações que assim se estabelecem. (BUENO, 2013, p.168).

2.2.1 Conceitos Psicomotores Funcionais

Cabe, portanto, considerar que os conceitos psicomotores funcionais, que segundo BUENO (2013), são divididos em: estruturais, globais e perceptivos.

1. Os ESTRUTURAIS são “aqueles sobre os quais se desenvolve o sujeito, e pelo qual se constrói a base (...)” (BUENO, 2013, p.168). Estes conceitos “estruturais” se subdividem: Esquema Corporal, Tônus e Respiração. Cada um desses conceitos deve ser compreendidos de modo claro por quem trabalha na perspectiva do Educação Psicomotora e que neste artigo não traremos, apenas destacamos sua importância;
2. Os GLOBAIS, igualmente conceitos funcionais, constituem da coordenação motora ampla ou grossa; coordenação motora fina, equilíbrio; postura e relaxamento. Este conjunto de conceitos “[...] envolvem o corpo como um todo, e dos quais dependem de seus gestos e harmonia quando o indivíduo interage com o meio”. (BUENO, 2013, p.189).
3. Os PERCEPTIVOS, que é definido como “(...) aqueles que recebem a influência direta do sistema sensorial, sobretudo dos canais cinestésicos, auditivos e visuais, pelos seus receptores sensoriais, sendo a porta de entrada para o estudo dos processos mentais.” (BUENO, 2013, p. 206-207). E que por sua vez são subdivididos em conceitos psicomotores importantes: percepções, estruturação espacial (espaço), estruturação temporal (tempo), estruturação espaço/temporal, lateralidade e ritmo.

2.2.2 Conceitos Psicomotores Relacionais

Tão importante quanto os Conceitos Psicomotores Funcionais, apresentados sumariamente no item anterior, são os conceitos psicomotores relacionais. Assim, BUENO (2013), entende que os conceitos relacionais são compreendidos na integridade do corpo com o meio, ou seja, em uma relação entre si, compreendendo seu mundo interno e externo em sua totalidade. No rol desses conceitos estão a Expressão - necessária para a comunicação do homem no mundo; a Comunicação que atua interligado com o anterior, visto que é o corpo que se expressa e se comunica com o mundo; a Agressividade, que não deve ser entendida como destrutiva ou negativa, mas como comunicação; a Afetividade que se manifesta de forma espontânea a partir do momentos em que

os sujeitos se colocam em uma dimensão de reciprocidade; o Limite entendido como expressão e exercício da liberdade e por fim a Corporeidade que deve ser entendida “como sendo a vivência do corpo na relação com o outro e com o mundo, condição básica para a qualidade de vida do indivíduo. É um dos canais mais importantes para facilitar essa relação.” (BUENO, 2013, p.257-262)

Vale ressaltar que todos estes conceitos psicomotores devem ser estudados e aprofundados para que sejam aplicados e trabalhados de forma equilibrada e madura por parte do psicomotricista dentro do ambiente escolar. Aqui eles foram sumariamente apresentados uma vez que não se trata do foco principal deste trabalho.

3. O PERÍODO DA PANDEMIA DO COVID-19 E A PSICOMOTRICIDADE

No início do ano de 2020, mais precisamente no primeiro trimestre, todo o Planeta Terra se deparou com algo preocupante, porém invisível a olho nu – a COVID-19, uma doença que recebeu o nome de coronavírus, causada pelo vírus SARS-CoV-2. Muitas famílias, em muitos países do mundo, foram obrigadas a se fecharem em casa. Apenas supermercados, farmácias, postos de saúde, hospitais, estabelecimentos essenciais ficaram abertos. Esta pandemia, assim classificada pela Organização Mundial de Saúde - OMS, afetou a vida social no mundo inteiro.

Do ponto de vista da educação, o mundo inteiro foi afetado de forma significativa, fazendo com que as escolas sem outra opção também fechassem as portas. Assim, a única alternativa encontrada para que o processo de aprendizagem não parasse foi o ensino *online*, cheio de lacunas, porém a única solução diante daquele cenário. A tecnologia dentro da situação foi a alternativa usada, e muitas crianças não tiveram esse acesso, e as que tiveram, limitaram somente a essa estimulação intelectual, e o corpo como um todo foi deixado de lado.

Como identificar e relacionar a psicomotricidade com este momento vivenciado pelas unidades escolares no pós-pandemia? Seria a psicomotricidade um instrumento fundamental no processo de recuperação do desenvolvimento das crianças? Essas são as questões que nos motivaram na realização desta pesquisa.

O atraso de estímulos, sejam eles motores ou cognitivos, gera na criança distúrbios psicomotores, que são percebidos nas salas de aulas. Aspectos como coordenação motora fina e ampla, lateralidade, organização de espaço e tempo, paciência para realização de atividades e foco em longo prazo são alguns fatores que precisam ser estimulados no ambiente escolar.

Um dos impactos mais visíveis no período da pandemia, e que afetou decisivamente as crianças, está relacionado ao sedentarismo. Estudos apontam para o desenvolvimento de “déficit de atenção”, além de outros distúrbios a ele associados. Dentre os distúrbios psicomotores decorrentes do sedentarismo, está o “desequilíbrio motor, manifesto em tensões musculares desnecessárias, rigidez e má postura.” (FERNANDES, *et ali.* 2014, p.117). Embora devamos considerar que o sedentarismo está presente - em maior ou menor grau - em pessoas de qualquer idade, além de ser fruto do estilo de vida presente na maioria das cidades modernas, as pessoas chegaram a um grau excepcional durante o período da Pandemia.

Outra questão importante, também apontada como um fator agravante no cenário atual, é a proteção excessiva da família em relação aos filhos, que durante a pandemia, isso ficou evidente. Muitas vezes, a mãe que ali estava presente o tempo todo, ou mais presente do que antes, assume a postura de “mãe super protetora que faz tudo pelo filho também estão negando a ele a oportunidade de se desenvolver” e criar a autonomia necessária para o seu crescimento. (OLIVEIRA,1997, p.23). Isso, de fato, atrapalha as habilidades motoras, cognitivas e afetivas da criança, visto que a criança recebe tudo na mão, sendo incapaz de desenvolver um movimento, gerando um grau de dependência absoluta.

Por fim, e não menos importante, ressalta-se o uso excessivo de telas que a pandemia provocou nestas crianças, que foram cercadas por um triste cenário, prejudicando seu potencial motor, e fechando as janelas e sinapses que estavam totalmente preparadas para a aprendizagem. Daí, a situação que já estava acontecendo antes da pandemia, foi agravada por ela, pela falta de estímulos.

De alguns desses problemas, podemos destacar um grande número de crianças com deficiência intelectual e também motora, apresentaram atraso no

desenvolvimento de linguagem e de fala, uma maior necessidade e dependência dos pais, desatenção durante as atividades propostas, dificuldade de socialização, dependência do uso de tecnologia. Sabemos que é na infância, precisamente na primeira fase, a melhor época para se trabalhar e desenvolver todas as potencialidades motoras. Visto que na Lei Base da Educação Nacional (LDB) se confirma este fato ao dizer que

a educação infantil é considerada a primeira etapa da educação básica e, de acordo com a Lei nº 9.394/1996 (Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB), tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 anos de idade “em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Brasil, 1996, art. 29).

Assim, pode-se perceber que é dever de toda a sociedade assegurar esse direito à criança, apontando caminhos para que obtenha sucesso no objetivo. Isso equivale dizer que

a primeira infância é um período importante para a formação das crianças, pois é nessa época que elas irão se constituir como seres humanos mediante diferentes estímulos dos meios em que estão inseridas.[...] Além disso, “a infância apresenta-se como fase crucial para o desenvolvimento de um repertório motor que favorecerá o aprimoramento de outras habilidades no decorrer da vida adulta”. Nesse sentido, um dos recursos que pode ser utilizado para a promoção do desenvolvimento integral das crianças são os trabalhos que envolvem atividades psicomotoras. (FIN e BARRETO, 2010, p.5 apud SACCHI; METZNER, 2019, p.98)

Deve-se que considerar, e entender, que essa primeira fase da educação infantil é uma fase em que os pais e professores devem ter um olhar lúdico e atento envolvendo atividades que trabalhem o corpo como um todo e oferecer espaço para que se tenha uma aprendizagem eficaz e significativa. Cabe aos pais, portanto, deixar que seus filhos explorem os ambientes, auxiliando-os e não fazendo por eles. É preciso deixar que caiam, que ralem os joelhos, que errem, que levantem, mas que, através disso, se tenha a consolidação das noções de lateralidade, coordenação motora fina e grossa, esquema corporal, noção de espaço e de tempo, respiração, equilíbrio e postura. Assim, além de uma autonomia corporal, as crianças também consolidam sua autonomia emocional.

Para os professores, a escola deve ser uma importante ferramenta motora com espaços providos de estímulos e ricos em práticas psicomotoras, e com

objetivo de interação. Os professores, portanto, devem buscar uma formação contínua na área psicomotora, estimular os alunos a desenvolver sua melhor potencialidade, estimulando a imaginação, criatividade, responsabilidade e autonomia.

Um grande erro encontrado, o qual é válido mencionar, é a notória insistência dos docentes em aplicar uma quantidade excessiva de folhas e impressões sem um verdadeiro contexto para os seus alunos. Para haver um equilíbrio nessa situação, é preciso que intercale a ludicidade juntamente com a ideia psicomotora neste momento de atividades teóricas.

Assim, entende-se que é preciso que aconteça uma união entre família, escola e psicomotricidade, para que, de fato, aconteça a integração corpo e mente, como mencionado no início desse trabalho. O objetivo, através do bate papo com o psicomotricista Bruno Andrade e com a fisioterapeuta e também psicomotricista Paloma - o qual será detalhado no tópico de metodologia desse documento - é mostrar caminhos e soluções para que, conhecendo a realidade pós pandemia pela qual se vivencia, apresentar correções e adaptações necessárias para o pleno desenvolvimento da criança na educação infantil.

4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS PSICOMOTRICISTAS

Através de um único questionário aplicado aos entrevistados, foi possível confirmar que após a pandemia, houve de fato um atraso significativo devido ao sedentarismo, falta de estímulos, exposição desregradas em frente às telas, falta de rotina e principalmente a falta do convívio social com outras crianças, e que isso, conseqüentemente, gerou nas crianças com um despreparo emocional muito grande. Crianças desinteressadas por brincadeiras que envolvem o correr, pular, dançar, preferindo assim, jogos virtuais. Crianças com atrasos na leitura, escrita, coordenação motora fina e grossa, e que hoje atualmente estão em séries correspondentes à sua idade, porém desenvolvendo atividades de séries anteriores.

Outro ponto também mencionado pelo psicomotricista Bruno e por Paloma, e que para os entrevistados é a análise das dificuldades que se enfrenta, tem como foco principal a falta do apoio familiar que as crianças não

tem recebido. MARTINS (2013), em seu artigo vem confirmar a importância dos vínculos familiares, pois a criança precisa de um lar harmonioso, onde seus responsáveis saibam lhe dar afeto

[...] Favorecer um desenvolvimento harmonioso da criança é, antes de tudo dar-lhe a possibilidade de existir, de tornar-se uma pessoa única, é oferecer-lhe, então, condições as mais favoráveis para comunicar-se, expressar-se, criar e pensar. (AUCOUTURIER, 1996, APUD, MARTINS, 2013, P.12)

Torna-se importante ressaltar que quando os entrevistados falam em "apoio familiar", não se referem somente família no sentido formal e tradicional (pai, mãe e filhos), e sim, aqueles que vivem e têm responsabilidade pela criança, sejam tios, primos, avós, avôs, só o pai, só a mãe, etc. Assim, para Bruno e para Paloma, quando essa criança deixa de receber o apoio, a estimulação, o afeto e a atenção, que deveria ser recebido do primeiro pilar que é a família, conseqüentemente ela se fecha para as janelas da aprendizagem, pois

Uma criança desenvolvida é uma criança de acolhida e de abertura em busca de demandas junto às pessoas de seu meio. É uma criança que sente prazer em dar e receber, em descobrir e conhecer; é uma criança feliz de viver que afirma seus desejos sem medo, dúvidas, nem culpa. As relações psicomotoras do bebê constroem suas possibilidades de interação social, sua autoimagem, sua organização psicofisiológica, suas linguagens verbal e não verbal, dentre outros fatores. (MARTINS, 2013, P.12)

Como base no que foi posto, Bruno apresentou um exemplo de educação promovida no sul do país, que foca primeiramente em ensinar os pais/responsáveis, preparando-os, para que de fato as crianças consigam ter uma aprendizagem de sucesso. A escola que atende pelo nome de Ayni, é formalmente registrada como um contraturno, ou seja, não substitui o ensino regular, e fica localizada na cidade de Guaporé - Rio Grande do Sul. Sua educação tem por objetivo criar um trabalho interno de reflexão sobre a vida, da reconexão com a própria essência, trabalhando primeiramente a educação com os adultos e pais, para a partir daí, criar uma nova relação com as crianças, através de uma educação mais prazerosa, permitindo serem elas mesmas e tendo a certeza que estão em um ambiente seguro, de confiança e com a presença de quem os amam.

Um outro ponto encontrado na pesquisa, é a relação do atraso de desenvolvimento das crianças com a pandemia, mas confirmou-se também que antes mesmo da pandemia já havia esses atrasos em grande escala. Porém, esse cenário se agravou com a pandemia do COVID-19, pela falta estímulos e sem o contato social nas escolas.

Assim, com base na pesquisa e entrevistas realizadas com os psicomotricistas atuantes na área, pode-se constatar que de fato as crianças têm chegado aos consultórios com grandes dificuldades de aprendizagem, e que a pandemia (não é causadora oficial), mas contribuiu grandemente para esta realidade. Os profissionais concluem esta parte dizendo que de todos, idosos, adultos, jovens e crianças foram de alguma forma afetados, porém as crianças foram as mais lesadas.

E assim, percebe-se que a modernidade na qual se vive, afetou as relações sociais, o mundo hoje se comunica via email, celular, redes sociais, e na pandemia, isso se agravou, pois a tecnologia era a única companhia, muitas vezes impossibilitados ou com medo de sair às ruas. Em uma bela reflexão de MARTINS (2013), do artigo citado acima, pode-se perceber como infelizmente estão as relações de um para com o outro, e como isso tem prejudicado as crianças, as principais afetadas. Seriam elas, o futuro da nação, indivíduos com dificuldades emocionais, baixo limiar para frustrações, inseguranças, uma má construção da personalidade?

O objetivo deste artigo é refletir sobre os vínculos primários e o desenvolvimento psicomotor, diante deste tema tão importante e visceral trago um alerta do pensador Zygmunt Bauman (2004) que em sua obra "Amor Líquido" fala sobre a fragilidade dos laços humanos resultante deste líquido mundo moderno que não valoriza o que é sólido e durável e dá mais importância a cultura da satisfação instantânea, relacionamentos em "rede" (pela internet através de bate-papo, email ou celular), que podem ser deletados facilmente. Esta liquidez não ocorre apenas nas relações amorosas e vínculos familiares, mas também entre os seres humanos de uma maneira geral. Os vínculos estão cada vez mais flexíveis e fluidos, gerando níveis de insegurança que aumentam a cada dia. Na infância a fragilidade dos vínculos é muito preocupante, pois afeta profundamente a constituição do sujeito e da sua personalidade. (MARTINS, 2013, P. 11)

Como proposta de solução, e após aprofundamentos na área estudada, percebe-se que a melhor solução é rever o cenário educacional como um todo, seja no comportamento da sociedade, seja dos professores e demais

funcionários da escola, seja da própria família, e até mesmo da estrutura física da escola. Com isso, mudar a didática da escola, começando primeiramente com instituição da Psicomotricidade como currículo disciplinar dentro das escolas, e reelaborando o molde de ensino, a começar com os pais, assim como a escola Ayni propõe. Uma escola construtivista, que se baseia na construção de um indivíduo como um todo, zelando por seu social, afetivo, social e cognitivo (o conceito base da psicomotricidade)

É preciso conviver com o real e o virtual na Modernidade, porém nem tudo pode ser estendido totalmente para a virtualidade, principalmente quando focalizamos os vínculos primários percebemos a necessidade de solidez, consistência, entrelaçamento de corpos e afetos, do pele a pele, do corpo a corpo, do face a face, conscientes da corporeidade como condição humana. (MARTINS, 2013, P.11)

E com isso, buscar elaborar aulas para além das expositivas, como por exemplo, laboratórios ao ar livre, circuitos psicomotores com mais intensidade (um professor psicomotor específico), um psicólogo de plantão, aulas de reforço de forma lúdica e prazerosa, outros métodos de avaliação que não sejam somente por notas e de forma escrita, espaço para a criatividade com dança, música, poesia, artes, tecnologia e dentre outros toda semana. Um espaço escolar conectado com a natureza, na qual os alunos possam cuidar das plantas, e cultivar hortaliças. Promover um clube de leitura, roda de bate papo, usar a psicomotricidade como forma de alfabetização, como exemplo: usando bambolês com as letras do alfabeto. Roda de conversas com pais pelo menos duas vezes no mês, projeto social no bairro como forma de criar vínculo social e fortalecer o emocional, etc.

Ao ampliar a qualidade de ensino e conseqüentemente introduzir com maior ênfase a psicomotricidade e seus benefícios para a sociedade, criar-se-á assim, dentro das escolas, um ambiente saudável e acolhedor para que de fato aconteça a aprendizagem, com o apoio é claro, da sociedade

São estas relações psicoafetivas, ou seja, a integralidade de seus encontros e desencontros, seus diálogos tônicos com seus familiares, espaços, objetos e outras pessoas estranhas ao núcleo inicial, que irão constituir o arcabouço do qual irá erigir-se toda a evolução do sujeito e a formação da sua personalidade. A atitude atenta dos pais às necessidades da criança expressadas pela via do corpo determina a maneira de pegá-la, sustentá-la, transportá-la – a criança sente que é acolhida no seu corpo – faz com que ela exista se sinta unificada – sensação de se pertencer – de ter um corpo. (MARTINS, 2013, P.12)

CONCLUSÕES

A partir da realização deste trabalho, da pesquisa feita e das entrevistas realizadas, foi possível notar e identificar que a psicomotricidade pode ser um campo de atuação para o controle de possíveis problemas concernentes ao processo de aprendizagem desde a primeira infância e até mesmo nas questões afetivas/sociais.

Concluimos que um possível enfrentamento da situação gerada pela pandemia seria levar a psicomotricidade para dentro das escolas como um componente curricular. A ideia é que este local seja visitado por toda a escola, de forma orientada e acompanhada por profissionais, para que tenha bom aproveitamento não só cognitivo para os alunos, mas também resultando na convivência afetiva, social e motora de toda a comunidade escolar.

Quando se fala em atrasos que a pandemia trouxe para as crianças, está se falando de déficits já preexistentes, mas que foram maximizados pela paralisação provocada pelo distanciamento social imposto. Como as crianças estão organizadas em séries escolares relacionadas à sua idade, confirmado na pesquisa por psicomotricistas, há um enorme descompasso quando se observa o aspecto da aprendizagem, que pode ser classificado como um “atraso bem significativo”.

Os impactos notados e que hoje tivemos a oportunidade de analisar, em relação às dificuldades de aprendizagem são muitos, a começar pela falta de rotina das crianças nestes dois anos parados (no ensino virtual), não havia horários para dormir/acordar, para se alimentarem e para as atividades escolares, resultando no sedentarismo. Outro ponto importante é em relação ao emocional, muitas vezes noticiados em televisões ou até mesmo nos próprios celulares, notícias do COVID-19, ficaram assustadas, causando assim um emocional frágil, resultando em ansiedade, insônia, inquietação, agressividade, falta de regras e limites, e até mesmo questões escolares no geral, escrita, leitura, cálculos, coordenação motora fina e grossa, lateralidade, equilíbrio, postura, relaxamento, tonicidade, estrutura espacial/temporal e respiração.

Correr, saltar, saber posicionar-se, tomar decisões, pensar, agir de forma correta, torna-se fundamental e essencial para que se tenha uma aprendizagem significativa e com valores que vão gerar indivíduos maduros. Os psicomotricistas entrevistados deixaram claro como resultado significativo que, o apoio familiar é necessário e fundamental para uma boa base na formação da personalidade, que o brincar livre e espontâneo é necessário, e que o regrar das telas devem ser rotinas dos pais.

Portanto, através das pesquisas realizadas e vivenciadas, podemos perceber a importância de um bom docente, família e sociedade na vida das crianças, pois é através do seu jeito de ensinar e de suas práticas que os indivíduos conseguem assimilar e absorver o conteúdo aprendido. Dessa maneira, a psicomotricidade pode auxiliar na compreensão e solução desses impactos, uma vez que, a psicomotricidade tem como objetivo abordar o indivíduo de forma geral, seja trabalhando a afetividade, o cognitivo, a motricidade e o social de forma livre e espontânea, os quatro pilares essenciais na aprendizagem, conectando o indivíduo com seu próprio corpo e com o meio em que vive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANAIS DO XII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOMOTRICIDADE, 2013, Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/Anais do XII Congresso Brasileiro de Psicomotricidade 2013-with-cover-page-v2.pdf>>. Acesso em: (08/10/2022).

BARBOSA, Rita de Cássia Martins. *Psicomotricidade, Jogos e Recreação*. Espírito Santo: ESAB, 2008.

BEUREN, Ilse Maria (org). et all. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**; 3.ed. 4°. reimpr. - São Paulo : Atlas, 2009.

BUENO, Jocian Machado. **Psicomotricidade: teoria e prática**. Da escola à aquática. São Paulo: Cortez, 2013.

CARVALHO, Elda Maria Rodrigues de. Tendências da educação psicomotora sob o enfoque Walloniano. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2003, v. 23, n. 3, pp. 84-89. Epub 29 Ago 2012. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000300012>. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000300012>>. Acesso em 2 março 2022.

CIDADE ESCOLA AYNI. Site Oficial. Disponível em: <<<https://www.ayni.org.br/>>>. Acesso em: (08/10/2022).

COSTA JR, Dirceu. **Psicomotricidade e Desenvolvimento Motor**. Valinhos: 2017.

- FERNANDES, C. T.; DANTAS, P. M. S.; MOURÃO-CARVALHAL, M. I. Desempenho psicomotor de escolares com dificuldades de aprendizagem em cálculos. **Estudos pedagogia** [online]. 2014, v.95, n.239 [Acessado 6 março 2022]. pp.112-138. Epub 5 Maio 2014. <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/Y76PwgwvNJGDc4JGh7BTtcb/?format=pdf&lang=pt>. Disponível em: <<<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/Y76PwgwvNJGDc4JGh7BTtcb/?format=pdf&lang=pt>>>. Acesso em 6 março 2022.
- FERNANDES, J. M. G. de A.; FILHO, P. J. B. G.; REZENDE, A. L. G. de. Psicomotricidade, jogo e corpo-em-relação: contribuições para a intervenção. **Artigo de Reflexão/Ensaio** [online]. 2018, v. 26, n. 3. pp.702-709. Epub Jul 2018. ISSN 2526-8910. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoEN1232>. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoEN1232>>. Acesso em 3 março 2022.
- FONSECA, Vitor da. Psicomotricidade: uma visão pessoal. **Construção Psicopedagógica** [online]. 2010, v.18, n.17. pp. 42-52. Epub Fev 2010. ISSN 1415-6954. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v18n17/v18n17a04.pdf>. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v18n17/v18n17a04.pdf>> . Acesso em 23 março 2022.
- HO, YEH-LI; MORAIS, Anna Miethke. COVID-19: o que aprendemos? **EDITORIAL J. bras. pneumol.** [online]. 2020, v.46 n.03, pp.1-2. Epub 16 Fev 2020. ISSN 1806-3756.<https://doi.org/10.36416/18063756/e20200216>. Disponível em: <<https://doi.org/10.36416/1806-3756/e20200216>> Acesso em 7 setembro 2022
- OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Psicomotricidade: Educação e Reeducação num Enfoque Psicopedagógico**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- ROSSI, Francieli Santos. Considerações sobre a Psicomotricidade na Educação Infantil. **Publicação Acadêmica** [online]. 2012, v.1, n. pp.1-18. Epub Maio 2012.<<<http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Considera%C3%A7%C3%B5es-sobre-a-Psicomotricidade-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil.pdf>>> Disponível em: <<http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Considera%C3%A7%C3%B5es-sobre-a-Psicomotricidade-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil.pdf>>> Acesso em 14 março 2022.
- SACCHI, A. L.; METZNER, A. C. A percepção do pedagogo sobre o desenvolvimento psicomotor na educação infantil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** [online]. 2019, v. 100, n. 25, pp. 96-110. Epub 16 Maio 2019. ISSN 2176-6681. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i254.3804>. Disponível em: <<https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i254.3804>>. Acesso em 2 março 2022.
- SILVA, C. M.; SOARES, R.; MACHADO, W.; ARBILLA, G. A Pandemia de COVID-19: Vivendo no Antropoceno. **Rev. Virtual Quim** [online]. 2020, v.12, n.4, pp. 1001-1016. Epub 7 de Julho 2020. ISSN 1984-6835. <http://static.sites.s bq.org.br/rvq.s bq.org.br/pdf/v12n4a09.pdf>. <Disponível em: <http://static.sites.s bq.org.br/rvq.s bq.org.br/pdf/v12n4a09.pdf>> Acesso em 10 setembro 2022.
- SODRÉ, Liana Gonçalves Pontes. Estudo de crianças na reprodução dos compon/entes gráficos da escrita. **Psicologia Escolar e Educacional** [online]. 2002 v. 6, n. 1 . pp. 39-

50. Epub 16 Dez 2010. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572002000100005>. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572002000100005>>. Acesso em 6 março 2022.

WALLON, H. A Evolução Psicológica da Criança. São Paulo: Edições 70, 1968. Disponível em: <<<http://deboracg.blogspot.com/2009/11/contribuicoes-de-wallon-sobre.html>>> Acesso em 11/10/2022

ZIRONDI, A. P.; LEITE, S. R. M. A importância da psicomotricidade na educação infantil: algumas contribuições. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional** [online]. 2018, v. 11, n. 11. pp. 1-14. Epub 24 Outubro 2018. ISSN 2179-0663.

<https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/9023>. <Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/9023>> . Acesso em 12 março 2022.

ANEXO

SEGUE EM ANEXO QUESTIONÁRIO REALIZADO COM OS PSICOMOTRICISTAS.

| |
|---|
| ENTREVISTA PARA PESQUISA DE CAMPO COMPLEMENTAR TRABALHO DE CURSO |
| PERGUNTA A BRUNO ANDRADE E PALOMA DE PAULA RESENDE AMBOS PSICOMOTRICISTAS |
| 1. BRUNO/PALOMA, COMO AS CRIANÇAS ESTÃO CHEGANDO PARA VOCÊ EM SEU CONSULTÓRIO ? |
| 2. DEVIDO A PANDEMIA, O QUE VOCÊS ACHAM QUE TEM ACONTECIDO? |
| 3. PODEMOS ASSOCIAR A REALIDADE DE ESTÍMULOS QUE AS CRIANÇAS SE ENCONTRAM COM O ISOLAMENTO VIVIDO NA PANDEMIA? |
| 4. A PSICOMOTRICIDADE PODE CONTRIBUIR PARA AS DIFICULDADES E FALTA DE ESTÍMULOS QUE AS CRIANÇAS ESTÃO APRESENTANDO? |
| 5. SE A RESPOSTA FOR SIM, COMO DEVE SER FEITO ESTE TRABALHO PSICOMOTOR REABILITADOR? |
| 6. NA SUA VISÃO DE PSICOMOTRICISTA ATUANTE NA ÁREA, QUE CONSELHO VOCÊ DARIA PARA A SOCIEDADE DE FORMA GERAL (PAIS, PROFESSORES E PAIS)? |
| 7. QUAL O GRAU DE INTERFERÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR NO PROCESSO EDUCACIONAL DAS CRIANÇAS NO CENÁRIO DA PANDEMIA? |
| 8. QUAIS FORAM SUAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO PERÍODO PANDEMIA ATÉ O MOMENTO ATUAL? |
| 9. QUAL SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A MELHORIA? (IDEIAS, PENSAMENTOS, ETC) |

10. EM SUA OPINIÃO, VOCÊ ACHA QUE O EXCESSO DE TELAS, SUPERPROTEÇÃO DOS PAIS, PRECARIEDADE DOS ESTÍMULOS OFERTADOS, SEDENTARISMO, FALTA DE ROTINA E FALTA DE CONVIVÊNCIA SOCIAL VIVENCIADOS NA PANDEMIA CONTRIBUÍRAM PARA O NOSSO CENÁRIO ATUAL?

A BUSCA DA FELICIDADE, FATORES QUE A INFLUENCIAM.

DOI: 10.29327/2405920.1.13-5

Franciane Machado Lamóia¹³
Gilson Geraldo de Bessas¹⁴
Nália Aparecida de Lacerda Viana¹⁵

RESUMO

Este trabalho visa explorar e compreender os diversos fatores que influenciam a felicidade nos seres humanos. Seu objetivo principal é refletir sobre a busca da sensação de bem-estar e prazer que geram esse sentimento nas pessoas, abordando tanto os aspectos biológicos quanto psicológicos e sociais que contribuem para o estado emocional, em que as principais sensações são a de contentamento, realização e satisfação, fatores que provocam a sensação boa que proporciona paz ao indivíduo que a sente, isto é a felicidade.

PALAVRAS-CHAVE: Felicidade, Bem-Estar, Prazer

ABSTRACT

This work aims to explore and understand the various factors that influence happiness in humans. Its main objective is to reflect on the search for a feeling of well-being and pleasure that generates this feeling in people, addressing both the biological, psychological and social aspects that contribute to the emotional state, in which the main sensations are contentment, fulfillment and satisfaction, factors that cause a good feeling that provides peace to the individual who feels it, that is, happiness.

KEYWORDS: Happiness, Well-Being, Pleasure

A Felicidade é o estado de quem é feliz, uma sensação de bem-estar e contentamento, que pode ocorrer por diversos motivos, é um momento durável de satisfação, em que o indivíduo se sente plenamente realizado, um momento no qual não há nenhum tipo de sofrimento ou contrariedade. A busca por essa sensação é um anseio universal que permeia a experiência humana. A complexidade dessa jornada é moldada por uma interação entre fatores internos e externos.

¹³ Coordenadora de Pesquisa e Extensão da FANS – A Faculdade de Nova Serrana

¹⁴ Professor e Coordenador do Curso de Pedagogia da FANS – A Faculdade de Nova Serrana

¹⁵ Professora do Curso de Pedagogia da FANS – A Faculdade de Nova Serrana

Aspectos como relacionamentos pessoais, emoções, sentimentos como prazer, bem-estar, satisfação, realização individual e propósito de vida desempenham papéis cruciais nessa busca incessante. Explorar os elementos que influenciam a conquista da felicidade é mergulhar em um mar de mudanças que moldam nossas vidas e buscam o equilíbrio emocional tão almejado.

De acordo com a enciclopédia livre Wikipédia,

Felicidade pode ser definida por um momento em que há a percepção de um conjunto de sentimentos prazerosos. A **felicidade** é um estado durável de plenitude, satisfação e equilíbrio físico e psíquico, em que o sofrimento e a inquietude são transformados em emoções ou sentimentos que vão desde o contentamento até a alegria intensa ou júbilo. A felicidade tem, ainda, o significado de bem-estar espiritual ou paz interior. Existem diferentes abordagens ao estudo da felicidade - pela filosofia, pelas religiões ou pela psicologia. O ser humano sempre procurou a felicidade. Filósofos e religiosos sempre se dedicaram a definir sua natureza e que tipo de comportamento ou estilo de vida levaria à felicidade plena.

A felicidade é o que os antigos gregos chamavam de eudaimonia, um termo ainda usado em ética. Para as emoções associadas à felicidade, os filósofos preferem utilizar a palavra prazer. É difícil definir, rigorosamente, a felicidade e sua medida. Investigadores em psicologia desenvolveram diferentes métodos e instrumentos, a exemplo do Questionário da Felicidade de Oxford,^[1] para medir o nível de felicidade de um indivíduo. Esses métodos levam em conta fatores físicos e psicológicos, tais como envolvimento religioso ou político, estado civil, paternidade, idade, renda etc.¹⁶

De acordo com o dicionário online de português, Felicidade significa: “sensação real de satisfação plena; estado de contentamento, de satisfação. Condição da pessoa feliz, satisfeita, alegre, contente. Estado de quem tem boa sorte: para sua felicidade, o chefe ainda não chegou. Circunstância ou situação em que há sucesso: felicidade na realização do projeto”.¹⁷

Definição de Felicidade de acordo com o ChatGPT: Felicidade é frequentemente definida como um estado de bem-estar emocional caracterizado por sentimentos de alegria, satisfação e realização. Portanto, a felicidade vai além de momentos fugazes de prazer. Ela envolve um senso mais profundo de contentamento duradouro e uma vida significativa.

¹⁶ Enciclopédia Wikipédia, disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Felicidade>, Acesso em 28/11/2023

¹⁷ Dicionário online de português, disponível em: <https://www.dicio.com.br/felicidade/>, acesso em 16/11/2023.

Percebe-se que as definições são inúmeras: poetas, filósofos, cientistas, psiquiatras e até economistas, buscam compreender o significado da felicidade.

Mas afinal o que é ser feliz? Ao longo da história, filósofos têm oferecido várias interpretações sobre a felicidade. Aristóteles, por exemplo, acreditava que a felicidade (ou eudaimonia) é alcançada vivendo de acordo com a virtude e desenvolvendo plenamente o potencial humano. Para ele, a felicidade é um fim em si mesma, o objetivo último da vida. Para ele a felicidade seria o equilíbrio e harmonia, e a prática do bem.

Para Epicuro, a felicidade ocorre através da satisfação dos desejos. Para Pirro de Élia, a felicidade acontece através da tranquilidade. Para o filósofo indiano Mahavira, a não violência é um importante aliado para atingir a felicidade plena. Para o filósofo chinês Lao Tsé, a felicidade poderia ser atingida tendo como modelo a natureza. Já Confúcio acreditava na felicidade devido a harmonia entre as pessoas. No budismo, a felicidade ocorre através da liberação do sofrimento e pela superação do desejo, através do treinamento mental.

Para Immanuel Kant, a felicidade é a condição do ser racional no mundo, para quem, ao longo da vida, tudo acontece de acordo com o seu desejo e vontade. Para Friedrich Nietzsche a felicidade é frágil e volátil. E complementa, a melhor maneira de começar o dia é, ao acordar, imaginar se nesse dia não podemos dar alegria a pelo menos uma pessoa.

Segundo Albert Einstein, uma vida calma e modesta traz mais felicidade do que a busca do sucesso combinada com uma constante inquietação. Por outro lado, Hannah Arendt introduziu o conceito de felicidade pública com a participação pública nas questões políticas, da possibilidade de reunião, da alegria do discurso, da possibilidade de persuadir e ser persuadido, a liberdade pública de agir em conjunto.

Sigmund Freud defendia que todo indivíduo é movido pela busca da felicidade, mas essa busca seria uma coisa utópica, uma vez que para ela existir, não poderia depender do mundo real, no qual a pessoa pode ter experiências como o fracasso, portanto, o máximo que o ser humano poderia conseguir, seria uma felicidade parcial.

Já os utilitaristas, como Jeremy Bentham e John Stuart Mill, argumentam que a felicidade é maximizada ao buscar o maior bem para o maior número de

peessoas. Portanto, a felicidade é medida pela quantidade de prazer e a ausência de dor.

De acordo com Ana Beatriz Barbosa, “não há exatamente uma fórmula mágica para encontrar a felicidade, mas que é importante conhecer e aprender mais sobre si e sobre os outros, além de ter objetivos e propósitos de vida, que ajudam bastante nessa busca”.¹⁸

Ainda, nas palavras da psiquiatra Dra. Ana Beatriz, “devemos desmistificar essa ideia de que as pessoas são felizes o tempo todo e de que existe alguma obrigação para tal”.

David Malouf afirma que felicidade

[...] no sentido comum, cotidiano e subjetivo da palavra – (é definida) como contentamento, satisfação, prazer ou como deleite...” e, também, que felicidade é uma palavra que carrega muitas emoções associadas: bem-estar, contentamento, alegria, satisfação, deleite. Todos esses estados pertencem ao mundo interno dos sentimentos, uma sensação de estar bem dentro do nosso próprio corpo, à vontade com o mundo, em unidade consigo mesmo. É um estado que pode ser durável e contínuo, mas também pode ser uma questão de surpresa [...]. (Bock, 2023, p.1143)

Acompanhando as várias definições de felicidade, percebe-se a necessidade de definir as emoções que a acompanham. De acordo com James Fadiman (1986),

O que Freud descobriu, numa época em que se venerava a razão e negava-se tanto o valor quanto o poder da emoção, foi que não somos basicamente animais racionais, mas somos dirigidos por forças emocionais poderosas cuja gênese é inconsciente. As emoções são as vias para o alívio da tensão e a apreciação do prazer. Elas também podem servir ao ego ajudando-o a evitar a tomada de consciência de certas lembranças e situações. Por exemplo, é possível que fortes reações emocionais escondam, na realidade, um trauma infantil. Uma reação fóbica, efetivamente, impede uma pessoa de se aproximar de um objeto ou de uma série de objetos que poderiam fazer com que uma fonte de ansiedade mais ameaçadora ressurgisse. (FADIMAN, 1986, pag.25)

A autora Ana Mercês Bahia Bock, em seu livro *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*, discorre sobre o estudo da vida afetiva:

A vida afetiva, ou os afetos, abarca muitos estados pertencentes à gama prazer-desprazer, como por exemplo, a angústia em seus diferentes aspectos – a dor, o luto, a gratidão, a despersonalização -,

¹⁸ Ana Beatriz Barbosa Silva, disponível em: <https://draanabeatriz.com.br/felicidade-ciencia-e-pratica-para-uma-vida-feliz/>, Acesso em 16/11/2023.

os afetos que sustentam o temor do aniquilamento e a afânise, isto é, o desaparecimento do desejo sexual.

Ao procurar compreender a vida afetiva, é importante adotar a terminologia adequada por tratar-se de uma área de estudo repleta de nuances. Portanto, se até o século XIX usavam-se, indiscriminadamente, termos como emoção e sentimento, hoje, já fazemos uma distinção mais precisa entre esses termos no estudo da vida afetiva:

- **Emoção:** estado agudo e transitório. Exemplo: a ira.
- **Sentimento:** estado mais atenuado e durável. Exemplo: a gratidão, a antipatia. (BOCK, 2008, p. 164)

Tem-se, como afetos básicos, o amor e o ódio, que também podem se manifestar como emoções e expressar-se como sentimentos. Ainda, nas palavras de BOOK (2008):

Os sentimentos diferem das emoções por serem mais duradouros, menos explosivos e por não virem acompanhados de reações orgânicas intensas. Assim, consideramos a paixão uma emoção, e o enamoramento, a ternura, a amizade consideramos sentimentos, isto é, manifestações do mesmo afeto básico – o amor.

O importante é compreender que a vida afetiva – emoções e sentimentos – compõe o homem e constitui um aspecto de fundamental importância na vida psíquica. As emoções e os sentimentos são como alimentos do nosso psiquismo e estão presentes em todas as manifestações da nossa vida. Precisamos deles porque dão cor e sabor `nossa vida, orientam-nos e nos ajudam nas decisões. (Book, 2008, p.169)

Intrinsicamente ligado a felicidade vem o prazer que é uma sensação de contentamento ou alegria intensa que experimentamos em resposta a estímulos positivos. Pode estar relacionado a experiências sensoriais, emocionais ou intelectuais que proporcionam uma sensação de satisfação ou gratificação. O prazer pode ser derivado de diversas fontes, como comida, atividades recreativas, conexões sociais profundas ou até mesmo a conquista de metas pessoais. É uma parte fundamental da busca pela felicidade e do bem-estar emocional.

Pode-se conceituar o prazer de acordo com AURÉLIO (2009), “Causar satisfação; agradar, aprazer, sentimento de alegria, de satisfação, aquilo que provoca prazer”

De acordo com o ChatGPT,

“Prazer” é um substantivo que se refere a uma sensação de satisfação, contentamento ou alegria. Pode ser usado para descrever uma experiência agradável ou uma sensação positiva que uma pessoa

sente em determinadas situações. Em contextos sociais, “prazer” também é frequentemente usado como uma forma educada de expressar satisfação ao conhecer alguém, como em “Prazer em conhece-lo”. (ChatGPT, Acesso em 20/05/2024)

Ainda de acordo com BOCK (2023),

O prazer é uma situação episódica. É necessária uma situação de tensão para que no atingimento de seu clímax, o sujeito possa viver uma “explosão” de sensações que cessam em seguida. O exemplo mais ilustrativo é o clímax do ato sexual quando ocorre o orgasmo. Esse aspecto – o prazer – será abordado, mais extensamente, a seguir, porque está mais frequentemente associado com a felicidade por algumas abordagens da psicologia. (Bock, 2023, p.1145)

O bem-estar também está intimamente ligado a felicidade, por ele entende-se como a harmonia holística entre diferentes esferas da vida, abrangendo aspectos físicos, mentais, emocionais e sociais. Refere-se não apenas à ausência de doenças, mas à sensação de satisfação, equilíbrio e plenitude em diversos domínios da existência. Investir no bem-estar pessoal envolve cuidar da saúde física, nutrir relacionamentos, cultivar a mente e buscar um propósito que alimente o sentido de realização e felicidade.

AURÉLIO (2008), conceitua o bem-estar como: “Estado de perfeita satisfação física ou moral; Conforto”.

ChatGPT, conceitua o bem-estar como:

estado de conforto, saúde e felicidade. Esse conceito abrange vários aspectos da vida, incluindo a saúde física, mental e emocional, assim como a satisfação com a vida e a realização pessoal. Promover o bem-estar envolve manter um equilíbrio saudável entre trabalho e lazer, cuidar da saúde, manter boas relações sociais e encontrar significado nas atividades diárias. (ChatGPT, Acesso em 20/05/2024)

Finalizando a definição de elementos relacionados a felicidade temos a satisfação que é a sensação de plenitude, contentamento ou realização que resulta da concretização de desejos, expectativas ou necessidades. É um estado emocional que surge quando sentimos que algo está em conformidade com nossas expectativas ou quando alcançamos um objetivo desejado. A satisfação pode ser experimentada em várias áreas da vida, como no trabalho, relacionamentos, conquistas pessoais e na busca geral pela felicidade. É um componente vital do bem-estar emocional e do sentimento de realização pessoal.

AURÉLIO (2008) conceitua satisfação como: “Ato ou efeito de satisfazer-se. Sentimento de quem está satisfeito, feliz, alegre; prazer, alegria. Justificação, desculpa. Conta que se presta duma incumbência”.

ChatGPT:

Satisfação é um sentimento de contentamento ou prazer que surge quando uma necessidade, desejo ou expectativa é atendida ou realizada. Pode se referir tanto a experiências pessoais, como alcançar um objetivo ou desfrutar de uma boa refeição, quanto a aspectos profissionais, como completar um projeto com sucesso ou receber reconhecimento pelo trabalho realizado. A satisfação é um componente importante do bem-estar geral e da qualidade de vida. (ChatGPT, Acesso em 20/05/2024)

Percebe-se que a satisfação está relacionada com o atendimento às necessidades. É uma resposta precisa do sujeito, do ponto de vista psicológico.

Em última análise:

o que importa não é tanto a definição de felicidade, mas sim a busca por um sentido na vida. Se encontrarmos algo que nos motive, que nos faça sentir úteis e valorizados, que nos traga alegria e satisfação, talvez então possamos dizer que encontramos a felicidade. Mas isso não significa que ela será perene ou que não haverá altos e baixos. A vida é uma montanha-russa, e a felicidade pode estar tanto na subida quanto na descida. O importante é aprendermos a apreciar cada momento e a encontrar beleza nas pequenas coisas da vida.¹⁹

Fatores que influenciam a felicidade

Genética: Estudos sugerem que uma parte significativa da nossa capacidade de ser feliz é determinada geneticamente. Isso significa que algumas pessoas podem ter uma predisposição natural para serem mais felizes do que outras.

Saúde Mental e Física: A saúde mental e física desempenha um papel importante na felicidade. Doenças crônicas, dor persistente, transtornos mentais como depressão e ansiedade podem diminuir a sensação de bem-estar.

Relacionamentos Sociais: Conexões sociais fortes e de apoio, incluindo amigos, relacionamentos familiares e comunitários, estão fortemente

¹⁹ Estado de Minas Vitalidade, disponível em: <https://www.em.com.br/app/colunistas/vitalidade/2023/07/17/noticia-vitalidade,1520839/o-que-e-a-felicidade-afinal.shtml> Acesso em 28/11/2023.

associadas a níveis mais elevados de felicidade. A qualidade dos relacionamentos é mais importante do que a quantidade.

Economia e Condições de Vida: Embora o dinheiro por si só não compre a felicidade, um nível básico de estabilidade financeira é importante para garantir necessidades básicas como alimentação, moradia e saúde.

Trabalho e Realização Pessoal: Ter um trabalho que proporciona um sentido de propósito e realização pode aumentar significativamente a felicidade. Sentir-se valorizado no trabalho e ter um bom equilíbrio entre vida profissional e pessoal são fatores importantes.

Autonomia e Liberdade: A capacidade de tomar decisões sobre a própria vida e sentir-se no controle do próprio destino é fundamental para a felicidade. A liberdade de expressão e a capacidade de viver de acordo com os próprios valores e crenças são também importantes.

Propósito e Significado: Ter um propósito na vida, seja através do trabalho, família, religião ou outras atividades significativas, contribui para uma sensação de realização e felicidade.

Habilidades de Enfrentamento e Resiliência: A capacidade de lidar com o estresse e superar adversidades sem perder o otimismo é fundamental. Habilidades de enfrentamento eficazes e resiliência são essenciais para manter a felicidade em tempos difíceis.

Gratidão e Atitudes Positivas: Praticar a gratidão e manter uma atitude positiva perante a vida pode aumentar os níveis de felicidade. Focar nas coisas boas e nas conquistas, em vez de concentrar nos problemas, pode melhorar o bem-estar.

Portanto, esses fatores interagem de maneira complexa, e a influência de cada um pode variar de pessoa para pessoa. Além disso, a felicidade é um estado dinâmico e pode mudar ao longo do tempo com base em circunstâncias pessoais e ambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no texto supracitado, pode-se concluir que compreender os próprios sentimentos pode ser fundamental para promover o autoconhecimento, gerenciar as emoções de forma saudável e construir relacionamentos interpessoais mais significativos. A busca pela felicidade é uma jornada contínua e pessoal. Envolve autorreflexão, esforço contínuo e a prática de hábitos saudáveis. Compreender que a felicidade não é um estado permanente, mas sim uma série de momentos e práticas diárias, pode ajudar a criar uma vida mais satisfatória e significativa.

Enfim, a felicidade é tanto um objetivo quanto um processo, moldado pelas nossas ações, pensamentos e relações. é um fenômeno predominantemente subjetivo, estando subordinada mais a traços de temperamento e postura perante a vida do que a fatores externamente determinados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ana Beatriz Barbosa Silva, disponível em: <https://draanabeatriz.com.br/felicidade-ciencia-e-pratica-para-uma-vida-feliz/>, Acesso em 16/11/2023.

BOCK, A. M. B.; TEIXEIRA, M. D. L. T.; FURTADO, O. **Psicologias**. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2023. *E-book*.

Bock, Ana Mercês Bahia, *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*/Ana Mercês Bahia Bock, Odair Furtado, Maria de Lourdes Trassi Teixeira. – 14ª-edição – São Paulo: Saraiva, 2008.

Dicionário online de português, disponível em: <https://www.dicio.com.br/felicidade/>, acesso em 16/11/2023.

Estado de Minas Vitalidade, disponível em: <https://www.em.com.br/app/colunistas/vitalidade/2023/07/17/noticia-vitalidade,1520839/o-que-e-a-felicidade-afinal.shtml> Acesso em 28/11/2023.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa* dicionário / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos. – 7. Ed. – Curitiba: Ed. Positivo; 2008.

Revista UnB Noticias por Isaac Roitman **O que é ser feliz?** 29/09/2022

Teorias da personalidade / James Fadiman, Robert Frager; coordenação da tradução Odette de Godoy Pinheiro; tradução de Camila Pedral Sampaio, Sybil Safdié. – São Paulo: HARBRA, 1986.

INTERFACES DO CUIDADO

DOI: 10.29327/2405920.1.13-6

Carlos Corrêa de Lacerda Júnior²⁰

Denise Sanches Lopes²¹

Karina de Souza Dias²²

Nália Aparecida de Lacerda Viana²³

Resumo

A ética do cuidado demanda uma revolução nas mentes, nos corações, nos valores e nos hábitos da humanidade. O cuidado pertence à essência ser do humano e de tudo o que existe e vive. Em um mundo cada vez mais individualista, a ideia de união e cuidado mútuo pode parecer utópica, inatingível. No entanto, é importante lembrar que pequenas ações, pequenos cuidados podem fazer grande diferença na vida dos seres que habitam a terra. Um sorriso, um aconchego, um gesto, uma palavra gentil, um ato de solidariedade podem mudar a vida das pessoas, dos animais, das plantas, do planeta e fazer com que os seres vivos se sintam mais seguros, mais protegidos, mais cuidados. Pequenos atos de autocuidados como tocar os seios, fazer exames periodicamente, ocupar o tempo com atividade física, são formas de cuidado essenciais para a vida. Enfim o cuidado deve fazer parte do dia a dia, sem exceção e com frequência.

Palavras-chave: Cuidado. Humanidade. Meio ambiente. Atividade física. Autocuidado.

Abstrat

The care's ethic demands a revolution in the minds, hearts, humanity's values and humanity's habits. Care belongs to human's essence and of everything that exists and lives. In an increasingly individualistic world, the idea of unity and mutual care may seem utopian, unattainable. However, it is important to remember that small actions, small care can do a big difference in the lives of the beings that inhabit the Earth. A smile, a hug, a gesture, a kind word, an act of solidarity can change the people's lives, animals, plants, the planet and make living beings feel safer, more protected, more cared for. Small acts of self-care such as touching your breasts, taking regular exams, spending time with physical activity, are essential forms of care for life. Finally, care must be part of everyday life, without exception and frequently.

Keywords: Care. Humanity. Environment. Physical activity. Self-care.

²⁰ Professor dos cursos de Administração e Ciências Contábeis da Faculdade de Nova Serrana

²¹ Professora do curso de Psicologia

²² Professora do curso de Psicologia e do curso Técnico em Enfermagem da Faculdade de Nova Serrana

²³ Professora do curso de Pedagogia da Faculdade de Nova Serrana

Introdução

O cuidado pertence à essência do humano e de tudo que habita o planeta terra. Tal verdade chega até os dias atuais pelo mito do cuidado que vem da tradição romana (do escravo Higino²⁴, fábula nº 220).

"Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspiradora. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter.

Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada.

De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como juiz, que tomou a seguinte decisão que pareceu justa: "Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura.

Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver.

E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil".

A fábula-mito do Cuidado conta a história do Universo e da Vida e vai mostrando como tudo é permeado por um fio de cuidado. Trata-se de um mito que segundo Leonardo Boff (1999), ganhou expressão literária antes do surgimento do Cristo, em Roma. Esse mito constitui o núcleo central da obra de Martin Heidegger "*Ser e Tempo*". Na obra aparece claro que não é o espírito, a liberdade ou a criatividade que constituem a essência do ser humano, essa essência pertence ao cuidado, aquela condição prévia que precisa ocorrer para que qualquer ser possa irromper na existência.

²⁴ Caio Júlio Higino (em latim: Gaius Iulius Hyginus; Valência dos Edetanos, Hispânia, 64 a.C.) foi um escritor da Roma Antiga, discípulo de Alexandre e amigo de Sêneca.

Foi pelo infinito cuidado de nossas mães, pais ou cuidadores que nós, sem nenhum órgão especializado, conseguimos viver e sobreviver. Deixados no berço, não saberíamos procurar o alimento necessário e morreríamos.

Tudo o que fazemos vem, pois, acompanhado de cuidado. Tudo o que amamos também cuidamos. O cuidado é tão essencial que é por todos compreendido. Porque todos o experimentamos a cada momento seja ao andar na rua, na academia, dirigindo o carro, na relação dos médicos com os doentes, de pais e filhos, professores e alunos, pessoas com seus animais de estimação, e muitos outros.

Hoje, a ética do cuidado demanda uma revolução nas mentes, nos corações, nos valores e nos hábitos. O cuidado pertence à essência ser do humano e de todos os seres que habitam a terra. Em um mundo cada vez menos “cuidado” em que impera a competição, o individualismo, a ideia de cuidado pode parecer inatingível. No entanto, é importante lembrar que pequenos atos, pequenos cuidados podem fazer diferença na vida dos seres e da terra. Um sorriso, um aconchego, um gesto, uma palavra gentil, um ato de solidariedade, podem mudar a vida dos seres vivos: das pessoas, dos animais, das plantas, enfim, de todo o universo e fazer com que todos se sintam mais seguros, mais protegidos, mais cuidados.

A ideia de cuidado vem justamente tentar reconstruir, a partir dos problemas e tensões apontados, uma atenção integral à saúde de indivíduos e comunidade, buscando recompor competências, relações e implicações ora fragmentadas, empobrecidas ou desconexas (AYRES, 2009, p. 18)

O cuidado significa uma relação amorosa, suave, amigável e protetora para com conosco mesmos e com aqueles que convivemos. Num sentido mais amplo, o cuidado é visto como um novo paradigma. Ele se confronta com a modernidade que reside na vontade de poder como dominação, como uma mão que agarra e se apropria que se preocupa em manter o corpo e a mente cada vez mais ativa e mais saudável. Contrariamente, esse cuidado é a mão que acaricia e acolhe a nós mesmos, que busca nos projetar em um ambiente de preocupação com a longevidade ativa, mais criativa e mais capaz de estar “vivo”.

Cuidado é também todo tipo de envolvimento que possuímos com os doentes aos quais, de certa forma, devotamos empatia e vontade de curar. Vera Regina Waldow, uma enfermeira, soube unir sua experiência à reflexão:

Os objetivos de cuidar envolvem, entre outros, aliviar, confortar, ajudar, favorecer, promover, restabelecer, restaurar, dar, fazer. O cuidado mesmo na ausência de alguma enfermidade e no cotidiano dos seres humanos, é também imprescindível, tanto como uma forma de viver como de se relacionar” (WALDOW, 2006, p.89).

O cuidado liga os seres humanos ao planeta. A partir da visão dos astronautas, que puderam ver a terra de fora dela, ficou claro que terra e humanidade formam uma única entidade, como um todo vivo e orgânico. A terra é viva e nós somos aqueles que a fazem sentir, a pensar, a amar e a cuidar. Somos terra, pois ser humano vem de húmus, terra fértil e fecunda.

Há uma relação tão estreita entre seres e terra que se não cuidamos dela e a fazemos adoecer, nós mesmos adoecemos, pensemos no calor que estamos suportando, nas tempestades, nas enchentes, nos ciclones e nas mais variadas catástrofes a que estamos expostos nos últimos anos. E quando adoecemos, afetamos também a saúde da terra. Há, pois, uma ligação de destino comum entre a humanidade e o universo.

A atividade médica e de todos os profissionais de saúde emerge também como uma atividade política e ecológica, de cuidado e de salvaguarda da terra e, com ela, das vidas humanas e de toda a comunidade viva.

Cuidar para cuidar

Braga (2015), considera autocuidado como um ato realizado para si mesmo ou para acertar fatores que afetam seu próprio desenvolvimento. A autora descreve que o autocuidado é inerente a própria pessoa perceber que precisa de cuidados, tanto físico, emocional e social, e que através dessa percepção, a pessoa consegue entrar em sintonia consigo e com os demais elementos do mundo.

Para cuidar de si, a pessoa necessita sentir-se como o outro, olhar-se interiormente do mesmo jeito como se mostra exteriormente e, ainda, precisa sentir-se unida consigo. Porém, só é possível observar o crescimento do outro, se o indivíduo compreende o que significa para si crescer e busca satisfazer suas próprias necessidades. A relação com o outro acontece do mesmo modo como a pessoa se relaciona consigo mesmo. (SILVA, 2011. P.18)

Melo, et al., (2005) cita que uma das formas do autocuidado, e que já está comprovado cientificamente, é a prática regular de atividade física, por trazer inúmeros benefícios a saúde daqueles que a praticam. Através da prática de

atividade física conseguimos um melhor condicionamento, que possibilita melhores condições na realização de atividades cotidianas reduzindo o estágio de exaustão, isto é cuidar de si. Projetando um futuro mais harmonioso, mais ativo e feliz para si e para os seus

Outro benefício do exercício físico, também citado por Melo, et al., (2005) é a melhoria da qualidade do sono, evitando a presença de sintomas depressivos, ansiedade, transtorno de humor e redução do surgimento de disfunções mentais.

Menezes e Dell’Aglío (2009) apud Braga (2015) ressalta que para a atividade física ser efetiva no autocuidado é necessária persistência em sua realização, uma vez que nem todas as práticas são fáceis de serem executadas, sendo assim, quanto maior o tempo de prática, menor será o tempo para perceber seus benefícios.

Unidos pelo cuidado

Unidos pelo cuidado é uma expressão que pode ser interpretada de diversas maneiras. No entanto, em geral, ela se refere à ideia de que, em tempos difíceis, é importante que as pessoas se unam para cuidar umas das outras. Isso pode ser feito de várias maneiras, desde pequenos gestos de gentileza até ações mais concretas, atos de solidariedade, senso de justiça, ações contra a fome e a miséria e muitos outros

O cuidado é uma das virtudes mais importantes que se pode ter. Cuidar das pessoas, de outros seres e do planeta é uma forma de expressar nosso amor, a gratidão e a responsabilidade. Cuidar é também uma forma de resistir aos desafios, às injustiças e às crises que enfrentamos no mundo atual.

Mas cuidar não é algo que devemos fazer sozinhos. Precisamos estar unidos pelo cuidado, formando redes de apoio, solidariedade e cooperação. Unidos podemos compartilhar experiências, saberes, recursos e, o mais importante, esperanças. Podemos fortalecer vínculos, valores e sonhos. Unidos, podemos transformar a realidade em que vivemos, criando um mundo mais justo, mais sustentável e mais humano.

Cuidar-se é projetar um mundo onde todos possam viver com dignidade, liberdade e humanidade. Cuidando de si, seja através da atividade física, seja

protegendo árvores, desperdiçando menos água, usando menos combustíveis poluentes etc., enfim um mundo em que o cuidado seja a base de todas as relações.

Portanto, cuidar é uma ação que envolve atenção, dedicação, responsabilidade e afeto. É pensar em um mundo mais justo, mais solidário e mais empático.

Conclusão

A noção de cuidado tanto nas práticas de saúde, ou no cuidado consigo mesmo, ou ainda no cuidado com a natureza são desdobramentos de cuidados que precisam estar presentes nas ações da humanidade. É importante mostrar que é possível refletir teoricamente, considerando, ao mesmo tempo, que o cuidado é sempre diferente, pois é construído cotidianamente. Dentro desta perspectiva, será preciso continuar desenvolvendo estudos sobre as práticas de cuidado em diversos contextos. E isso poderá contribuir para ampliar a compreensão sobre a diversidade de maneiras de cuidar, assim como sobre os diversos fatores que influenciam sua prática. Isso poderá ajudar a diminuir as lacunas que existem entre a humanidade e o cuidado de forma ampla e global.

Referências

AYRES, J.R.C.M. **Significados e sentidos das práticas de saúde: a ontologia fundamental e a reconstrução do cuidado em saúde**. Interface, Comunicação, saúde, educação, Botucatu, v. 15, n. 38, p. 651-662, set. 2009.

BRAGA, L. S. Cuidando do cuidador: história oral de profissionais de saúde {Dissertação}. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. UFPB/BC. Paraíba, 2015.

BOFF L. **Saber cuidar**. Petrópolis: Editora Vozes; 1999.

HEIDEGGER M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Editora Vozes; 1989.

SILVA, A. A. **O cuidado de si do/a profissional de enfermagem em saúde mental** (Dissertação). Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Maria Paraíba; 2011.

MELO, M.T., BOSCOLO, R.A., ESTEVES, A.M., TUFIK, S. **O exercício físico e os aspectos psicobiológicos**. Rev. Bras med esporte – vol. 11, nº 3 – Mai/Jun. 2005.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbme/v11n3/a10v11n3.pdf> acesso em 13 de setembro de 2023.

MENEZES, C.B., DELL'AGLIO, D.D., **Por que meditar? A experiência subjetiva da prática de meditação.** *Psicol estud.* 2009; 14(3):565-73

WALDOW V. **Cuidar: expressão humanizadora da enfermagem.** Petrópolis: Editora Vozes; 2006.

Neopragmatismo e seus impactos na prática pedagógica e na Educação Brasileira

DOI: 10.29327/2405920.1.13-7

Ana Júlia Moreno Duarte Silva²⁵
Ms. Geraldo Fernandes Fonte Boa²⁶

Resumo:

O percurso do neopragmatismo como Filosofia e suas influências na educação brasileira. O Movimento Todos pela Educação e as premissas do neopragmatismo de Richard Rorty serviram de suporte filosófico na elaboração de políticas públicas durante a partir das décadas de 1990 até os dias atuais, buscando compreender a trajetória do neopragmatismo do campo da Filosofia para orientador da prática pedagógica, convertendo-se assim, de certo modo, em Teoria Pedagógica. Investiga como o neopragmatismo se consolida dentro do Sistema Educacional brasileiro, e, além de uma Filosofia Educacional, fez-se presente como uma Teoria Pedagógica, articulada na prática docente, como uma “prática reflexiva”.

Palavras-Chaves: Educação, Neopragmatismo, Movimento Todos pela Educação, Pedagogia

Summary:

The path of neopragmatism as Philosophy and its influences on Brazilian education. The All for Education Movement and the premises of Richard Rorty's neopragmatism served as philosophical support in the elaboration of public policies from the 1990s to the present day, seeking to understand the trajectory of neopragmatism from the field of Philosophy to guide pedagogical practice, thus becoming, in a certain way, Pedagogical Theory. It investigates how neopragmatism is consolidated within the Brazilian Educational System, and, in addition to an Educational Philosophy, it became present as a Pedagogical Theory, articulated in teaching practice, as a “reflective practice”.

Keywords: Education, Neopragmatism, Everyone for Education Movement, Pedagogy

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos assistimos, tanto no campo político como no campo educacional, a uma crescente onda de críticas sobre a educação brasileira. Muitas dessas, pouco fundamentadas, ou eivadas de posicionamentos

²⁵ Aluna do Curso de Pedagogia da FANS - Faculdade de Nova Serrana.

²⁶ Graduado em Filosofia pela PUC-Minas, Especialista em Metodologia do Ensino de História pela UEMG e Mestre em Educação pela UNICOR. Professor do Curso de Pedagogia da FANS - Faculdade de Nova Serrana.

ideológicos simplórios e até mesmo como escolhas danosas de destruir tudo o que até hoje já foi construído, e a partir de então, implantar algo que um grupo de pessoas, de um viés ideológico específico e até mesmo grupos religiosos, julgassem mais apropriadas aos seus interesses, sem considerar as consequências de suas críticas.

Não se trata aqui de ser intolerantes às críticas, trata-se, antes de tudo, da busca de clareza e dos reais interesses dos quais se advém tais críticas. Sendo assim, acredita-se que a melhor forma de contribuir com a melhoria educacional em nosso país, é a realização de um estudo bem fundamentado e calcado em bases teóricas científicas, produzidas ao longo dos anos nas universidades brasileiras e estrangeiras, que, incansavelmente, estudam os processos educacionais, suas metodologias, suas concepções e suas especificidades.

Acredita-se também que, em se tratando de educação escolar, há de se considerar o desenvolvimento de um campo bem específico que são as chamadas Teorias Pedagógicas Educacionais. Nessa área do conhecimento, geralmente ligadas aos Cursos de Pedagogia, as Teorias Pedagógicas são divididas em dois grandes grupos: as Teorias Pedagógicas Modernas, também chamadas de Clássicas; e as Teorias Pedagógicas Contemporâneas.

As Teorias Pedagógicas Modernas abarcam a teoria tradicional, a teoria renovada e o tecnicismo. Estas teorias possuem algumas características que podem, de modo sumário, serem apontadas como teorias que visavam desenvolver e manter as estruturas sociais estabelecidas, construir as bases do racionalismo científico, de modo que, qualquer indivíduo que passasse pelo sistema escolar pudesse se apropriar dos conhecimentos científicos e, através do uso racional, reproduzi-los e assim se integrar na sociedade, dentro de determinados padrões muito bem definidos. Por este motivo estas teorias são chamadas também de teorias não-críticas.

Por outro lado, as Teorias Pedagógicas Contemporâneas, são teorias que possibilitam o desenvolvimento de indivíduos que possam ler a sua realidade, conhecer os problemas presentes nessa sociedade e utilizar de seus conhecimentos para a busca de solução desses problemas. Vejam que nessas

pedagogias, a mudança das estruturas sociais são “possibilidades”, e não há, em tese, um abandono do conhecimento científico; mas pelo contrário, pressupõe a capacidade de apropriação deste conhecimento, ou do que se entende por conhecimento, preconizado nessas teorias, e sua utilização para se promover a transformação da sociedade. Assim, no campo das Teorias Pedagógicas Contemporâneas, pode-se agrupá-las em dois grandes subgrupos: as Teorias Contemporâneas Transitórias, que abrangem a Pedagogia Libertária, a Pedagogia Libertadora e a Pedagogia Crítico-social; e as teorias Pedagógica Pós-modernas, nessas temos as chamadas Pedagogia Pós-estruturalista, a Pedagogia Pós-fundacionalistas ou teorias pós-críticas, os Estudos Culturais, os Estudos Feministas, de Gênero, as Teorias Queer²⁷ e o Neopragmatismo de Richard Rorty.

Como se percebe, debater sobre a realidade educacional em no país, pressupõe conhecer minimamente as teorias pedagógicas que, de certa forma, norteiam a Educação Escolar, e não se pode aceitar meras opiniões sem o conhecimento dos pilares científico do processo de Ensino e Aprendizagem presente nessas teorias. Como são várias as Teorias Pedagógicas, deve-se que considerar a necessidade de realização de maiores estudos, especificamente, sobre cada uma dessas teorias. Certamente este estudo não caberia dentro deste artigo. Por isso, ele se limita em analisar algumas características ou tendências presentes nas propostas pedagógicas advindas do neopragmatismo de Richard Rorty. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, buscando identificar os princípios filosóficos do neopragmatismo e, através da análise bibliográfica, compreender a influência dessa filosofia na prática pedagógica presente na Educação Brasileira das últimas décadas.

Para se alcançar conta o objetivo do artigo, o estudo foi dividido em três partes: na primeira busca-se compreender as origens do neopragmatismo e seus princípios filosóficos. Para tanto, adota-se a análise realizada por Altair FÁVARO(2006) e por John SHOOK (2002); na segunda parte, discorre-se sobre

²⁷ Sobre a teoria Queer veja <https://www.youtube.com/watch?v=TyIAeedhKgc>, <https://www.youtube.com/watch?v=b-IW2jTitmM> e <https://www.youtube.com/watch?v=9O-x4BXpgH8>

o neopragmatismo de Richard Rorty, buscando compreender como este aborda a questão do conhecimento e da educação; e, na terceira parte, busca-se, através das teses de doutorado de Suze SCALCON (2003), Gisele MASSON(2009) e de Rosilane CAMPOS (2002), compreender a trajetória do neopragmatismo do campo da Filosofia para orientador da prática pedagógica, convertendo-se assim, de certo modo, em Teoria Pedagógica.

Do pragmatismo ao neopragmatismo - desvendando origens

Para se compreender o que é o neopragmatismo deve-se que recuperar o que se definiu como filosofia pragmatista e seus principais pilares. E o primeiro aspecto importante é compreender que o pragmatismo se insere em um contexto sócio-cultural-econômico-político norteamericano do final do século XIX e início do século XX. Em linhas gerais, a filosofia norte-americana teve que se legitimar frente à tradição filosófica do velho continente. Apoiado pelo estudo feito por Franca D'Agostini (2003), FÁVARO (2006) que afirma que a filosofia norte americana enfrentou ataques dos chamados “analíticos”²⁸ que a acusava de “obscura” por falta de “precisão lógica”, constituída de “erros grosseiros” e com “imprecisões conceituais”; por outro lado a filosofia norteamericana também recebeu severas críticas dos chamados “continentais”²⁹ que a acusaram de uma filosofia “técnica de especialista sem conceito” ou “indigna de uma matéria de exame”. Diante de tais críticas a filosofia norte-americana se apresentou como “uma antítese entre a cultura científica e cultura humanista” (FÁVERO, 2006, p.26).

Dentro deste contexto difícil, no fim da segunda metade do século XIX, é que o pragmatismo é gestado, e, na década de 1920, apresenta-se como um pensamento próprio e bem estruturado. Destacam-se os pensadores Charles Pierce (1839-1914), Willian James (1842-1910) e John Dewey (1859-1952). Mas como filosofia de matriz norte-americana, e gerida dentro do processo de afirmação da produção filosófica norte-americana, o pragmatismo também foi duramente criticado e combatido por ser considerado antítese da tradição

²⁸ Os analíticos: Franz Brentano (1884); Wilhelm Dilthey; Rudolf Carnap; Martin Heidegger; John Searle;

²⁹ Os continentais: Wilhelm Dilthey; Rudolf Carnap; Martin Heidegger; Adorno;

filosófica europeia (leia-se racionalismo cartesiano). Apesar das críticas e dos combates, este período, denominado como primeira fase da filosofia norte-americana por FÁVERO (2006, p. 32), o pragmatismo atraiu apoio significativo nos meios acadêmicos e atraiu uma grande quantidade de estudantes e pesquisadores para as universidades norte-americanas, exemplo disso o educador brasileiro Anísio Teixeira. Mas o que justifica tanta aceitação e atração na filosofia pragmatista? Uma possível resposta talvez esteja na forma como o pragmatismo lida com o pensamento. O pragmatismo reduz o sentido dos fenômenos e avalia o conhecimento produzido quanto a sua utilidade, de forma que o pensamento não está desconectado de sua utilidade, e mais, o conhecimento humano deriva da experiência imediata do mundo. Isso é, o pragmatismo é antítese do pensamento racional, do tipo cartesiano, ou seja, não é o pensar a origem do conhecimento, mas sim o experimento, logo penso, e se experimento, penso e conheço. Outra característica do pragmatismo é que “todo conhecimento adquirido precisa da contribuição de outros tipos de conhecimento já adquiridos” (SHOOK, 2002, p. 49, grifo nosso). Assim, em termos educacionais, dentro da filosofia ou de uma pedagogia pragmatista, não existe a mínima possibilidade de não se considerar os conhecimentos adquiridos previamente pelos alunos resultantes de sua relação com o mundo. Nesse sentido, a filosofia pragmatista, de modo particular o pragmatismo de John Dewey, é a possibilidade de reorganizar as experiências dos indivíduos (alunos) no mundo, de modo a inferir novas experiências no futuro; o que pressupõe considerar o aluno como “sujeito” do conhecimento, visto que ele está em constante interação com o mundo, e, através da formação escolar, esse sujeito pode se apropriar do conhecimento científico - patrimônio da ciência, com sua metodologia, sua produção, - e poderá, ainda, agir de forma objetiva na produção de novos conhecimentos.

Com o advento da segunda grande guerra e da insanidade nazista, os Estados Unidos receberam uma grande leva de pensadores europeus ligados ao chamado Ciclo de Viena³⁰ e da Escola de Frankfurt³¹. Com a presença desses pensadores nos meios acadêmicos dos Estados Unidos, acabou por ofuscar

³⁰ Carnap, Nagel, Hans Reichenbach, etc

³¹ Adorno, Horkheimer, Marcuse, etc

consideravelmente a influência do pragmatismo no campo filosófico norteamericano. Nas décadas de 1940 e de 1950, a filosofia norteamericana foi dominada pela filosofia analítica, fechada a qualquer corrente filosófica que não se dialogasse com essa perspectiva, até mesmo com as filosofias europeias. Mas a hegemonia da filosofia analítica encontrou, ainda na década de 1950, seu ponto de ruptura, principalmente no sentido de voltar-se para uma linguagem pragmatista e funcional³² (FÁVERO, 2006, p.30-32). É esta ruptura que irá influenciar Richard Rorty e contribuirá para o desenvolvimento de um novo pragmatismo, é o que será abordado no próximo tópico.

A filosofia neopragmática de Richard Rorty

O neopragmatismo rejeita a ciência como uma única narrativa ou como metanarrativa, ou, em outras palavras, para os pragmatistas a ciência veio substituir a religião ou mesmo a filosofia como explicadora da realidade e da construção de uma verdade sobre esta realidade. E ao fazer tal afirmativa o pragmatismo está afirmando que a verdade da ciência é uma verdade, mas não é a única verdade. Verdade esta que precisa ser relativizada, questionada. Isso posto, pode-se afirmar que o conhecimento só é conhecimento para uma determinada sociedade e dentro de um determinado contexto, e este conhecimento sempre estará, portanto, sobre suspeita. Este relativismo chega quase a uma negação por completo das metanarrativas. Ou seja, todas as narrativas – enquanto discurso sobre a verdade - será sempre provisório, questionável, dubitável e está sempre a serviço de um grupo ou de uma determinada sociedade. Assim não há conhecimento neutro (RORTY, 2002, p.168).

E, como não se convive somente com um determinado grupo humano , ou grupo social, mas com diversos – nesse sentido na atualidade com o advento da internet e dos sistemas de redes, a quantidade de sociedades com seus respectivos interesses são cada vez mais crescentes – deve-se aprender a interagir, estabelecer alianças, abrir-se ao diferente, conhecer o outro (e tantos outros) e deixar-se conhecer e, ao mesmo tempo, ter consciência daquilo que

³² Vale destacar aqui Wittgenstein, Quine e Sellars

difere do grupo diante dos demais grupos, sem deixar de considerar que o outro grupo tenha sua maneira própria de ser, de produzir conhecimento. Na concepção pragmatista este é o papel da Educação. Uma educação que possibilite que o educando questione e relativize os conteúdos construídos para a sua própria transmissão.

Nesse sentido será preciso que o Sistema Educacional possibilite aos seus educandos o contato com outras narrativas, num constante jogo de construir e desconstruir, mas também de relacionamento interdisciplinar, de modo que a visão dualista de certo-errado, verdade-mentira, se transforme em uma visão holística – no sentido de interligação de um todo e de um tudo, sem ser excludente e sem mesmo pretender uma unidade totalizante de conhecimento – e a partir dela se construa conhecimentos em permanente construção (RORTY, 2002, p.107).

Nesse sentido o neopragmatismo apresenta-se, em tese, como uma ruptura com o comportamento de séculos e séculos de comportamento etnocêntrico, em que a cultura valorizada seria a europeia, marcadamente racional, masculina e branca. Assim, em tese, o neopragmatismo representaria uma “revolta com a ideia de que uma cultura pode ser tratada como menos ‘válida’ do que outra” (RORTY, 2005, p. 228-229), ou em atitudes que poderiam ser traduzidas como as que identificam as culturas “superiores” e as “inferiores”, sendo as inferiores àquelas sempre vinculadas aos mais empobrecidos.

Para Nicholas Burbules (2008) o multiculturalismo como um aspecto no processo educacional pode “ensinar a entender formas alternativas de vida e a desenvolver empatia por elas; e porque aprender a lidar com essa diversidade é uma virtude da cultura cívica democrática” (BURBULES, 2008, p.260). Burbules salienta que a interculturalidade pode representar, também um desafio, ou mesmo dificuldade, uma vez que pode provocar “conflitos e compreensões equivocadas”, pois, “certas diferenças não são simplesmente neutras”. Por isso, Rorty propõe o “acolhimento de boas ideias, não importando da cultura em que provém ou do lugar cultural de sua origem.” (RORTY, 2005, p.234).

Cabe salientar que este multiculturalismo, preconizado pelo neopragmatismo, não considera um processo de emancipação das culturas

minoritárias, visto que todas as culturas seriam consideradas em suas especificidades e em suas diferenças e, de forma prática, estariam dentro de arcabouço de rede, de interação, formando assim um cosmopolitismo cultural das tradições culturais. Esta “utopia” cultural do neopragmatismo, propõe-se “utopia”, pois o preconceito e o sadismo sociocultural não teriam lugar neste tipo de sociedade, o que é difícil de imaginar, visto que a cultura é permeada também de grandes diferenças quanto a distribuição da riqueza produzida pela humanidade. Assim, se cultura, entendida pelo neopragmatismo como “hábitos de ação”, não se pode esquecer que há um fator importante de apropriação dos resultados destes “hábitos de ação”, que em linhas gerais está na base de todas as desigualdades sociais (econômicas, culturais, acessibilidades, políticas, etc.). Nesse sentido a questão deste multiculturalismo, louvável em termos reflexivos, não seria uma forma de camuflar ou mascarar a desigualdade?

Talvez Zygmund Bauman contribua com a resposta quando afirma: “... a beleza estética da diversidade cultural” proposta pelo neopragmatismo, perdeu de vista a “demanda por reconhecimento, que fica desarmada se não se sustentar pela prática da redistribuição”, ou seja, da “redistribuição de recursos” (BAUMAN, 2003, p. 97)., afinal ninguém vive só de produção cultural, por mais coletiva que seja. Além disso, o neopragmatismo não renuncia à estrutura liberal como pressuposto e como parâmetro para as demais sociedades e seus respectivos “hábitos de ação”. Esse talvez, seja o limite do pensamento neopragmatista, muito embora suas contribuições sejam marcantes nos programas de educação escolar e não escolar, que na prática não se mostrou tão tolerante quanto a projetos de mudanças de modelos na sociedade, tanto de produção de riqueza, quanto de distribuição da riqueza produzida. Assim a própria “revolução”, talvez seja mais adequada o termo “mudança”, visto que a linguagem tem papel fundamental na expressão da realidade, tem seus próprios limites, mudar sim, mas mudar somente aquilo que for suficiente para preservar o modelo que aí está: a sociedade capitalista e neoliberal, com sua concentração de riqueza, mesmo que isso não seja claramente verbalizado, ou que esteja com uma linguagem que camufla a realidade, como, por exemplo, a “tolerância”.

O neopragmatismo no atual Sistema Educacional Brasileiro

Antes de se analisar a presença clara do neopragmatismo na Educação Brasileira será preciso compreender o que Richard Rorty pensa sobre a Educação. Nesse caso, utiliza-se da tese de doutorado intitulada “políticas de formação de professores: as influências do neopragmatismo da agenda pós-moderna, de Gisele Masson, defendida em 2009, pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Segundo a pesquisadora MASSON (2009) as políticas de formação de professores no Brasil, elaboradas no período de 2003 a 2009, demonstram uma profunda articulação com os pressupostos do neopragmatismo. Esta articulação fica ainda mais evidente no embate entre o que se entende por profissionalização dos professores defendido por muitas vezes por organizações sindicais dos próprios professores como, por exemplo, a Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE) ou ainda a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES), a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) (MASSON, 2009, p. 203. Também o governo brasileiro, que atrelado aos Organismos Internacionais (OI)³³, através de compromissos assumidos para combater a desigualdade social, a miséria, o desemprego e a baixa qualidade da educação básica, muitas vezes defende essa articulação. Como a formação dos professores merece ser compreendida dentro deste contexto, mas como não é objeto deste artigo, sugire-se a leitura de Suze Scalcon (2008)³⁴.

Para MASSON (2009) o governo transferiu para o “Movimento Todos pela Educação” o compromisso de elaboração de Plano de Desenvolvimento da Educação, e se tornou o interlocutor válido e único na conversação sobre o projeto educativo a ser implantado. Assim, quem não estava dentro de seu campo de linguagem ou de seu escopo linguístico, foi excluído do processo.

³³ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA/ FNUAP), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), parte da Organização das Nações Unidas (ONU) e Banco Mundial (BM), Organizações dos Estados Ibero-Americanos (OEI) e Organização dos Estados Americanos (OEA)

³⁴ SCALCON, Suze. O pragmatismo e o trabalho docente profissionalizado. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 26, n. 2, 489-521, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.perspectiva.ufsc.br>

Dentre os excluídos estavam a ANFOPE, a ANPEd, o ANDES) e CNTE. (MASSON, 2009, p. 203).

A exclusão desses grupos é uma evidência clara de que não era “possível chegar a um acordo entre sujeitos que possuam concepções distintas de projeto de sociedade e de projeto educacional” (idem, 204). Nesse sentido, toda a fragmentação, flexibilidade e diversidade criada nos anos anteriores, ou seja, desde a transição da ditadura militar até o governo de Fernando Henrique Cardoso, pode ser entendida como a aplicação da tática do “dividir para conquistar”.

Assim o “Movimento Todos pela Educação”, que se apresenta como uma

“...organização da sociedade civil com um único objetivo: mudar para valer a qualidade da Educação Básica no Brasil. Sem fins lucrativos, não governamental e sem ligação com partidos políticos, somos financiados por recursos privados, não recebendo nenhum tipo de verba pública. Isso nos garante a independência necessária para desafiar o que precisa ser desafiado, mudar o que precisa ser mudado.”

(<https://todospelaeducacao.org.br/quem-somos/>).

Como vê a “independência” preconizada pela própria organização não significa que não esteja a serviço de um projeto educacional “conservacionista” e o que esta organização determina o que “precisa ser mudado” não estaria a serviços de seus financiadores. Não receber “nenhum tipo de verba pública”, dentro de um contexto de corrupção estrutural, não significa que “verbas públicas” não estejam sendo utilizadas de forma indireta para a implementação de suas propostas de informação. Tudo expressa como um jogo semântico de linguagem na expressão de uma suposta realidade, que se não questionada ou pensada filosoficamente, torna-se aceita como “espelho da natureza” (parafrazeando a obra máxima de Richard Rorty).

Nesse sentido, o Movimento Todos pela Educação passou a definir o que é bom ou não para o Sistema Educacional e vão trabalhar na base, ou seja, na formação de professores³⁵, definindo rumos para “mudar o que precisa ser mudado”, mudar mais para preservar a atual estrutura – tanto da sociedade, quanto do Sistema Educacional – de modo a permitir a manutenção dos

³⁵ Ver artigo de Suze Scalcon (2008)

investimentos de grandes grupos privados, que atuarão de modo direto e principalmente indireto, na educação básica.

Com a manutenção das estruturas vai se realizando um projeto de “Educação” embebida na semântica e na linguagem neopragmática, que não possibilita fazer outras leituras da realidade, a não ser aquela aceita pelo próprio Movimento, dentro de seu campo semântico e de linguagem utilizada pelo grupo. E, envolvidos nesta “bolha” não se alcança a possibilidade de ver outra forma de pensar e de interpretar ou escolher a realidade que seja melhor para os financiadores do Movimento. E assim como ele, que parte de uma filosofia chega a negar a própria filosofia, uma vez que a verdade é um jogo de conversação e comunicação e não a própria realidade. Nesse sentido, “o verdadeiro é aquilo que é útil para um contexto restrito das práticas, desqualificando qualquer teoria que tenha a pretensão de explicar o real para além das aparências”. (Idem, p.205)

Este imediatismo neopragmatista inviabiliza um projeto a longo prazo, está preso no “aqui e agora”, no que que bom e melhor imediatista a ser preservado, conservado, de um modelo de sociedade a ser preservado, com suas estruturas sociais, presos a uma zona de conforto. Ou seja, na “ênfase na prática imediatista, sem um compromisso com a fundamentação teórica sólida, conduz ao produtivismo espontaneísta e subjetivista” (Idem, p.205)

Utilizando a semântica linguística, o neopragmatismo aplicado à formação de professores, através da discussão “epistemológica da prática profissional”³⁶ e ainda da “prática reflexiva”³⁷, de modo que a filosofia pragmatista vai se transformando em uma nova teoria pedagógica – teoria enquanto arcabouço linguístico melhor apropriado ou aceito pelo neoliberalismo – apropriada da ideia de democracia e da reforma, não no sentido de transformar a realidade, mas no sentido de conservá-la, com seu viés elitista, excludente e desigual, antirrevolucionário – no sentido de inviabilizar qualquer possibilidade alternativa à manutenção da sociedade que aí está. E nesta sociedade a ser “conservada” o “novo professor”, “profissionalizado” é aquele capaz de ser um prestador de

³⁶Ver TARDIF (2002a, p.113) e TARDIF(2002b, p. 225)

³⁷ ver PERRONOU (2002)

serviços, um empreendedor aos moldes dos profissionais liberais” (SCALCON, 2008, p.494) ou ainda um “novo professor” que seja eficiente na atuação de ser um “treinador de habilidades e competências, possibilita o desenvolvimento no aluno, futuro trabalhador, de valores como a tolerância, o empreendedorismo, a flexibilidade e a criatividade para a busca de alternativas de sobrevivência.”(SCALCON, 2008, p.495-496).

Para justificar a formação deste “novo profissional” para a Educação, era preciso, no entanto, evidenciar e responsabilizar o despreparo dos professores no exercício de sua função de formar adequadamente os seus alunos, gerando por isso, através da péssima qualidade da educação, a miséria, o desemprego, a desigualdade social e a crise do sistema capitalista de países periféricos ou em desenvolvimento, como o Brasil. (SCALCON, 2008). Este é um exemplo claro como a linguagem é capaz de expressar uma determinada realidade, dando a ela certa interpretação justificadora, sem considerar as condições de trabalho, a política de valorização, a própria prática predatória do sistema capitalista na história desses países (FREITAS, 1999).

Mas então, cabe-nos a questão: diante da teoria pedagógica neopragmatista não há espaços para uma proposta alternativa? Segundo MASSON (2009), estes espaços existem, e ao adotá-las teremos que fazer uma contraposição ao neopragmatismo, e para tanto, propõe uma concepção de formação sócio-histórica, que considere uma mudança num todo, com ações de curto, médio e longo prazo. E propõe a necessidade de voltarmos para as questões essenciais sobre a formação, as condições de trabalho e a valorização docente. Não será um caminho fácil, nem tampouco só de vitórias. Conhecer profundamente os modelos teóricos pedagógicos que são apresentados como as “melhores” opções, debatê-los e criticá-los é parte integrante desse processo. Um processo a ser construído com e pelos professores, nunca para os professores, ou sem a participação destes e de seus grupos, por eles organizados.

Enfim, dessa forma, o neopragmatismo se consolida dentro do Sistema Educacional brasileiro, e, além de uma Filosofia Educacional, fez-se presente como uma Teoria Pedagógica, articulada na prática docente, como uma “prática reflexiva” (PERRENOUD, 2002). Devemos, portanto considerar que a formação

de professores, vista anteriormente, está impregnada da concepção filosófica do neopragmatismo e, por orientar a prática do professor “profissionalizado”, se converte em teoria pedagógica. Mas o neopragmatismo não se limita em apenas orientar a prática do professor, ele está presente, com todos os seus pressupostos, nos documentos oficiais produzidos nas últimas décadas, orientando assim, todas as políticas públicas de Educação. A leitura atenta e analítica desses documentos se faz necessária, para que possamos compreender os traços neopragmatista neles presentes.

Ao ler-se os documentos oficiais, quase todos elaborados a partir da orientação e condução do *Movimento Todos pela Educação*, de modo particular o Referencial Curricular para a Formação de Professores (BRASIL, 2002), as Diretrizes para a Educação Nacional (BRASIL, 1997b), as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1998), as Diretrizes para a Educação Profissionalizante em Nível Técnico (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1999), as Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica em Cursos de Nível Superior (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2001b) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia (BRASIL, 2006), vai-se apropriando do arcabouço da linguagem utilizado para a construção de uma “verdade”, flexível o quanto possível, temporária em sua essência e relativista o suficiente, visando ser aceita como “verdade” e “caminho único” para salvar a “Educação Brasileira” e garantir a construção de uma nova realidade que garanta a sobrevivência ou a implantação da nova forma de se reproduzir o Sistema Capitalista. Todos estes documentos estão dentro desse mesmo arcabouço de linguagem.

Assim sendo, o trabalho de Rosilane Campos (2002) é de grande valia na análise desses documentos, pois, como a própria autora diz, vai revelando a “tessitura” da proposta governamental, ou seja, como esse “tecido” educacional vai sendo “alinhavado”, “costurado”, não somente dentro do governo, mas dentro dos acordos de compromissos assumidos pelo governo brasileiro e as Organizações Internacionais. Esta “tessitura” constrói a Educação das últimas décadas, promovendo as “reformas” e conservando a “estruturas” sociais condizentes com o novo momento do capitalismo internacional, globalizado e neoliberal.

CONCLUSÃO

Como se demonstrou ao longo desta pesquisa, o neopragmatismo serve aos objetivos do neoliberalismo e se mostra bastante condizente com as suas necessidades de readaptar diante das crises do final da década de 1980 e 1990. Era preciso integrar os países subdesenvolvidos dentro da nova dinâmica de globalização que se impunha naquele momento. Nesse sentido era preciso uma nova forma de pensar que pudesse enfrentar os problemas de desigualdade social, de desemprego, de miséria e de baixo rendimento escolar presentes nesses países.

São necessários os compromissos desses países no sentido de mudar esta realidade, sem mudar as estruturas econômicas em que se baseiam as relações sociais estabelecidas. Assim a Filosofia Pragmática, traria uma nova possibilidade de leitura e elaboração de um discurso sobre a realidade que pudesse envolver os Organismos Internacionais (UNESCO, UNICEF, ONU, Banco Mundial, FMI) e atrelar a exigências para que estes países pudessem implantar as reformas necessárias, dentro dos limites estabelecidos, para se alcançar a reprodução do próprio sistema capitalista e assegurar a integração na dinâmica do mundo globalizado.

Vimos, no caso brasileiro, que o governo buscou se adequar e desenvolveu uma série de mudanças nas políticas educacionais, através dessas mudanças na política de formação de professores, através dos cursos de pedagogia, na elaboração de documentos oficiais, como as Diretrizes Curriculares, os Planos Nacionais de Educação e a adoção de políticas públicas que pudesse melhorar os índices de educação, medidos e analisados pelo Banco Mundial e pelos Sistemas de Avaliação Externo. Percebe-se também, que esta tarefa contou efetivamente com a participação de organizações não governamentais, filantrópicas, financiadas pela iniciativa privada, que, ao longo das últimas décadas, definiram os rumos da Educação Brasileira. Ficou evidente o papel do *Movimento Todos pela Educação* neste processo e como este direcionamento possibilitou a transformação da Filosofia Neopragmática em uma teoria pedagógica que pudesse orientar a prática profissional dos professores.

Por fim, existem inúmeras outras possibilidades de análise que se identificou durante a realização deste trabalho de pesquisa bibliográfica, como por exemplo: a questão dos debates sobre a formação de professores, ou a questão da “verdade” ou a produção de conhecimento, ou ainda a questão da representação da realidade no campo da linguística, e no campo da prática pedagógica, a questão da produção de conhecimento a partir da prática reflexiva. Ao se buscar compreender o processo pelo qual o neopragmatismo se converteu de Filosofia em Teoria Pedagógica, pôde-se perceber uma trajetória de desvalorização da profissão dos profissionais da Educação - de modo particular, os professores - uma vez que no processo de “profissionalização” deste “novo professor”, dentro da reinvenção neoliberal do capitalismo, é transformado em “operário” da educação ou, no dizer de SCALCON (2006), em um “prestador de serviços” na formação das futuras gerações, e ainda, poderá ser responsabilizado pelo insucesso do aluno a partir dos Sistemas de Avaliações Externas coordenados por Organismos Internacionais ou ainda pelos órgãos oficiais do governo, sem analisar as condicionantes como os investimentos, as condições de trabalhos, as políticas pedagógicas, ou políticas públicas mais amplas dentro do Sistema Educacional.

Referências Bibliográficas

BURBULES, Nicholas C.. Uma gramática da diferença: algumas formas de repensar a diferença como tópicos educacionais. In GARCIA, Regina Leite & MOREIRA, Antônio Flavio B. (Orgs.). **Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios**. São Paulo: Cortez. 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade. A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

BRASIL. Congresso Nacional. Decreto nº 3.276, de 6 de dezembro de 1999. Dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica, e dá outras providências. Brasília: CNE, 1999a. BRASIL. Ministério da Educação. Decreto nº 2.208 de 17 de abril de 1997. Regulamenta Lei 9.394 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1997b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/txt/dec2208.txt>>. Acesso em: 15/10/ 2023.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/legis/pdf/LDB.pdf>>. Acesso em: 15/10/ 2023.

BRASIL. Referencial curricular para a formação de professores. Brasília, 2002. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=48631-reformprof1&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192>>. Acesso em:10/09/2023

BRASIL. Plano Nacional de Educação. Brasília: MEC, 2001. Disponível em: <<http://www.google.com/search?q=plano+nacional+de+educa%C3%A7%C3%A3o&rls=com.microsoft.pt-br:IE-SearchBox&ie=UTF8&oe=UTF-8&sourceid=ie7&rlz=117GGLR>>. Acesso em: 12/10/ 2023.

CAMPOS, Rosilane de Fátima. **A reforma da formação inicial de professores da educação básica nos anos de 1990: desvelando as tessituras da proposta governamental.** 2002. 231 f. Tese (Doutorado) – Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em: <<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/82784>>>. Acesso em: 10/09/2023.

MASSON, Gisele. **Políticas de formação de professores: as influências do neopragmatismo da agenda pós-moderna,** Florianópolis, SC, 2009, 245 f. Tese (Doutorado) - Centro de Ciências da Educação. Programa Universidade Federal de Santa Catarina. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93077>>>. Acesso em: 15/09/2023.

FÁVERO, Altair Alberto. **Redescrição do mundo e educação.** 2006. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1125_2>>. Acesso em: 12/09/2023.

FREITAS, H. C. L. de. A reforma do Ensino Superior no campo da formação dos profissionais da educação básica: as políticas educacionais e o movimento dos educadores. **Educação & Sociedade**, v. 20, n. 68, p. 17–43, dez. 1999. Disponível em: <<<https://doi.org/10.1590/S0101-73301999000300002>>>. Acesso em: 12/09/2023

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

RORTY, Richard. **Objetivismo, relativismo e verdade.** Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002

RORTY, Richard. **Verdade e progresso.** Barueri, SP: Manole, 2005.

SCALCON, S. **A teoria na prática e a prática na teoria: uma experiência histórico-crítica.** 206f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003. Disponível em: <<<https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2003.290446>>>. Acesso em: 12/09/2023.

SHOOK, John R. **Os pioneiros do pragmatismo americano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 13, p. 5-24, 2000.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002a.

TARDIF, M. Os professores como sujeitos do conhecimento: subjetividade, prática e saberes do magistério. In: SILVA, A. M. M. et al **Didática, currículo e saberes**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002b. p. 112-128.

UM TAL PADRE CATURRA E O PROBLEMA DAS "FONTES" HISTORIOGRÁFICAS

DOI: 10.29327/2405920.1.13-8

Geraldo Fernandes Fonte Boa³⁸

Resumo:

O presente ensaio tem como objetivo principal, a partir do confronto de três textos, analisar as dificuldades na obtenção e no uso de fontes históricas provenientes da tradição oral, dos mitos e das lendas no exercício do historiador. Além de evidenciar como o uso indevido desta natureza de fonte, de forma isolada ou sem associação com fontes de outras naturezas podem inferir em afirmações não confiáveis no campo da pesquisa histórica. É importante salientar que o uso de fontes provenientes do “ouvir dizer”, das lendas e mitos são importantes para a pesquisa histórica, desde que associadas a fontes de outra natureza e dentro de determinado limites.

Palavras-chave: Pesquisa histórica, historiografia, fontes históricas, mitos, lendas, história de Minas Gerais.

Resume:

The main objective of this essay is, from the confrontation of three texts, to analyze the difficulties of obtaining and not using historical sources from the oral tradition, and also myths and legends, and not the historian's research. In addition to showing how the inadvertent use of this nature of source, in isolation or in association with sources of other natures, can infer from statements not considered in the field of historical research. It is important to note that the use of sources from hearsay, legends and myths are important for historical research, as they are associated with sources of another nature and within certain limits.

Keywords: Historical research, historiography, historical sources, myths, legends, history of Minas Gerais.

³⁸ Professor de História da Rede Pública Municipal, Professor Universitário de Filosofia e História da Educação, Graduado em Filosofia, Especialista em História e Mestre em Educação. Membro da Academia de Letras de Pará de Minas e da Academia Itauanense de Letras.

1. Introdução

O historiador José Carlos Reis, em seu *livro de bolso* denominado “O desafio historiográfico³⁹”, propõe nos uma questão interessante. A certa altura ele faz a seguinte pergunta: “A história, antípoda da ficção?”. E ao discorrer sobre o tema se a história seria contrária à ficção, inicia-se dizendo que “Desde Heródoto, o desafio historiográfico foi sempre o de lutar contra o erro, contra o falso, procurando produzir a verdade”, (REIS, 2010). E continua, “A história surgiu e continuou se legitimando como luta contra a fábula, lendas, mitos, falsos testemunhos.” (REIS, 2010). No entanto, no fluxo de seu texto, observa que a história “reivindica o estatuto de ciência” e quer ser considerada “antípoda da ficção”, ou seja, combatente e contrária à ficção. Assim, a história quer “imitar” a ciência com “controle da prova, a sua obsessão com o teste, a experimentação laboratorial” (REIS, 2010).

Apesar de todo o desejo e esforço feito em sua trajetória, que também é histórica, REIS (2010) reconhece que “A história jamais atingiu plenamente o seu objetivo de ser antípoda da ficção.” E buscando Michel de Certeau, afirma que “A história se deixa dominar pela ficção” porque a sua “reconstrução do passado disfarça a prática que a organiza” e “não revelam(sic) as condições de sua produção” e ainda “referem-se ao passado como se fossem autônomos em relação (...) aos problemas do presente”. (REIS, 2010).

Segue o autor analisando a própria “história da história”, seus desafios, embates, perspectivas e conclui, de certa forma que, “a identidade do conhecimento histórico dependeu, portanto, das alianças que a história estabeleceu ao longo dos séculos”, (REIS, 2010). Então, algo permanece. A história procura uma “verdade dentro do tempo” e busca mostrar a todos “aquilo que eles tentam esquecer” e, nesse sentido, a história e os historiadores são “malditos”, pois teimam em mostrar os “fracassos, decepções, frustrações,

³⁹ Fiz uso da versão virtual disponível em https://ler.amazon.com.br/kp/embed?linkCode=kpe&ref_cm_sw_r_kb_dp_PSGXyb2MC8RPW&asin=B01696Y3GA&tag=tpltrs-20&amazonDeviceType=A2CLFWBIMVSE9N&from=Bookcard&preview=newtab&reshareId=0NN710RBYS215KBF5M3P&reshareChannel=system, por isso sem citação de páginas.

traições” revelando, assim, “o transcurso, a passagem do seu ser ao novo ser.” (REIS, 2010).

Mas “o historiador não está condenado a registrar fatos, a constatá-los?” (REIS, 2010). Não. O historiador deve “raciocinar sobre eles, buscar a sua inteligibilidade, atribuindo-lhes sentido, pensando as possibilidades objetivas e seus desdobramentos” (REIS, 2010), considerando “caminhos possíveis”, num esforço constante de “organizar o passado em função do presente” (REIS, 2010). Se preferir, o trabalho do historiador consiste em ser “um trabalho dos vivos para acalmar os mortos” (REIS, 2010).

A História, em si, não é contra o mito, a lenda, a tradição oral, ou qualquer outra forma de ler o mundo, ficcional ou não. Mas, a leitura de mundo que a História faz, é de certa forma, contrária à leitura de mundo do senso comum, da tradição presente no mito, na lenda, na sabedoria popular e na tradição. Nesse sentido, o mito, a lenda, a tradição oral, podem ser utilizadas pela História como fonte, nunca exclusiva ou isolada, sempre confrontada com outras fontes, no trabalho da pesquisa. O historiador deve estar ciente e atento para o que está sendo dito nas lendas, nos mitos, na tradição oral, como uma forma de falsear a realidade e de dizer sobre este real, de forma camuflada. Não se pode subtrair de tais lendas afirmações conclusivas, mas apenas indícios que possam ser comprovados ou comparados por outras fontes. Este é o limite que se impõe.

Como em toda a sociedade, mitos e lendas sobre as Minas no Século XVIII são muitas⁴⁰. Estas histórias são fantásticas e fruto de habilidosos escritores ficcionais. São belíssimas criações literárias, mesmo que se utilize de alguns fatos e acontecimentos reais e verdadeiros. Mas estes fatos e acontecimentos, narrados literariamente nas lendas, não podem se transformar, para o historiador, em fatos verossímeis como se fossem reais ou verdades históricas absolutas. Isso porque são leituras de naturezas diferentes. E sem o

⁴⁰ Somente para citar alguns, temos o mito do Patafúfio em Pará de Minas, temos a lenda da mãe do ouro em várias regiões das Minas Gerais, o mito do Chico Rei e sua corte em Ouro Preto, a história fantástica de Ambrósio, do quilombo do Ambrósio na região do Campo Grande, sem contar outros tantos personagens lendários que fazem parte do imaginário popular. João Dornas Filho tem obra dedicada a vários crenças e mitos recolhidos em suas andanças por Minas Gerais em meados do século XX e estão em “Achegas de Etnografia e Folclore” que vale a pena conhecer.

devido cuidado, tais lendas acabam se tornando um empecilho na pesquisa histórica ou ainda serem utilizadas como arcabouço ideológico a serviço da legitimação de situação de poder ou de realidades virtuais a serem criadas por interesses pessoais difusos.

Uma dessas lendas que vem sendo utilizada como subsídio para o ofício de historiadores é “Quilombolas: Lenda Mineira Inédita”, publicada pelo jornalista, poeta e literato acadêmico da ALM (Academia de Letras de Minas Gerais) José Joaquim do Carmo Gama. Esta “história fantástica” encontra-se publicada na Revista do Arquivo Público Mineiro⁴¹, Volume 9, fascículo 3, de 1904, páginas 827 até 866.

Analisadas do ponto de vista literário, as lendas mineiras podem ser consideradas uma riqueza que expressa a criatividade deste povo. Mas são narrativas literárias, ficcionais, provenientes do senso comum. Somente isso. A utilização de tais narrativas como subsídio historiográfico deve ser feito com muito critério e cuidado de cuidados, pois como citado anteriormente, são de natureza diferentes do discurso e da finalidade da pesquisa histórica. Deve-se ter em mente que o historiador deve “raciocinar sobre” esses fatos e acontecimentos, buscando “sua inteligibilidade, atribuindo-lhe sentido, pensando as possibilidades objetivas e seus desdobramentos”. (REIS, 2010).

Nesse sentido, encontramos uma boa análise crítica⁴² da lenda “Quilombolas: lenda mineira inédita” de Carmo Gama. Muito bem redigida por seu autor, o pesquisador Tarcísio José Martins, que além de apontar as ficções criadas pelo literato Carmo Gama, alerta para a necessidade de separar os campos das pesquisas históricas e o campo da ficção. Ao final de sua crítica, este autor aponta para a necessidade de lembrar a responsabilidade das Universidades Públicas em sua missão de se produzir uma história como ciência; como uma instituição capaz de se produzir a história de nós mesmos. Neste sentido, esta crítica feita por Martins (2002) deve ser entendida como um brado

⁴¹ Pode ser acessado através do endereço eletrônico a seguir:

<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=420&op=1>.

⁴² Estudos Críticos feitos pelo Pesquisador Tarcísio José Martins ao artigo QUILOMBOLAS - Lenda Mineira Inédita – Carmo Gama, disponível no site www.mgquilombo.com.br desde o ano de 2002.

em defesa da seriedade da pesquisa histórica, e, de modo específico, da pesquisa que ele realiza sobre a história da população negra do século XVIII, particularmente sobre a história do Quilombo do Campo Grande. Tarcísio José Martins é pesquisador incontestado dos quilombos em Minas Gerais e tem suas obras bem fundamentadas em fontes primárias e secundárias.

Diante do exposto, o objetivo do presente ensaio se apresenta. Qual o lugar do mito e das lendas frente ao rigor da pesquisa histórica? Que armadilhas podem representar o uso dos saberes populares, do senso comum, e mais especificamente das lendas e mitos no exercício do historiador? Como garantir a preparação dos novos historiadores ou estudantes dos cursos de história de nossas universidades (cada vez mais escassos) quanto ao uso das fontes de pesquisa? E o que isso representaria para os profissionais de outras áreas do conhecimento (sociólogos, advogados, engenheiros, médicos, etc.) que se *aventuram* como pesquisadores que, sem os instrumentos teóricos da historiografia, partem para o campo da pesquisa, afoitos em encontrar respostas e acabam por encontrar, nessas lendas, elementos para fazerem suas afirmações?

Para atingir tais objetivos, este ensaio apresenta a análise de três artigos publicados na área da pesquisa histórica. Não se pretende e nem temos o interesse em diminuir ou engrandecer estas produções, nem seus autores, mas apenas demonstrar como pode surgir inconsistência na produção historiográfica se não tiver clareza sobre o uso dos fatos e acontecimentos que se tem em mãos. A seleção destes textos aqui analisados, deu-se devido ao uso comum da mesma lenda, em sentidos completamente opostos. O primeiro texto que se nos impõe é o texto lendário, ou seja, o “Quilombolas: lenda mineira inédita” de Carmo Gama, de 1904. O segundo texto é o “Estudo Crítico de Quilombolas: lenda mineira inédita de Carmo Gama” de autoria de Tarcísio José Martins, que além de apontar os equívocos presentes no texto de Carmo Gama, descarta-o totalmente como fonte histórica, e o terceiro utiliza o mesmo texto de Carmo Gama como a única fonte na confirmação de suas afirmações, trata-se do texto “Custódio Coelho Duarte, meu pentavô” de Edward Rodrigues da Silva, publicado na Revista da ABRASP.

Em primeiro lugar fez-se um estudo de cada um dos textos, e elaborou-se uma apresentação sumária dos mesmos e de seus autores. Em seguida analisou-se texto de Edward Rodrigues da Silva confrontando as informações contidas nos dois primeiros textos, como se realizasse um “estudo de caso” e, finalmente, fez-se um apanhado conclusivo e por fim, indicou-se aos leitores algumas sugestões de temas da história local da cidade de Itaúna, de aspectos desta história que já foram estudados por historiadores deste município e que também utilizam da tradição oral como fonte de pesquisa, mas que não apresentam outras fontes para suas afirmativas e que, por isso, precisam ser estudadas com maior critério e rigor.

2. Os autores e seus textos

Uma vez selecionados os textos para a análise, percebe-se quem são seus autores e como esses textos foram estruturados e do que tratam. Esta apresentação não dispensa a leitura integral dos textos, afinal é uma oportunidade excelente para o conhecimento das memórias de nossas “Minas Gerais”.

2.1 Carmo Gama e seu “Quilombolas: lenda mineira inédita”

José Joaquim do Carmo Gama, nasceu no ano de 1860 na cidade de Baependi, MG, e faleceu em Rio Claro no ano de 1937, com 77 anos. Foi poeta, contista, teatrólogo, tradutor, jornalista e tabelião. Foi o fundador da Cadeira de nº 13 da Academia Mineira de Letras, cujo patrono, escolhido por ele foi José Pedro Xavier da Veiga, que pelo que consta era de sua grande admiração. Sua produção literária consta de 17 obras, sendo em sua maior parte, no campo da poesia. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e correspondente do Arquivo Público Mineiro. No site do Arquivo Público encontramos, de sua autoria, a apresentação da obra “Contribuição para o estudo da Zoologia do Brasil” de autoria Manuel Bazílio Furtado, de 1902, “Comendador José Pedro Xavier da Veiga” de 1911 e o “Resumo histórico de Rio Claro em 1926”, além do “Quilombolas: lenda mineira inédita” publicado em 1904, alvo deste ensaio.

Quanto a sua obra “Quilombolas: lenda mineira inédita” foi produzida a partir de um manuscrito de *Janoário Pinto Moreira*, que lhe foi presenteado pelo seu parente e amigo, o Pe. Euzébio Nogueira Penido, que na época (por volta do ano de 1900) era vigário em Itatiaiuçu, MG (na grafia da época, Itatiay-ussu). Na introdução afirma que ele organizou literariamente o manuscrito preservando o pano de fundo das informações do dito *Janoário*. A história se dá sem uma precisão de data, embora o autor a contextualize quando da expulsão dos padres da Companhia de Jesus do Reino de Portugal por Sebastião José de Carvalho, o Marquês de Pombal, ocorrido em 03 de setembro de 1759. A história ocorre na região de Araxá, onde os personagens principais são dois padres Jesuítas, o Padre Caturra e o Padre Custódio Coelho Duarte. Padre Caturra era o ex-senhor de um escravo a quem liberta, de nome Ambrósio que, após sua liberdade torna-se líder de um grande quilombo na Região de Araxá, o quilombo do Tengo-Tengo. Querendo os Jesuítas descansarem de suas lidas sertanejas resolvem deixar a região e vendendo a Ambrósio seus escravos e bens partem em direção a Villa Rica. E no caminho, chegando a Santanna do Rio São João Acima (hoje Itaúna) os dois padres se separam, seguindo o Padre Caturra, como padre secular, para o Rio de Janeiro, e em Santanna ficou Padre Custódio. Padre Caturra, por cobiça, entra para o negócio de comércio em África - comércio de escravo - e parte para aquele continente. Nesta viagem são atacados por piratas e torna-se escravo. Graças à ação do governo Português foi resgatado do cativo e levado à corte e de lá retornou ao Brasil, chegando a Villa Rica onde tornou-se soldado raso. E finalmente se envolve na expedição para atacar o quilombo do Tengo-Tengo, onde assiste a destruição do seu ex-escravo. (Então, é um ex-senhor de escravo, que liberta um de seus escravos, que se torna comerciante de escravo e se torna escravo e depois está em uma expedição de combate ao um quilombo de seu ex-escravo, fascinante, não?!) Enquanto tudo isso acontecia na vida do Padre Caturra, o autor desenvolve o contexto da traição ocorrido no Quilombo do Tengo-tengo que será alvo do ataque das autoridades coloniais, até sua completa destruição. Esta é a história, sumária, desta produção literária. Claro que merece uma leitura completa, para perceber a criatividade do escritor Carmo Gama.

2.2 Tarcísio José Martins e sua "Crítica ao Quilombolas: lenda mineira inédita"

Tarcísio José Martins, nasceu em Moema - MG, embora tenha sido criado em Uberaba-MG. Durante o ensino médio vai com a família para São Paulo. Tornou-se operário, bancário e auditor fiscal. Entrou para a faculdade e graduou-se em Direito na Universidade de São Paulo, no ano de 1982. No ano de 1987, publica o livro Moema - Origens do Doce. Em 1990, abandonou sua carreira de auditor fiscal para dedicar-se às pesquisas do Quilombo do Campo Grande e trabalhar como advogado autônomo. Deste trabalho nasceu o livro "Quilombo do Campo Grande - A História de Minas Roubada do Povo" publicado em 1995, baseado em árduas pesquisas em arquivos primários e atenta comparação com bibliografias consagradas. No ano de 2002 criou o site denominado "mgquilombo", no qual publica seus artigos, fotos e documentos referentes ao Quilombo do Campo Grande. Tarcísio José Martins está em plena atividade nos estudos e pesquisa sobre os quilombos em Minas Gerais e, certamente, é uma das maiores autoridades no assunto. Dentre os textos disponíveis no referido site está a "Crítica ao Quilombolas: lenda mineira inédita".

A obra "Estudos Críticos ao Quilombolas: lenda mineira inédita" tem um foco principal em destacar os equívocos presentes no texto literário de Carmo Gama. Nesse sentido, sua estrutura é de análise crítica seguindo os pontos principais do texto criticado, apontando principalmente os aspectos que causam embaraço no estudo do quilombo do Ambrósio. Devemos considerar que as críticas apresentadas por Tarcísio José Martins, podem se configurar como uma defesa de seus estudos sobre o Quilombo do Campo Grande. Por este mesmo motivo, sua crítica é muito bem fundamentada e documentada. Acredita-se que vale a pena, um estudo comparativo entre estes dois textos, que podem, por si só, ser muito importante para se conhecer a própria história sobre os quilombos em Minas Gerais. Ressalta-se, no entanto, que o autor chega a descartar o uso de lendas e mitos, e até da tradição oral, para a pesquisa histórica.

2.3. Edward Rodrigues da Silva e seu "Custódio Coelho Duarte: meu pentavô"

Embora sendo este escritor e pesquisador atuante na história regional de Itaúna, podemos classificá-lo como um genealogista, afinal esta é sua área de

maior atuação. Tem sua origem em Itaúna, MG e foi colaborador do Instituto Maria de Castro Nogueira, fundado por Dr. Guaracy de Castro. É graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais e tem 07 artigos publicados na revista da Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia, todos abordando os estudos de genealogia. Dentre seus textos publicados na Revista da ASBRAP, está “Custódio Coelho Duarte: meu pentavô” no qual faz a defesa de que este Custódio, seu pentavô, se referia ao Padre Jesuíta Custódio Coelho Duarte descrito na obra de Carmo Gama.

O texto de Edward Rodrigues da Silva, “Custódio Coelho Duarte: meu pentavô” pode ser dividido em três partes distintas. Na primeira parte, o autor faz a transcrição, excelente por sinal, do testamento de Custódio Coelho Duarte. Já na segunda parte, o autor procura comprovar que o referido Custódio Coelho Duarte, seu pentavô, antes de se tornar patriarca da família “Coelho Duarte” era o referido Padre Jesuíta que se separou do Padre Caturra e que ficou em Santana do Rio São João Acima, e que está na história do texto lendário de Carmo Gama. Lembrando que, ambos os padres, estavam fugindo da perseguição do Marquês de Pombal e que se refugiaram no sertão mineiro. É aqui que se encontram os equívocos que se pretende estudar neste ensaio. E, finalmente, na terceira parte, o autor elabora minuciosa genealogia da família de “Coelho Duarte”, também digna de louvor.

Então, a situação é a seguinte. O texto central e comum dos outros dois textos é o texto de Carmo Gama, “Quilombolas: lenda mineira inédita”. De um lado temos o historiador Tarcísio José Martins com seus “estudos críticos” que acaba por descartar o uso de mitos e lenda na produção historiográfica, e por outro, o pesquisador e genealogista Edward Rodrigues da Silva, que utiliza a lenda como fundamento, único como será demonstrado, para fazer suas afirmações, ou como comprovação de sua hipótese.

Por isso, é que tais textos e autores oportunizam olhar para o problema da escolha das fontes históricas para a realização das pesquisas. Há que se agradecer a esses autores por esta oportunidade. Os trabalhos são importantes para o progresso do conhecimento de nós mesmos. Salienta-se, no entanto, que a verdade histórica é sempre temporária, e pode, a qualquer momento ser

interpretada e reinterpretada, desde que se considere as fontes que lhes dão sustentação e as demandas do presente. Isso não diminui a história como ciência. Ao realizar este estudo de caso, espera-se demonstrar como os trabalhos valorosos dos pesquisadores podem, se não considerar os princípios que regem a pesquisa história, ou seja, a historiografia, podem trazer mais dúvidas do que certezas, ou ainda gerar interpretação inconvenientes ou mesmo imprecisões ou caminhos tortuosos na construção do conhecimento histórico.

Muitos aspectos do texto lendário não serão apresentados aqui neste ensaio. Escolheu-se nos deter em um pequeno fragmento dos “Estudos Críticos...” de Tarcísio José Martins, que convida a ver o texto de Edward Rodrigues da Silva, no qual realizou-se o escopo deste ensaio, tendo o texto de Carmo da Gama, como ponto de convergência.

Os equívocos

Deter-se-á em uma passagem do texto “Estudos Críticos ao Quilombolas: lenda mineira inédita”, de Tarcísio José Martins, e das notas de rodapé, deste fragmento para realizar o estudo de caso do texto de Edward Rodrigues da Silva. Acredita-se que tal fragmento é suficiente para demonstrar o objetivo, qual seja: Que tipo de dano isso poderia provocar? Quanto trabalho ter-se-ia para corrigir tais equívocos?

O fragmento a ser analisado do texto de Tarcísio José Martins é o que segue:

Há dois padres jesuítas na história: “Portugueses ambos, Caturra e Custódio Coelho Duarte”. Ambos os padres, após o rompimento de Ambrósio com a capital jesuítica (hoje, Indianópolis) foram para o Tengo-Tengo (Ibiá/Campos Altos). “Cansados daquela vida sertaneja ou visando maior glória e mais fortuna, quiseram retirar-se”. Ambrósio comprou-lhes seus escravos e cumulou-os de presentes, principalmente a Caturra, seu ex-senhor. Dali, seguiram para Vila Rica, sendo que, passando por Sant’Ana de São João (Itaúna), os padres se separaram, pois Caturra seguiu e Custódio ficou em Itaúna. No livro História de Itaúna, consta, em 1841-2, presença de um certo Custódio Coelho Duarte e, em 1884 (42 anos depois), a presença de um capitão Custódio Coelho Duarte (Ver História de Itaúna, p. 5, 86 e 177). Seriam descendentes do tal padre jesuíta? João Dornas – segundo Miguel Augusto – sugeriu que esse padre poderia ter construído a primeira capela de Itaúna (Nossa Senhora do Rosário). (MARTINS, 2002, p.2)

Observa-se que o autor transcreve grande parte do texto de Carmo Gama, próprio da lenda, e veja que ao final o autor ainda afirma que o Padre Custódio Coelho Duarte e já levanta a hipótese de que seja descendente do “tal padre jesuíta” e ainda que seria responsável pela construção da Capela de Nossa Senhora do Rosário de Itaúna. Esta capela, atualmente Capela do Rosário, segundo os historiadores do município⁴³, foi erigida entre os anos de 1750 e 1765 como Matriz de Santana de São João Acima. No ano de 1853, graças à ação dos frades missionários Barbôneos, ocorreu a troca das Igrejas⁴⁴ e se construiu um novo templo, maior, sobre uma outra capela - de Senhora do Rosário dos pretos, que passou a ser de Senhora Santana.

Acompanhando este texto estão algumas notas de rodapé. A primeira nota de nossa análise é a nota de número 8 do texto original é tem o seguinte teor:

“Sempre desconfiei de erro na citação “um frade terceiro, por nome fr. José de Jesus por alcunha o Catarro” contida em Relatos Sertanistas, Taunay, Itatiaia-Edusp, 1981, p. 86 e Dicionário Histórico e Geográfico de Minas Gerais, de Valdemar de Almeida Barbosa, p. 362. Isto se confirmou: a novíssima edição do Códice Costa Matoso, p. 257, traz a correção para, o Caturra. Em 3 de janeiro de 2002, tive os originais em mãos e confirmei. É mesmo Caturra. Mas, que conotação poderia haver entre “um frade terceiro” que, em 1694 dizia missas para os bandeirantes e pioneiros do arraial do Guarapiranga, “por nome José de Jesus, por alcunha o Caturra”, com o mencionado pe. Caturra do folhetim de Carmo Gama? Neste mundo, nada se cria, tudo se copia. Pelo menos o falecido Xavier da Veiga que estudou na Academia de Direito, em São Paulo, pode ter tomado contato com os originais do Códice Costa Matoso. Isto, no entanto, levaria a versão real dos acontecimentos para o ano de 1746... em Arcos-Formiga-Cristais... será?.” (MARTINS, 2002, p.2).

Nesta nota, o autor trata-se da alcunha (apelido) do frei José de Jesus⁴⁵. Quanto a este Padre Caturra parece não haver nenhuma ligação com os acontecimentos narrados no “Quilombolas...” de Carmo Gama e tão pouco com a presença do Pe. Caturra no distrito de Santana do São João Acima, visto que, conforme o Códice Costa Matoso, este Caturra se encontrava em Guarapiranga.

⁴³ João Domas Filho, Miguel Augusto Gonçalves de Souza, Guaracy de Castro Nogueira, dentre outros.

⁴⁴ Destacamos que nenhum historiador apresentou algum documento que autorizasse a referida troca destes templos. Não seria necessária uma autorização episcopal? Houve autorização? Onde está? Seria esta uma informação no “ouvir dizer”?

⁴⁵ O nome deste frei foi confirmado por Valdemar de Almeida Barbosa na edição do Códice Costa Matoso, p. 257, e pelo próprio Tarcísio José Martins no ano de 2002.

Veja agora a nota de nº 9,

É mais um equívoco criativo do autor: Tanto em 1746, quando o Ambrósio ficava em Cristais, como em 1758-1760, quando o Ambrósio já estava em Ibiá, nenhum caminho, vindo desses lugares com destino a Vila Rica, passava por Sant'Ana de São João Acima (Itaúna). A não ser que esse destino incluísse a passagem por Pitangui. Mesmo assim é duvidoso. Porque será que o tal Carmo Gama “quis levar os padres” para Itaúna?

Aqui, o que interessa diz respeito à impossibilidade de ligação do caminho de Tengo-Tengo, na região de Ibiá, até a capital da província, Villa Rica, porque este caminho não passa necessariamente por Santana de São João Acima, onde os dois jesuítas se separam.

Analisando a terceira nota, que é a nota de número 10, de Tarcísio José Martins:

“Encontrei, em 1781, requerimento de homônimo, Custódio Coelho Duarte, capitão da Companhia Auxiliar de São Caetano, no termo da cidade de Mariana, solicitando sua confirmação no exercício do posto. AHU – Cons. Ultra. Brasil/MG, Cx. 117, doc. 41 Inventário MARMG-AHU, Col. Mineiriana, v. 2, p. 199. (?)” (MARTINS, 2002, p. 3)

Aqui o autor afirma que encontrou um Custódio Coelho Duarte através de um requerimento datado de 1781, como capitão auxiliar de São Caetano no termo da cidade de Mariana⁴⁶. Segundo Edward é o mesmo Custódio Coelho Duarte, embora afirma que sua patente se encontra arquivada no Arquivo Público Mineiro, datado de 1779, ou talvez seja outro Custódio Coelho Duarte, e, neste caso precisaria maiores pesquisas.

Visando clarear um pouco mais sobre o referido Capitão Custódio Coelho Duarte, como o suposto colega do Padre Caturra, que ficou em Santana do São João Acima, o pesquisador itaunense, Edward Rodrigues da Silva diz, em artigo intitulado “Custódio Coelho Duarte, meu pentavô, publicado na Revista da ABRASP⁴⁷, além de transcrever todo o Testamento de Custódio Coelho Duarte e apresentar a genealogia deste Custódio em Itaúna, afirma, categoricamente, que “pelas evidências e fatos” trata-se do mesmo padre Custódio Coelho Duarte, companheiro do Padre Caturra. No entanto, quando se percorre o restante do texto percebe-se que este pesquisador se baseia unicamente no texto de Carmo

⁴⁶ AHU - Cons. Ultram. Brasil/MG, Cx. 117, doc. 41, Inventário MARMG-AHU, Col. Mineiriana, vol.2, p. 199.

⁴⁷ Revista ABRASP, nº 18, p. 111- 160. Disponível em:

Gama, ou seja, o texto “Quilombolas: lenda mineira inédita”, e como se percebe trata-se de uma fonte frágil e ficcional e, portanto, não serve como referência que assegure a verdade de tal fato. Daí cair em erro considerar que Custódio Coelho Duarte, seja o antigo padre Jesuíta, colega de Padre Caturra.

Antes, porém, de passar para a análise de outra nota do autor Tarcísio José Martins, cabe aqui mais uma reflexão. Considerando que a afirmativa feita por Edward Rodrigues da Silva seja verdadeira, mesmo não tendo fundamento sólido para tal afirmação, observa-se nas informações do próprio Edward, quando este afirma que a Genealogia pode assegurar as verdades dos fatos, e que, portanto, afirma que nascera em Portugal no ano de 1737 (p.123), considerando que tenha entrado para a Ordem da Companhia de Jesus aos 10 anos, uma vez que o próprio autor não apresentou, nem documentação primária, nem secundária, que comprove; deve ter recebido a ordem por volta 1757, com 20 anos de idade, vindo para o Brasil, por volta de 1757 e já, por infelicidade, já teve que fugir para os “sertões⁴⁸”, e continuando com as informações do pesquisador Edward, nas quais afirma que o referido Custódio Coelho Duarte casou-se, sem nenhum impedimento, mesmo sendo ele clérigo, com sua prima, Angélica Nogueira Duarte (pág. 122) sendo ele com idade de 53 anos, e se sua data de nascimento está correta, ocorreu no ano de já no ano de 1790, e neste mesmo ano nasce o seu filho mais velho. O autor, mais uma vez, não apresenta as licenças para o casamento, sendo obrigatório quando os noivos são parentes próximos. Torna-se proprietário de fazendas na região de Betim, Santanna do Rio São João Acima, foi juiz de paz e capitão. Ou seja, parece que não estava preocupado em se esconder. Faleceu, segundo o pesquisador Edward e seu testamento no ano de 1830, ou seja, com 93 anos (uma idade surpreendente para a época, mas possível). Finalmente deve-se ter cuidado para não confundir com outro Custódio Coelho Duarte, filho de Camillo Coelho Duarte e sua mulher Maria Custódia Nogueira Penido, portanto, neto do primeiro Custódio.

Para encerrar sobre o mistério envolvendo Custódio Coelho Duarte, Tarcísio José Martins, afirma que encontrara no livro História de Itaúna, em 1841-

⁴⁸ Caso queira aprofundar no que pode ser entendido por Sertões, sugerimos, para ficar com a mesma fonte utilizada por Edward, ler a pesquisa de Doutorado de Márcia Sueli Amantino intitulada, “O Mundo das Feras – Os Moradores do Sertão Oeste de Minas Gerais”, disponível na Internet.

2, a presença de um certo Custódio Coelho Duarte e, em 1884 (42 anos depois), a presença de um capitão Custódio Coelho Duarte (Ver História de Itaúna, p. 5, 86 e 177). Embora careça de verificação, acreditamos que se trata de Custódio Coelho Duarte, neto do patriarca “Coelho Duarte”, filho de Camillo e Maria Custódia. Este neto com o mesmo nome de seu avô está descrito pelas pesquisas do próprio Edward Rodrigues da Silva.

Mas falta analisar ainda duas outras notas de rodapé. A nota de número 11: “Como dizia o velho Chacrinha: “neste mundo nada se cria, tudo se copia”. Evidente que são nomes que povoaram a infância do autor, agora, utilizados em sua ficção. Será?” (MARTINS, 2002, p. 3)

Aqui o autor chama a atenção para o perigo de se copiar, sem análise de procedência, e que tal prática reforça os erros históricos. Neste caso, Tarcísio está levantando a hipótese de que o autor do manuscrito *Janoário Pinto Moreira*, tenha errado no nome do Padre Jesuíta como sendo o tal Custódio Coelho Duarte. Trata-se de uma possibilidade, que não se tem como confirmar. E finalmente, analisando a última nota, ou seja, a nota de número 12 transcrita abaixo:

Entendo que esses padres nunca existiram, sendo mera criação do incógnito autor. Luís Palacín, em “Subversão e Corrupção – Um Estudo da Administração Pombalina em Goiás”, Goiânia-1983, citando História da Cia. De Jesus no Brasil, de Serafim Leite, informa que “os dois primeiros jesuítas chegaram a Goiás em 28 de novembro de 1749” – p. 9; que, o governador enviou “o pe. José de Castilho para fundar a aldeia de Santana do Rio das Velhas com os bororos do coronel Antônio Pires de Campo (1750)” – p. 10. Morto Pires de Campo (1751), substituído pelo bandeirante João de Godoy, há evidência de que pastor da Aldeia de Rio das Velhas passou a ser o pe. Estevão de Souza. Todos eles fugiram em 1759. Os dois últimos padres da Aldeia do Rio das Velhas, Manoel da Cruz e Francisco José, teriam fugido em fins de 1759, chegando em São Paulo em janeiro de 1760, indo, dali, para o Rio de Janeiro. A Igreja na História de São Paulo, p. 128.(MARTINS, 2002, p.3)

Aqui o autor descarta categoricamente a existência destes jesuítas, sendo tudo obra da ficção de Carmo Gama. Se tais padres não existiram, sendo apenas uma criação ficcional, então não se pode, nem se deve considerar a participação dos mesmos na construção da Capela do Rosário de Itaúna⁴⁹. Mas deixa-se claro que a Capela do Rosário, foi construída como matriz de Santana, tendo

⁴⁹ Ver DORNAS FILHO, João. Efemérides Itaunenses, 1951, p. 124.

inclusive pia batismal (próprio das matrizes) e sobre seu estilo arquitetônico ter sido em estilo jesuítico, não significa que tenha que ter algum jesuítico envolvido no processo. Estilo esse que foi desconfigurado com a reforma de 1929, conforme ensina João Dornas Filho⁵⁰.

Conclusões

O trabalho apresentado por Edward Rodrigues da Silva é sem dúvida um trabalho magnífico e contribui significativamente para a história particular da família “Coelho Duarte”, bem como para a família “Nogueira” de Itaúna. Outro valor de suas contribuições está em apontar para a necessidade de se buscar fontes históricas primárias para fazer as assertivas históricas, ficando evidente que tais fontes não são de fácil acesso à grande parte da população, visto que nem tudo está organizado, e nem disponível para pesquisa. E mesmo assim, quando se tem acesso a tais provas, elas nem sempre confirmam as hipóteses levantadas. Mas lembrando que refutar as hipóteses levantadas são resultados importantes no desenvolvimento de uma pesquisa.

Nesse sentido, percebe-se que as buscas realizadas nos arquivos eclesiásticos e nos arquivos públicos não obtiveram êxito em confirmar a hipótese levantada a partir do texto lendário de Carmo Gama, e por isso, o autor de “Custódio Coelho Duarte, meu pentavô” **não poderia fazer a afirmação** de que o patriarca da família “Coelho Duarte” era o Padre Jesuíta da lenda. Além disso, conforme se deduz do seu inventário, sua patente, os registros de nascimento de seus filhos e sua presença na vida pública de Santana de São João Acima, além de ser de significativa importância para a história de sua família, não parece ser prudente para quem deseja se esconder da perseguição do Reino. Não faz sentido, no entanto, ligá-lo a uma histórica ficcional no sentido de dar a ele maior grandeza e mérito. Assim, desvinculá-lo da lendária história de Carmo da Gama, não reduz sua importância e sua grandeza para a história do município, muito pelo contrário.

⁵⁰ Ver DORNAS FILHO, João. Itaúna: Contribuições para a História do Município. 1936, p. 15

Pode-se analisar e discutir sobre as consequências deste “erro”, ou do mal uso das fontes históricas para a fundamentação de hipóteses. Acredita-se que, neste caso, os danos não se restringem à família “Coelho Duarte”, mas também se estendem para a história do município de Itaúna - e de qualquer outra cidade, ou nação -, uma vez que os historiadores João Dornas Filho, Miguel Augusto Gonçalves e Edward Rodrigues da Silva, colocam este personagem como construtor da Capela de Nossa Senhora do Rosário. Isso não se pode afirmar. Não há outras fontes que confirmam tal hipótese, a não ser a lenda de Carmo Gama.

Considerando que Padre Caturra e Padre Custódio Coelho Duarte, como afirma Tarcísio José Martins em sua nota, não existem - até que se prove ao contrário – pode-se partir a real valorização do que realmente já se sabe, tanto sobre o patriarca da família de Custódio Coelho Duarte, bem como da construção da atual Capela do Rosário.

Fica, portanto, claro, a partir das análises aqui realizadas, que a pesquisa histórica, por sua natureza própria, não deve utilizar passagens lendárias de forma isolada, ou sem o confronto com outras fontes, para se fazer afirmações sobre “o que é ou o que não é” verdade histórica. Conclui-se também que a produção dos textos históricos pode utilizar de figuras de linguagem no sentido de tornar os textos mais palatáveis para os leitores, mas sem “abrir mão” do rigor científico da História.

Outro aspecto importante é realmente saber se os apontamentos do referido Januário Pinto Moreira, que foram utilizados como base para a produção literária de Carmo Gama, existem ou não. E se existem, onde estão? Quem seria este tal Januário Pinto Moreira? Onde viveu, estudou, trabalhou? Tarcísio José Martins afirma que Miguel Augusto Gonçalves de Souza, em sua História de Itaúna, diz quem é este Januário Pinto Moreira. Seria isso mesmo? Trata-se da mesma pessoa? São questões, assim como tantas outras, que precisariam ser elaboradas e investigadas.

Referências Bibliográficas

AMANTINO, Maria Sueli. Tese de Doutorado intitulada, “**O Mundo das Feras – Os Moradores do Sertão Oeste de Minas Gerais**”. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

DORNAS FILHO, João. **Itaúna**: Contribuição para a História do Município. Belo Horizonte, 1936, Gráfica Queiroz Breyner Ltda.

DORNAS FILHO, João. **Efemérides itaunenses**. Belo Horizonte: Edições João Calazans, 1951, (Coleção Vila Rica, nº 3).

GAMA, Carmo. Quilombolas: lenda mineira inédita. Belo Horizonte: **RAPM**, Volume 9, Fascículo 2, 1904. Disponível em:

<<<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=420&op=1>>>. Acesso em 03/01/2021.

MARTINS, Tarcísio José. **Estudo Crítico ao artigo Quilombolas - Lenda Mineira Inédita – Carmo Gama**. 2002. Disponível em: <<www.mgquilombo.com.br>>. Acesso em: 02/01/2021.

REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2010. (Col. FGV de bolso - Serie História). Disponível

em:<<https://ler.amazon.com.br/kp/embed?linkCode=kpe&ref_=cm_sw_r_kb_dp_PSGXyb2MC8RPW&asin=B01696Y3GA&tag=tpltrs-20&amazonDeviceType=A2C-LFWBIMVSE9N&from=Bookcard&preview=newtab&reshareId=CSJJC2VNNR98HRZT2ENM&reshareChannel=system>>. Acesso em 03/01/2021.

SILVA, Edward Rodrigues da. Custódio Coelho Duarte: meu pentavô. **Revista ASBRAP**, nº 18, 2001, p. 111-166. Disponível em: . Acesso em: 03/01/2021.